

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

CRISTINA CORDEIRO ALVES

**“POSSO MORRER PELO MEU TIME”: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA
RIVALIDADE CLUBÍSTICA ENTRE GRÊMIO E INTERNACIONAL E A SUA
RELAÇÃO COM AS VIOLÊNCIAS NO FUTEBOL**

Porto Alegre, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

CRISTINA CORDEIRO ALVES

**“POSSO MORRER PELO MEU TIME”: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA
RIVALIDADE CLUBÍSTICA ENTRE GRÊMIO E INTERNACIONAL E A SUA
RELAÇÃO COM AS VIOLÊNCIAS NO FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia

Orientador: Professor Doutor José Vicente Tavares dos Santos

Porto Alegre, 2014.

CRISTINA CORDEIRO ALVES

**“POSSO MORRER PELO MEU TIME”: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA
RIVALIDADE CLUBÍSTICA ENTRE GRÊMIO E INTERNACIONAL E A SUA
RELAÇÃO COM AS VIOLÊNCIAS NO FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. José Vicente Tavares dos Santos (PPGS/UFRGS - orientador)

Professor Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (PPG em História da UFRGS)

Professor Dr. Fernando Coutinho Cotanda (PPG em Sociologia da UFRGS)

Professor Dr. Alex Niche Teixeira (PPG em Sociologia da UFRGS)

Ao meu avô, José Machado Alves, aos meus pais, Maria Lucia Cordeiro Alves e Jorge Luiz dos Santos Alves, à minha avó, Cliceria dos Santos Alves e aos torcedores e torcedoras do Rio Grande do Sul.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo aos torcedores que se disponibilizaram a fazer parte desta pesquisa, tornando-a possível. Aos amigos e amigas, Nilmar, Rodrigo Rysdyk e Julia Rosa Bernardes, assim como aos meus irmãos, Cassiano e Rodrigo, que propiciaram a inserção em campo desta jovem pesquisadora. Sem vocês, campeões gremistas, esta dissertação não teria se realizado.

Agradeço especialmente ao meu orientador, José Vicente Tavares dos Santos, por ter aceitado a tarefa de me orientar e por ter me proporcionado uma convivência acadêmica imensamente gratificante. Aprendi muito nas conversas informais e nas interações com os colegas do Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania (GPVC), mas quero agradecer principalmente a ti, José Vicente, por ter me ensinado que estudar a temática da violência é também acreditar num mundo de paz. Muito obrigada, Zé!

Agradeço especialmente à Professora Maíra Baumgarten, por ter contribuído com a minha trajetória na Sociologia, por ter me orientado na pesquisa de iniciação científica e por ter me estimulado a pensar sociologicamente. Suas contribuições na banca de qualificação auxiliaram no desenvolvimento desta dissertação.

Aos meus queridos e queridas colegas do GPVC, especialmente à Luciana Santos, que sempre esteve presente em todas as dificuldades, e à Rochele Fachinetto, pelas importantes orientações, o meu muito obrigada. Também não posso deixar de lembrar o Rafael Dal Santoe a Laura Zacher, queridíssimos colegas que sempre tinham uma palavra de estímulo e de demonstração de credibilidade.

À Regiane Accorsi, funcionária do Programa de Pós – Graduação em Sociologia (PPGS) e à Fabi, bolsista do PPGS, agradeço muito a disponibilidade e a atenção sempre dispensadas. Sempre foram muito queridas.

Aos professores e às professoras do PPGS e do departamento de Sociologia, em especial à professora Cinara Rosenfield, que sempre estava disposta a tirar as minhas dúvidas e contribuiu muito com a minha aprendizagem durante toda a graduação e a pós-graduação.

Também agradeço em especial ao professor Alex Niche Teixeira, por ter participado da banca de qualificação de projeto desta dissertação e pela constante orientação acadêmica.

Agradeço à Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possibilitou a realização desta pesquisa através da concessão de uma bolsa de estudos.

Aos meus adorados e adoradas colegas de mestrado, André, Ângela, Carol, Élen, Gisele, Maíra, Natália, Gerson, Felipe, João, Lucas Cunha, Lucas Coradini, Ezequiel e Maicon, reservo um agradecimento especial pelos dias de convívio cotidiano, pelo conhecimento adquirido e sempre compartilhado. O apoio e as contribuições de vocês foram fundamentais.

Agradeço pela alegria de conviver com meus amados e minhas amadas, Simone Gomes Costa, Fernanda Tussi, Raquel Soares, Marcela Sehn, Marcos Comte, Guilherme Perin e Felipe Prolo, companheiros de empreitada sociológica e antropológica. Vocês mantiveram a minha sanidade durante toda a pesquisa.

Meus amigos e amigas inseparáveis da Equipe Indiada, principalmente o Léo, a Magda, o Naza, o Carlos e a Maria, eu agradeço demais a compreensão e o apoio que vocês tiveram ao longo desta dissertação. Quero deixar um agradecimento especial ao Maiquel, pela pessoa maravilhosa que és e pelas incalculáveis vezes que torcemos pelo glorioso Internacional, pela amizade e companheirismo compartilhado. Certamente o meu ingresso na Sociologia, desde a graduação até o PPGS foi possível com o teu apoio e incentivo.

Agradeço ao Claudio, por confiar na minha capacidade de forma lúcida e carinhosa, por aguentar as minhas crises, os diversos momentos de mau-humor e por sempre ter me transmitido a confiança necessária nos momentos mais complicados. Simplesmente saber que estavas ao meu lado me dando incentivo, segurança e compreensão possibilitaram todo suporte que necessitei durante o desenvolvimento dessa dissertação. Nossas conversas futebolísticas, nossos passeios e viagens muito contribuíram para a conclusão desta dissertação.

À minha querida avó, Clicéria dos Santos Alves, por sempre se preocupar comigo e por sempre me indagar o porquê de ser colorada, agradeço de coração. À vó Inilda, sempre pronta

pra fazer qualquer coisa e a qualquer hora, pra mim e pra todos. À Kamila, ao Pablo, à Sílvia, à Tami e à Cheli, muito obrigada pelas horas de conversas renovadoras, pela roda de chimarrão e pela disposição de sempre.

Agradeço imensamente ao meu afilhado, Talison Vieira dos Santos, meu verdadeiro filho mais velho, principalmente por ter deixado de ser um colorado para se tornar um gremista. Esta atitude me provocou uma enorme reflexão sobre a rivalidade clubística, contribuindo assim de maneira visceral com esta pesquisa. Também agradeço ao Luquinhas, meu amado primo e irmão do Talison, por me acompanhar nos jogos do Grêmio de uma maneira muito cuidadosa.

Aos meus familiares, tio Marcos, tio Jason, minha amada dinda Marlene, Tanara, Michele, Jessie, Nílvio, Vanessa e André, responsáveis pelos momentos lúdicos no decorrer deste estudo, agradeço o companheirismo. Agradeço a toda a –Cordeiradall que me apoiou nesta etapa de minha vida. Quero deixar aqui uma lembrança póstuma ao tio Carlos, gremistão, que honrou a minha casa com a sua presença no final da sua trajetória terrena.

Agradeço ao Dudu, meu amado cachorro, membro da família, que tornou essa pesquisa muito menos solitária e que esteve ao meu lado 95% do tempo de escrita.

Ao meu pai e à minha mãe, agradeço o apoio incondicional, material, imaterial e por terem simplesmente me possibilitado a vida, que hoje é também uma vida acadêmica. Obrigada pelos maravilhosos exemplos de trabalho e perseverança naquilo que é certo e justo.

*“As grandes ideias surgem da observação dos
pequenos detalhes”*

Augusto Cury

RESUMO

A presente dissertação trata da construção da rivalidade clubística entre Grêmio e Internacional, aqui pensada como uma construção social, com o intuito de verificar a influência que ela tem no processo de identificação dos torcedores integrantes de torcidas organizadas formais e informais desses clubes e de entender como esses elementos se relacionam com as violências entre eles. O objetivo é relacionar a construção social da rivalidade clubística e as violências entre os torcedores, que é mediada por um processo de identificação. O que interessa é a importância que o aspecto da rivalidade possui neste processo, pois se pensa que a maneira como ela é construída acaba refletindo nas posturas de hostilidade com relação aos torcedores do outro clube. A perspectiva teórica adotada está calcada no pensamento de Norbert Elias, no que se refere a Sociologia Configuracional e a Sociologia dos Esportes, Claude Dubar e Stuart Hall e os conceitos de identidade, assim como Peter Berger e Thomaz Luckmann. A problematização está inserida a partir de uma Sociologia das Violências e das Conflitualidades, estudada por José Vicente Tavares dos Santos. O método utilizado foi da observação, realizada durante o Campeonato Brasileiro de 2010, 2011 e parte de 2012, aliada a técnica da entrevista semi-estruturada com torcedores e torcedoras dos referidos clubes. Verificou-se que a imprensa possui um papel importante na construção da rivalidade Gre-Nal, principalmente porque ela contrapõe um estilo gaúcho a um estilo brasileiro de jogar futebol, exaltando assim os dois principais e referidos clubes do extremo sul do Brasil. Exaltar e rivalizar Grêmio e Internacional são aspectos fundamentais para estabelecer o futebol rio-grandense. Tal processo teve impacto na formação das identidades dos torcedores desses clubes, que historicamente se reconhecem como rivais. A tensão de se identificar pelo amor ao clube e pelo ódio ao outro acaba fortalecendo o elemento da rivalidade como um elo de ligação dos torcedores em estudo, dificultando o desenvolvimento da prática da negociação de conflitos entre as torcidas de Grêmio e Internacional e traduzindo os confrontos violentos como uma marca constitutiva dos espetáculos de futebol.

Palavras-chave: Futebol, violências, torcedores, rivalidade e identidade.

ABSTRACT

This dissertation addresses the construction of rivalry between Grêmio and Internacional soccer clubs, conceived as a social construction, in order to verify its influence in the process of identifying the members of formal and informal organized soccer fan and to understand how these elements are related to the violence between them. The objective is to relate the social construction of rivalry with the violence among soccer fans, a relationship which is mediated by a process of identification. The importance of the rivalry aspect in this process is emphasized, as the way it is constructed reflects on the attitudes of hostility toward the soccer fan of another club. The theoretical approach adopted is grounded in the thought of Norbert Elias; regarding the Configurational Sociology and the Sociology of Sport, Claude Dubar and Stuart Hall; and, concerning the concepts of identity, Peter Berger and Thomas Luckmann. The problematization is inserted from a Sociology of Violence and Conflictualities, studied by José Vicente Tavares dos Santos. The method used in the field research was the observation, which was performed during the Brazilian Championship in 2010, 2011 and part of 2012, combined with the technique of semi-structured interviews with fans of these clubs. It was found that the press has an important role in the construction the -Gre-Nall rivalry, mainly because it opposes the -gaucholl style of playing soccer to a Brazilian style, exalting these two main clubs in southern Brazil. The promotion of rivalries between Grêmio and Internacional soccer clubs are crucial to establish the soccer in the state of Rio Grande do Sul. This process had an impact in shaping the identities of the fans of these clubs, with historically see themselves as rivals. This tension to identify the love for they own club and the hate for the other, ends up strengthening the element of rivalry as a link among the fans studied, hindering the development of the practice of negotiating conflicts between fans of Grêmio and Internacional soccer teams, translating the violent clashes in a constitutive trait of football shows.

Keywords: Football, violence, fans, rivalry and identity.

LISTA DE QUADROS E ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1- Aspectos dos estudos sociológicos.....	20
Quadro 2: Esquema Teórico-conceitual.....	34
Quadro 3 – Adaptação de termos para o português.....	36
Quadro 4 – Características dos esportes modernos.....	39
Quadro 5 – Períodos do futebol brasileiro.....	43
Quadro 6– Comparação entre o futebol brasileiro e o futebol europeu.....	46
Quadro 7 – Torcedores de futebol.....	64
Quadro 8 - Tipologia da violência.....	71
Quadro 9 – Cantos das torcidas.....	94
Quadro 10 – Reportagem: Medo de violência afasta torcida do Gre-Nal, Dizem dirigentes.....	96
Quadro 11 – Reportagem: Membros de torcidas organizadas de SC incitam a violência e exibem armas na internet.....	97
Quadro 12 – Reportagem: Famílias enterram jovens vítimas da violência entre torcidas.....	100
Quadro13 – Reportagem: Polícia estuda pedir a extinção das torcidas organizadas do Grêmio.....	101
Quadro 14 – Reportagem: Torcedor baleado no domingo pode deixar a UTI nesta quinta.....	102
Quadro 15 – Reportagem: Novo presidente promete cortar dinheiro das torcidas.....	103
Quadro 16 – Reportagem: Coronel Mendes: "Os clubes têm que ajudar".....	104
Quadro 17 – Reportagem: Crimes e violência alertam contra as torcidas organizadas.....	106
Quadro 18 – Reportagem: Torcidas de Inter e Corinthians fazem pacto contra a violência na final da Copa do Brasil.....	107

Quadro 19 – Reportagem: Lula sanciona lei que aumenta rigidez com violência nos estádios.....	109
Quadro 20– Reportagem: Inter anuncia exclusão das torcidas Guarda e Popular.....	111
Quadro 21 – Reportagem: Torcidas desorganizadas.....	113
Quadro 22– Reportagem: Interpol irá investigar ex-líder da torcida Guarda Popular do Inter.....	114
Quadro 23 – Reportagem: Inter avalia retorno de torcidas organizadas ao estádio Beira Rio.....	115
Quadro 24 – Reportagem: Justiça concede liberdade provisória a Hierro, mas proíbe que ele frequente estádios.....	117

FIGURA

Figura 1: Diagrama de análise.....	33
---	-----------

IMAGENS

Imagem 1 – Torcida Geral do Grêmio e Torcida Guarda Popular do Internacional.....	66
Imagem 2 – Confronto no Gre-Nal de juniores.....	96
Imagem 3 – Foto de torcedor com bomba.....	97
Imagem 4 – Enterro de torcedor colorado.....	100
Imagem 5 – Ex- Comandante Geral da Brigada Militar pede extinção de torcidas organizadas no RS.....	104
Imagem 6 – Ex-presidente Lula e Ex- presidente da CBF, Ricardo Teixeira.....	109
Imagem 7 – Torcida Guarda Popular do Internacional.....	115
Imagem 8 – Briga entre torcedores do Internacional.....	117

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

Siglas

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CBD – Confederação Brasileira de Desporto

CGF – Confederação Gaúcha de Futebol

CONMEBOL – Confederação sul americana de Futebol

FIFA – Federação internacional de Futebol Associação

STJD – Supremo Tribunal de Justiça Desportiva

Abreviações

Grenal – Partida de futebol entre Grêmio e Internacional

SCI – *Sport Club* Internacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 - OS ESPORTES COMO OBJETO SOCIOLOGICO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DO FUTEBOL.....	35
1.1 Esportes Modernos: o caso do futebol.....	35
1.2 O futebol no Brasil e o estilo brasileiro, fundação dos clubes no Brasil e o surgimento do associacionismo clubístico.....	41
1.3 Grêmio <i>versus</i> Internacional: a construção de uma rivalidade clubística.....	51
1.4.1 Os -queixumes rio-grandenses.....	52
1.4.2 A imprensa gaúcha, o estilo gaúcho e o clássico Gre-Nal.....	58
1.5 Torcedores de futebol: algumas formas de envolvimento com o futebol.....	60
1.5.1 O torcedor comum.....	62
1.5.2 O torcedor organizado formal.....	62
1.5.3 O torcedor organizado informal.....	65
CAPÍTULO 2 – O UNIVERSO FUTEBOLÍSTICO NUM MUNDO DE VIOLÊNCIAS E CONFLITUALIDADES.....	69
2.1 As violências no futebol.....	70
2.1.1 O futebol e a violência simbólica.....	76
2.1.2 O futebol e a violência física: alguns dados relevantes.....	80
CAPÍTULO 3 – O PROCESSO CIVILIZATÓRIO, O CONTROLE DAS EMOÇÕES E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA E EMPÍRICA.....	82
3.1 Socialização e identidade.....	88
3.1.1 A identidade nacional: o papel do futebol.....	92

3.2 A constituição das identidades dos torcedores: o aspecto da rivalidade.....	93
3.2.1 Reportagens.....	96
3.2.2 Os entrevistados e os seus olhares sobre a rivalidade.....	119
CONCLUSÕES.....	124
REFERÊNCIAS.....	128
ANEXO (Roteiro da entrevista).....	131

INTRODUÇÃO

O que instigou a presente pesquisa foi o desenvolvimento da construção social da rivalidade clubística no processo de constituição da identidade dos torcedores e das torcedoras de clubes de futebol e como esses elementos se relacionam com as violências no ambiente futebolístico. Desta maneira, essa dissertação tem o intuito de pesquisar o tema da construção social da rivalidade e a sua relação com as violências entre os torcedores de clubes de futebol, tomando como referência dois clubes gaúchos: Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre e *Sport Club* Internacional. O objeto de investigação refere-se aos torcedores e às torcedoras que frequentam assiduamente o cotidiano dos estádios de futebol dos referidos clubes e que buscam estar inteirados do dia-a-dia de seus clubes. Sendo assim, esta dissertação trata do peso que o aspecto da rivalidade e a forma como ela foi construída possui na constituição da identidade dos torcedores.

Os estudos sobre a presença da violência nos espetáculos futebolísticos e também em outros esportes têm se tornado, cada vez mais, temas de pesquisa nos diversos âmbitos das disciplinas acadêmicas. É dos profissionais de educação física boa parte desses estudos. Há outras pesquisas que falam, dentro da temática do futebol, sobre a construção cultural do masculino (BANDEIRA, 2009) e sobre o futebol e a identidade social formada através do pertencimento clubístico (DAMO, 1998). Também há trabalhos que tratam tanto da temática da violência quanto à do futebol, e como ambos podem e por vezes ocupam o mesmo espaço (REIS, 2006; MURAD, 2007).

Sabe-se que os casos de violência nos estádios de futebol estão cada vez mais visíveis, havendo pesquisas que demonstram o seu aumento (MURAD, 2009). O presente estudo também tenta entender um pouco dessa dinâmica, pretendendo explicar a influência que a construção da rivalidade possui na formação das identidades dos torcedores que integram as torcidas organizadas formais e informais dos referidos clubes e a sua relação com os comportamentos violentos nas arquibancadas e arredores dos estádios de futebol. Trata do peso que o aspecto da rivalidade e a forma como ela foi construída possui na constituição da identidade dos torcedores. O suporte para essa explicação é encontrado na teoria eliasiana sobre os esportes, construída a partir de uma análise configuracional, na Sociologia da Violência e das Conflitualidades, de José Vicente Tavares dos Santos e nos estudos sobre socialização e identidade, de Peter Berger, Thomaz Luckmann, Claude Dubar e Stuart Hall.

Há a compreensão de que o comportamento violento pode ser apreendido. Nesse caso, os indivíduos podem participar das torcidas de seus respectivos clubes e lá tornarem-se parte de um processo de socialização que, entre outras coisas, pode ter como prática e norma a exibição de um comportamento violento frente ao -outro (torcedor de outro clube). A violência¹ aqui pode ser pensada como física e simbólica, uma vez que ambos estão presentes, de diversas formas, nos espetáculos futebolísticos. Para este fim, a teoria configuracional e do processo civilizatório de Norbert Elias apresenta-se como uma possibilidade de um olhar sociológico para elucidar a ideia e a trajetória da constituição desse comportamento como uma forma de torcer.

A dissertação está dividida em três capítulos, além de uma introdução que objetiva frisar os aspectos centrais da pesquisa, retomando a problemática, os objetivos, a hipótese e os procedimentos metodológicos. Conta também com um quadro bibliográfico e um diagrama teórico de análise da dissertação.

O primeiro capítulo é bastante descritivo, uma vez que trata de familiarizar o leitor com o tema dos esportes e do futebol. É uma tentativa de contextualizar histórica e sociologicamente o fenômeno esportivo como relevante para a pesquisa na sociologia e nas ciências humanas. Aborda basicamente as características dos esportes modernos, no qual está enquadrado o futebol, a sua profissionalização, a fundação dos primeiros clubes brasileiros, destacando principalmente os clubes referentes ao estudo, Grêmio e Internacional, assim como o surgimento das torcidas no Brasil. Também destaca a importância que a imprensa rio-grandense teve no processo de construção da rivalidade entre Grêmio e Internacional e na cultura midiática de exaltação dessa dupla, além das especificidades do futebol gaúcho.

O segundo capítulo engloba a temática da violência, contemplando o fato da existência de formas de violência, assim sendo, trata das violências. O intuito é apresentar o referencial teórico que norteia esta dissertação, que se dá a partir da sociologia da violência e das conflitualidades de José Vicente Tavares dos Santos (2009), explicando encaixes e desencaixes da violência no futebol. O foco é frisar o entendimento de que a violência física entre torcedores de futebol é periférica, entretanto a sua existência instiga muitas pesquisas sociológicas que inclusive colaboram com políticas de redução de enfrentamentos e mortes

¹ Sabe-se que as discussões sobre as violências são amplas e estão longe de serem abarcadas aqui. No entanto, nas palavras de Michaud, há “violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais” (MICHAUD, 1989, p. 11).

entre torcedores, caso dos estudos de Heloisa Helena Baldy dos Reis (2006, 2011), em São Paulo. O capítulo também fala sobre a violência simbólica (BOURDIEU, 1970, 2007 e 2010) e a violência verbal travada entre os torcedores (TOLEDO, 1996), buscando explicar o universo simbólico repleto de significações que está presente na dinâmica dos cânticos das torcidas.

O terceiro capítulo está dividido em duas partes. Na primeira parte a intenção é entender como os esportes, especificamente o futebol, passaram por um processo civilizatório, adotando para isso o referencial teórico de Norbert Elias (1992 e 1994) e Eric Dunning (1992). É uma continuação do segundo, que já explicita elementos do processo civilizatório. O conceito de identidade cultural tecido por Stuart Hall (2006) é utilizado para a compreensão da imagem que o Brasil (uma comunidade imaginada) possui frente os outros países a partir da idéia de futebol arte, ou seja, a demonstração da importância do futebol na constituição da identidade nacional. Claude Dubar (2005) contribui nesta dissertação com o seu modelo empírico para a compreensão da identidade, aqui utilizado para construção de categorias de análise da identidade dos torcedores de futebol. As contribuições de Berger e Luckmann (2006) são importantes devido ao conceito de socialização tecido por eles, que embora não seja o principal conceito desta investigação, está imbricado ao conceito de identidade e traz o auxílio teórico na compreensão do processo de construção da rivalidade entre Grêmio e Internacional. A segunda parte desse capítulo apresenta a parte empírica da pesquisa, buscando contextualizar os atores sociais envolvidos na análise da dissertação, ou seja, os torcedores da dupla Gre-Nal. Assim, o referente capítulo pode ser considerado descritivo, analítico e interpretativo, pois nele os dados obtidos são expostos e analisados.

Construção da problemática da pesquisa

O problema de pesquisa aqui tratado refere-se à temática do fenômeno da violência entre torcedores e torcedoras de clubes de futebol, principalmente os que pertencem às torcidas organizadas formais e informais, pretendendo-se observar e explicar a relação entre a construção da rivalidade clubística, o comportamento e as práticas das violências entre os torcedores de futebol. Por que a ideia da rivalidade é relacionada com a de inimigo? O –outroll deve permanecer enquanto coletivo, mas pode ou não ser eliminado enquanto indivíduo? Qual a influência dessa construção no processo de identificação dos torcedores desses clubes e

como esses elementos se relacionam com as violências no ambiente futebolístico? Como os torcedores percebem os limites da sua relação com os torcedores do outro clube? A dissertação busca responder essas questões. No entanto, é necessário fazer uma contextualização de como os estudos sobre os esportes, especificamente o futebol, passaram a representar uma porta de análise sociológica.

Para Eric Dunning (1992), a dedicação de estudos sociológicos sobre o desporto é uma realidade relativamente recente. A maioria dos trabalhos que tratam desse assunto está relacionada aos profissionais de educação física, e, muitas vezes, devido às especificidades de sua área, não dão conta de apresentar as relações sociais de maneira abrangente. Ainda mais, poucas correntes sociológicas teorizaram sobre o esporte ou fizeram investigações científicas sobre quaisquer aspectos deste, tendo com exceção os estudos sobre os *hooligans*² (DUNNING, 1992). O autor relaciona esses acontecimentos ao fato de ao se constituir a sociologia moderna, assuntos como o desporto não eram considerados problemas sociais sérios e não constituíam uma propriedade do sistema social. Apesar desse quadro, Dunning se esforça em colocar essa temática como importante para a sociologia, afirmando que os esportes são parte integrante da dinâmica social. Uma frase do referido autor pode esclarecer porque nas sociedades humanas sempre se teve notícia de atividades que poderiam se equivaler ao esporte moderno:

Contudo, embora as estruturas destas atividades e o seu significado variem para aqueles que nelas participam, até hoje nenhuma sociedade humana existiu que não tivesse algo de equivalente ao desporto moderno. Mais significativo ainda é o fato de muitos desportos possuírem, de certo modo, raízes religiosas, e a análise de Durkheim sobre a —efervescência coletiva— suscitada nos rituais religiosos dos aborígenes australianos pode ser transferida, *mutatis mutandis*, para a emoção e o excitação criado através dos desportos modernos. (ELIAS e DUNNING, 1992, p.15)

Uma grande contribuição às inúmeras possibilidades de se estudar sociologicamente os esportes modernos foi feita pelos autores acima citados. Eles buscam esclarecer que os estudos sobre os esportes também possuem significado social. Talvez o momento em que escreveram seus primeiros ensaios acerca desse assunto lhes exigisse muitas justificativas. Primeiramente, a intenção era inserir este fenômeno como campo de investigação sociológica.

² Grupo de torcedores organizados, que surgiu tradicionalmente na Inglaterra durante os anos de 1960, ganhando maior expressão nos anos de 1970. Caracterizam-se por sua forma de violência (organizada e premeditada).

Diziam que até então, fora raras exceções, no contexto do pensamento dualista ocidental, a sociologia do esporte estava sempre inserida no lado que se avaliava negativamente:

Quadro 1: Aspectos dos estudos sociológicos

POSITIVO	NEGATIVO
Trabalho	Lazer
Espírito	Corpo
Seriedade	Prazer
Econômico	Não econômico

Fonte: ELIAS e DUNNING, 1992.

Assim, no quadro que –orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, o desporto é entendido como coisa vulgar, uma atividade de lazer orientada para o prazer, que envolve mais o corpo do que a mente, e sem valor econômico (DUNNING, 1992, p. 17).

Na Inglaterra, por volta do século XIX, os termos *sport* e *disport* eram utilizados para designar os variados divertimentos. Com o passar do tempo, o termo desporto passa a ser utilizado para designar formas específicas de entretenimento, nas quais o esforço físico era a principal marca (Elias, 1992). A partir daí, essas recreações, passatempos e entretenimentos, assim como o próprio termo, se espalharam por todo o mundo. O próprio Elias afirma encontrar muita complexidade neste processo de difusão dessas formas de ocupação do tempo livre, mas diz que há ligações com o fato da Inglaterra também ter difundido os modelos de produção industrial e de organização do trabalho. Assim, a maneira como –as pessoas utilizavam o seu tempo livre seguiu de mão dada com a transformação da maneira segundo a qual trabalhavam (ELIAS, 1992 p. 224). A esse processo Elias denomina de desportivização, no qual os jogos de desportos assumiram alto nível de ordem e autodisciplina com relação às regras, o impulso civilizador. O interessante para a sociologia é se preocupar com o –com o e o porquê certas regras e normas (que não existem independentes das pessoas) se tornaram aquilo que elas são em um dado momento, prestando atenção ao processo de desenvolvimento dessas regras e normas. A essa forma de exploração da técnica da pesquisa sociológica ele denomina de –configuracional, pois considera a relevância da análise de configurações ao invés de estruturas (ELIAS, 1992). São as configurações que são importantes na investigação sobre o desporto. É necessário estudar na história do desporto uma sequência padronizada de alterações na organização, nas regras e na configuração atual do próprio jogo.

O lazer é uma das formas como as pessoas ocupam o seu tempo livre. Elias (1992) critica um ponto de partida considerado óbvio por várias correntes das teorias científicas no que diz respeito às atividades de lazer. Essas correntes sugerem que o lazer é complementar ao trabalho. Para ele, isso ocorre por imprecisão (herança de juízos de valor) dos termos *trabalho* e *lazer*. Uma dessas imprecisões está calcada em uma herança deixada por Kant, na qual o trabalho é o modo de se ganhar a vida, e assim classifica-se a um nível superior moral, um fim em si mesmo e o lazer classifica-se em um nível inferior, preguiça e indulgência. Seria por conta dessa tradição que a sociologia do lazer ainda não está tão avançada. É por isso que ele considera necessário distinguir ou esclarecer a diferença entre tempo livre (pode ser um trabalho sem remuneração) e as atividades de lazer. Só uma porção do tempo livre pode ser voltada ao lazer, que seria uma ocupação escolhida e não remunerada que possui características específicas (ELIAS, 1992). Ele distingue primeiramente cinco esferas diferentes de tempo livre: trabalho privado e administração familiar; repouso; provimento das necessidades biológicas (distingue *satisfação* e *excitação*); sociabilidade; categoria das atividades miméticas ou jogo. É importante destacar que nesta visão, diferente da tradicional, o tempo livre não é considerado lazer, mas sim parte dele. Sob a forma de fatos de lazer, principalmente mimético, a nossa sociedade satisfaz a necessidade de explosões fortes. A excitação agradável propiciada pelo lazer mimético possui aprovação dos amigos e da própria consciência, desde que não exceda limites.

Elias (1992) afirma que há busca de uma excitação agradável no lazer. Nas sociedades mais complexas atuais, o processo civilizador proporcionou o aumento do controle social e o autodomínio da excitação exagerada. Ele chama de controle automático, que nestas sociedades com alta organização do Estado tornou-se elevado se comparado com as sociedades anteriores. Assim, as pessoas procuram uma excitação agradável no lazer. Essa excitação agradável no lazer possui características específicas. A peça fundamental da satisfação no lazer é a tensão-excitação. É ela que, de certa forma, dá o equilíbrio da libertação das restrições sociais e individuais, pois a excitação e a emoção estão limitadas por restrições civilizadoras. O interessante é colocar que isto é um tipo de excitação que não coloca em risco a relativa ordem da vida social. Trata-se do lazer mimético, um tipo de fatos e experiências de lazer que em seu sentido literal é imitativo. Refere-se a todas as espécies de formas artísticas na sua relação com a realidade. É a imitação das emoções e sentimentos desencadeados na -vida real - transposição. Os fatos miméticos possuem em comum a forte presença do elemento de excitação agradável. O autor remete esses fatos à filosofia de

Aristóteles e à ideia de *catarse*, um conceito médico para designar a expulsão de substâncias nocivas ao corpo. A comparação entre *catarse* e fatos miméticos é que os segundos podem possuir efeitos curativos, pois geram uma excitação agradável. No entanto, uma questão fundamental para o autor é superar explicações do tipo –libertação das tensões e –recuperação do trabalho (ELIAS, 1992). Isso porque as atividades de lazer, principalmente as de característica mimética, produzem tensões de um tipo particular: a agradável tensão-excitação. É uma renovação da tensão, que é elemento essencial da saúde mental, e não a liberação de tensões de outro tipo (Ibid, 1992). Já nas atividades de não lazer as emoções são severamente controladas, inclusive pela consciência.

Aliado aos estudos sobre o processo civilizador de Norbert Elias, que demonstram que nas sociedades modernas a excitação e as emoções são limitadas por restrições civilizadoras, tem-se os estudos (principalmente entre os anos de 1919 e 1921) de Sigmund Freud sobre a psicologia dos grupos. Freud indica que o desenvolvimento da civilização foi possível pela repressão dos instintos humanos. Apesar de o foco desse autor estar na psicanálise é relevante comentar, principalmente em uma pesquisa que fala sobre violência entre grupos de torcedores, que ele aborda o aspecto do indivíduo inserido em um determinado grupo ou grupos, buscando compreender os caminhos pelos quais o ser humano –busca encontrar satisfação para os seus impulsos instintuais (FREUD, 1921). A vida mental do indivíduo está sempre envolvida com algo a mais, seja um objeto, um oponente, um modelo, tornando a psicologia individual também psicologia social (FREUD, 1921). Tal pensamento permite uma reflexão sobre a busca da excitação no lazer e o controle das emoções advindas dos impulsos civilizatórios. No que se refere aos agrupamentos das torcidas, tal temática será contemplada nos próximos capítulos de maneira a ser vinculada aos estudos sobre socialização e identidade.

Segundo Elias (1992) as decisões humanas se diferem no que diz respeito às esferas de tempo livre e de trabalho. O trabalho profissional possui uma referência maior aos outros e as atividades de lazer uma referência maior no eu/indivíduo. Uma característica estrutural comum nas atividades de lazer é o fato de que elas integram um controlado descontrole das restrições das emoções, um descontrole controlado social e individualmente. A sociabilidade do lazer provém da necessidade dos contatos humanos. As atividades de lazer possuem um alto grau de destruição da rotina, pois proporcionam experiências emocionais que estão excluídas dos setores rotineiros e também integram um tipo peculiar de risco. Elas são capazes de desafiar a rigorosa ordem da vida rotineira (ELIAS, 1992).

A igualdade de oportunidade de vitória e de derrota garante o equilíbrio de tensão e de dinâmica num jogo-desporto. Há também outros fatores dos quais dependem esses equilíbrios, como por exemplo, a necessidade do jogador encontrar a forma intermediária entre a obediência e a dissimulação das regras. De maneira geral, o importante é destacar que há uma relação entre o desenvolvimento dos jogos-desporto e a estrutura da sociedade, mesmo existindo certo grau de autonomia no desenvolvimento do desporto (ramificação no desenvolvimento da sociedade).

Para Tubino, autor que também zela pela importância do desporto, –a história do desporto é íntima da cultura humana, pois por meio dela se compreendem épocas e povos, já que certo período histórico tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete (TUBINO, 1993, p. 12). Para o sociólogo Maurício Murad, –enquanto objeto de pesquisa da sociologia, o lúdico e também o esporte são considerados, hoje, imprescindíveis para o entendimento da totalidade social. O esporte é o lúdico cultural, socialmente organizado, regulamentado e institucionalizado, constituindo parte integrante da dinâmica das sociedades (MURAD, 2007). Para esses pesquisadores, a relevância dos estudos sobre qualquer esfera do desporto (lúdica, lazer, econômica, etc) está consumada.

Para compreender a importância do desporto moderno na atualidade ocidental não é necessário, grosso modo, se ir muito longe. Bastaria se perguntar sobre a importância e relevância que possuem os Jogos Olímpicos (líderes de potências econômicas mundiais reunidos na esperança de sediar uma Olimpíada) ou a Copa do Mundo (no caso do futebol). Independentemente das individualidades que estão em jogo no gosto pelos desportos, é bastante regular afirmar que poucos duvidariam desta importância. Atualmente há um forte exemplo que diz respeito a realidade brasileira. O fato de o Brasil sediar a Copa do Mundo de Seleções de 2014 e as Olimpíadas de 2016 sustenta um debate sobre a importância política, econômica e social desses mega eventos esportivos. Em que pese diversas pessoas, incluindo pesquisadores de todas as áreas que são chamados a exporem seus pensamentos nos espaços midiáticos, que argumentam contra o fato do Brasil ser o país sede dos referidos eventos, todo o esforço do discurso governamental é em frisar a importância e as ótimas consequências que tais eventos trarão ao Brasil.

As movimentações financeiras oriundas dos esportes também constituem um aspecto a ser ressaltado. Segundo Cláudio Shikida e Pery Francisco Shikida (2004), a indústria do esporte movimenta, no Brasil, cerca de R\$25 bilhões por ano. Dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) mostram que o Brasil contribui com US\$ 32 bilhões dos US\$ 250

bilhões que o futebol movimenta anualmente. –A indústria do esporte no Brasil só pode ser comparada à de países da Europa... no Brasil, o esporte emprega mais de um milhão de pessoas, entre atletas, técnicos e funcionários de clubes...‖ (NOGUEIRA, 2003, p.25). João Havelange, ex-presidente da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), em entrevista ao Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ, disse que o futebol movimenta 255 bilhões de dólares por ano, mais que a General Motors, maior empresa industrial na época, que movimentava 170 bilhões de dólares (1999).

É no contexto da importância, principalmente financeira, que os esportes modernos vêm conquistando espaços cada vez maiores. Nesse caminho, pode-se destacar um esporte em particular: o futebol. Segundo Laurence Kitchin –para além da ciência, ele é o único idioma comum‖ (1966). Murad considera o futebol o esporte mais popular da Terra, envolvendo milhões de pessoas, e nos tempos atuais mobiliza recursos gigantescos com publicidade, transmissões televisivas, patrocínios, etc. São atletas profissionais, amadores, torcedores, recursos humanos e várias outras ocupações (MURAD, 2007). –É considerado pelos especialistas a modalidade mais espontânea, imprevisível, simples, estável, barata e democrática para os seus praticantes, fatores que podem ajudar a entender a sua imensa e diversificada popularidade.‖ (MURAD, 2007, p. 14).

O futebol, entre as modalidades esportivas é a mais universal e a que mais tem crescido, e isso pode ser percebido através dos quadros históricos presentes em entidades como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a FIFA (Murad, 2007). A FIFA possui mais países associados do que qualquer outra instituição, tendo sua força política e econômica reconhecida em praticamente todo o planeta. Murad (2007) frisa que a Copa do mundo, por exemplo, é o evento televisivo com maior audiência registrada (50 bilhões na Copa da Alemanha, em 2006).

São muitas as dimensões que o mundo do futebol possui. Desde sua gênese, na Inglaterra, ele foi absorvido e adotado de maneira intensa por diversos outros países, e de maneira muito mais rápida que a maioria das outras modalidades de esporte. O jogo de bola com os pés que se espalhou por todo o mundo era obtido basicamente para o entretenimento e sua parte lúdica se destacava.

Em 1863 foi criada a *Football Association* inglesa, definindo regras universais para o esporte (Reis, 2006). A partir de então surgiram as primeiras associações clubísticas, sendo a classe desempregada inglesa a principal responsável pela profissionalização do futebol. É o

que o presente estudo irá tratar: do futebol em suas dimensões profissional, clubística e associativa. Tais aspectos serão abordados ao longo dessa dissertação.

No Brasil, o futebol chegou através das elites inglesas, que praticavam esse esporte no âmbito amador, tendo como marco a vinda do inglês Charles Muller, em 1894. Desde então, passou cada vez mais a ser parte integrante da cultura brasileira. Este é mais um ponto que o torna relevante como objeto de pesquisa.

O antropólogo Clifford Geertz (1989) afirma que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu. A cultura é essa teia de significados. Como brasileiros e brasileiras, nascemos em uma sociedade na qual o futebol é também uma manifestação simbólica que dá significado a muitas das ações dos indivíduos que a constituem, a ponto de poder-se afirmar que, no Brasil, o gosto pelo futebol é uma regularidade social e se apresenta como parte da cultura brasileira. Nesse contexto, o futebol

[...] na qualidade de esporte que é, com suas características de competição, de vitória e de derrota, com suas lógicas e contradições e como evento coletivo de larga e profunda repercussão, demonstra e exercita a sociedade na qual está inserido (MURAD, 2007, p. 18).

Tal afirmação possibilita dizer que o indivíduo é também torcedor. -Torcer por um clube de futebol é, antes de tudo, participar ativamente da vida social (DAMO; 1998). Segundo Damo, o torcedor é parte do clube, pertence a ele. Sendo assim, ele toma sua parte, assume riscos e vivencia excitações agradáveis ou não. É necessário ressaltar que no assunto futebol, como nos demais temas que se pode estudar em sociologia, o aspecto do indivíduo deve ser levado em conta: a importância que esse esporte adquire na vida de cada um contém aspectos pessoais.

Os cidadãos –partilham uma série de dilemas sociais, sendo o futebol capaz de tornar público e de maneira muito peculiar alguns desses conflitos (DAMO; 1998). Segundo Damo, é por partilharem de diversos dilemas sociais, incluindo o gosto pelo futebol, que existem as rivalidades clubísticas. No caso brasileiro, essas rivalidades são bastante regionais. Nessa pesquisa, o recorte refere-se a uma rivalidade histórica entre Grêmio *FootBall* Porto Alegre (fundado em 1903) e *Sport Club* Internacional (fundado em 1909).

Com o crescimento de associações nas agremiações ou clubes, surge uma nova categoria de espectador de futebol: o torcedor. É Damo (1998) que utiliza a palavra *torcedor* para caracterizar esse torcedor. Esses passam a construir aos poucos uma identidade de torcida. Dessa forma, durante os anos de 1960, no Brasil, surgem as primeiras

torcidas organizadas. Desde então, iniciou-se a discussão acerca da identidade construída pelos torcedores através da sua relação com o clube de futebol, que também não está isenta de outros fatores culturais do ambiente social. Na verdade, os esportes em geral e o futebol em particular expressam muitos aspectos culturais da sociedade em que estão inseridos. Pimenta (1997), descrevendo um pouco das torcidas organizadas diz que:

a identificação desses grupos é percebida pela vestimenta, pela virilidade, pelos cânticos de guerra, pelas transgressões das regras legais, pelas coreografias, pelo sentimento de pertencimento ao grupo, etc. As restrições sócio-econômicas aos que desejavam fazer parte parecem que não existiam [...] (PIMENTA, 1997, p.66).

Segundo Pimenta (1997), o processo histórico brasileiro, a partir de meados da década de 60, contribuiu com a –necessidade de auto-afirmação das torcidas organizadas no Brasil. O Estado Militar brasileiro encaminhou algumas políticas que –esvaziaram o sujeito social, em seu sentido coletivo, desarticularam as relações na esfera do público e reforçaram as individualizações (PIMENTA, 1997). Isso elucidada a ideia de que a formação da identidade dos torcedores está relacionada com diversos aspectos sociais.

É principalmente após o crescimento das torcidas organizadas que se passou a visualizar outra dimensão que envolve o futebol: a violenta. Sabe-se que não foi apenas no âmbito do futebol que a temática dos diferentes tipos de violência tem tido espaço. Há alguns anos, no Brasil, torna-se cada vez mais notável a atenção dispensada pelos meios de comunicação aos casos de violências: contra a mulher, contra crianças e jovens, roubos, latrocínios, homicídios, etc. Esse fato pode, de certa maneira, servir como um indicador de que variadas formas de violência estão cada vez mais midiaticizadas no cotidiano da população. O que se pode perceber a partir disso é que a violência está praticamente presente em todos os espaços sociais, e também integra o cotidiano dos estádios de futebol. Ao estudar esse tema, Reis (2006) define a violência como utilização da força física que –atente contra a lei e/ou o direito da soberania da pessoa (REIS; 2006 p.50).

A partir do breve contexto acima referido, entender um pouco da dinâmica de todo este processo constitui um dos objetivos dessa dissertação sobre a relação entre a construção da rivalidade clubística de Grêmio e Internacional e as violências entre os torcedores de futebol: pretende-se investigar como o aspecto da rivalidade influencia na constituição da identidade dos torcedores de clubes de futebol e como ela é vivenciada entre eles. Por que a construção

social da rivalidade adquiriu tanta força no contexto dos dois clubes gaúchos? Encontrar a resposta para esse questionamento também é relevante para os objetivos desse estudo.

Todos os conflitos de ordem econômica, em geral motivados pela concentração da renda, além dos de ordem cultural, como os conflitos raciais, podem explicar, em parte, alguns fatores que potencializam o comportamento violento de alguns indivíduos. Obviamente a discussão sobre violência social não se esgota aqui, mas é preciso ter ciência de que ela está presente em diversos âmbitos da sociedade. É importante ressaltar que esta dissertação não trata unicamente da dimensão física da violência, mas também da simbólica. Infelizmente há muitos limites que inviabilizam um estudo acerca da violência física entre torcedores de futebol. Um aspecto que se pode citar é que não há um local onde se encontre os torcedores que se envolveram em casos de agressões. Adentrar neste universo pode colocar em risco a integridade do próprio pesquisador ou pesquisadora. Embora, em princípio, possa parecer uma forma de violência que se queira ostentar, a pesquisa exploratória demonstrou que há muita hostilidade quando se fala diretamente nesse assunto. Sendo assim, as reflexões e conclusões desta dissertação acerca da dimensão da violência física são retiradas a partir das falas dos torcedores entrevistados e das observações nos estádios. A dimensão da violência simbólica é também analisada a partir das entrevistas e observações, entretanto ela foi tratada com menor hostilidade neste ambiente.

Segundo Daolio, antropólogo e pesquisador da Unicamp (2005), os aspectos simbólicos também estão presentes nas disputas futebolísticas. O futebol permite certa violência simbólica, que é absolutamente saudável. –Ela se manifesta por meio de gestos, gritos, xingamentos, canções, hinos, é emocionalmente sadia, gostosa e agradável e, diferentemente do que ocorre no cotidiano, aceita nos estádios. Tem como elemento básico a brincadeira|| (DAOLIO; 2005). O estádio de futebol também é tido como um local onde a brincadeira é permitida. No entanto há um limite onde a violência simbólica acaba se tornando violência física ou real, e acaba em confrontos violentos. –O grito de guerra vira ação|| (DAOLIO; 2005). Quando isso acontece, a fronteira entre o simbólico e o real é ultrapassada.

Sobre o fato de o futebol ser um ritual de violência simbólica, Murad (2007) acredita que o processo não acontece exatamente dessa maneira. A ideia de que há uma –guerra simbólica|| remete ao fato de que o comportamento acima descrito seria –uma espécie aproximada, talvez, de solução ritual do conflito|| (MURAD; 2007, p.18). Para ele, como a

lógica do jogo prevê a permanência do outro, e não a eliminação desse, o conceito de guerra não se enquadraria no caso das disputas esportivas.

O conceito de identidade cultural, desenvolvido por Stuart Hall é também utilizado na perspectiva da identidade nacional brasileira e a representatividade do futebol. Hall frisa que as identidades emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída. Ele utiliza a ideia de identidade como o ponto de sutura entre os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos convocando para assumir nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e coloca a importância que a cultura possui na mediação da interpretação que os indivíduos fazem da realidade. O autor também coloca sua postura referente ao seu pensamento sobre as identificações.

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção... A identificação opera por meio da *différence*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de efeitos de fronteiras. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora- o exterior que a constitui (HALL, 2005, p. 106).

A ideia de identidade desenvolvida por Claude Dubar e a sua preocupação com modelos empíricos para se chegar à compreensão das identidades, assim como o conceito de socialização tecido por Peter Berger e Thomaz Luckmann constituem parte da presente dissertação.

Enfim, os torcedores são entendidos como pertencedores, tendo como base o trabalho do antropólogo Arlei Damo (1998). Pensar os torcedores como pertencedores abarca o caráter da identificação desses em relação aos outros torcedores do seu e de outros clubes. Por isso, torcedores aqui não são apenas espectadores de futebol, pois não estão no estádio para assistir ao jogo, mas para torcer. Acredita-se que esses torcedores/pertencedores estão presentes, de forma mais clara, nas chamadas torcidas organizadas. No entanto, hoje se sabe que no caso do Rio Grande do Sul há as torcidas não formais. No caso do Grêmio, a chamada *Alma Castelhana* ou *Geral*, e no caso do Internacional, a *Guarda Popular*. Ambas não possuem o vínculo institucional que as torcidas organizadas tradicionais têm, mas constituem objeto relevante no que se refere ao estudo dos torcedores/pertencedores, pois possuem intensa atividade organizada para acompanhar e torcer por seus clubes. As dissidências dessas duas torcidas também estão inseridas na análise.

Entende-se também que as fronteiras do futebol ultrapassam sua forma profissional, mas é nesse âmbito que se encontram os maiores conflitos (ao menos possui maior visibilidade) entre os torcedores e a rivalidade toma forma mais explícita e histórica. O clube de futebol tem uma importância relevante quando se pensa nas violências entre os torcedores. Esse estudo preocupa-se com um caso brasileiro (Grêmio e Internacional), mas consciente de que este fenômeno ocorre em muitos países do mundo e de forma bastante peculiar, como no caso dos *hooligans* ingleses e também de outros países europeus, principalmente da Grã-Bretanha.

Eric Dunning concedeu uma entrevista ao pesquisador Edison Gastaldo (2008), na qual ele frisa que historicamente o termo *hooligan* foi utilizado pela primeira vez com relação a *derbies*³ nos anos de 1920. A palavra *derbie* refere-se aos jogos entre equipes rivais de um mesmo local. Tal esclarecimento mostra que o acirramento entre as rivalidades locais acompanha o futebol desde a suas origens, mesmo que a sociologia do esporte só tenha vindo se preocupar com a violência nesse esporte a partir dos anos 1970 (Dunning, 1992). A escolha de estudar o *Sport Club* Internacional e o Grêmio *Foot – Ball* Porto Alegre se dá pelo histórico da rivalidade entre os clubes. Sendo assim, a relação com o objeto de estudo se torna muitas vezes inevitável, pois no cotidiano da cidade de Porto Alegre há a presença de torcedores dos dois clubes.

Justificativa do tema

Entende-se que o presente estudo se torna relevante na medida em que se vive um contexto no qual há grande preocupação por parte dos governantes, dos meios de comunicação e da própria sociedade civil em explicar e reduzir a violência em diversos âmbitos. É notável, nesse sentido, a preocupação atual com a segurança pública. No caso da violência no futebol e precisamente entre os torcedores essa tentativa não é diferente. O combate à violência nos estádios é uma das ações do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), projeto do Ministério da Justiça (MJ) que articula ações repressivas e preventivas desde 2007. No Congresso, o assunto foi tema do Projeto de Lei nº 4.869/09, enviado pelo Executivo, que alterou o Estatuto de Defesa do Torcedor. O texto prevê a criminalização de atos de violência nos estádios de futebol. O Estatuto do Torcedor

³ A tradução de Gastaldo (2008) da fala de Eric Dunning demonstra que o termo *hooligan* foi utilizado pela primeira vez entre times rivais de uma mesma localidade.

(Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003) foi alterado no ano de 2010 a partir da Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010, com o objetivo de prevenir e reprimir os atos de violência nos estádio.

No Rio Grande do Sul, em dias de clássico Gre-Nal (Grêmio *versus* Internacional), existe policiamento especial e nos dias que antecedem o dia do jogo há reuniões determinando horários para cada torcida entrar no estádio. Infelizmente, muitas vezes os acordos feitos nessas reuniões não são cumpridos. Em geral, o que acontece é que uma torcida (a que deveria chegar ao estádio mais cedo) aguarda a chegada da torcida rival. Este fato já é conhecido pela Polícia Militar Gaúcha, a Brigada, que se mobiliza na tentativa de conter possíveis confrontos. Desta forma, a violência entre os torcedores de futebol constitui um problema social.

Além da dinâmica que ocorre em dias que antecedem os clássicos do futebol profissional (no presente estudo o Gre-Nal⁴), crê-se que estudar essa temática seja importante, pois:

[...] estudar as atividades esportivas é um auxílio importante para a compreensão geral das sociedades humanas e para o entendimento de nossos sistemas simbólicos. Mais ainda, quando seus impactos coletivos são muito profundos, como é o caso do futebol. (MURAD; 2007. p. 16)

Ainda de acordo com uma pesquisa coordenada por Murad (Núcleo de Sociologia do Futebol – UERJ), o número de mortes entre torcedores subiu 67% nos últimos anos. Entre 1999 e 2008, a média foi de 4,2 mortes por ano. Entretanto quando o intervalo da pesquisa foi os dois últimos anos (a pesquisa é de 2008) o índice é de 7 mortes por ano, um aumento de 66,67%.

Também se acredita que a violência entre os torcedores de futebol possui impactos importantes na sociedade, uma vez que na atualidade o futebol pode ser pensado por diversos aspectos (econômico, social, cultural e político).

São muitos os trabalhos desenvolvidos nessa área. Contudo, estudar a influência da construção da rivalidade clubística (Grêmio e Internacional) na constituição da identidade dos torcedores e a sua relação com as violências no futebol pode contribuir para o melhor entendimento do fenômeno e avançar nos estudos acadêmicos sobre violência de um modo geral.

Observando o cotidiano dos estádios de futebol, pensa-se que a pesquisa se torna relevante, pois responde - lá pode auxiliar no esclarecimento do fenômeno da violência no

⁴ Partida na qual os dois times jogam entre si. Expressão também utilizada para fazer referência a disputa entre os dois clubes, mesmo além do campo.

futebol, particularmente entre seus torcedores, dando assim suporte científico que poderá ser utilizado como auxílio a possíveis políticas públicas referentes a problemas sociais desse tipo. Outro aspecto importante é refletir na premissa de que torcidas organizadas (formais e informais) são sinônimos de violência nos estádios e entre torcedores. A parte do estudo que se refere a construção da rivalidade e o peso que ela adquiriu no cotidiano dos torcedores pode ajudar na compreensão desta realidade, possibilitando a reflexão de estratégias para que a constituição da identidade dos torcedores possa ser desenvolvida de maneira a repensar o significado da rivalidade.

Objetivos

Objetivo geral:

- Verificar a influência que a construção social da rivalidade clubística possui no processo de identificação dos torcedores ligados às torcidas organizadas formais e informais de clubes de futebol, especificamente do Grêmio e do Internacional, visando perceber como esses elementos se relacionam com as violências no ambiente futebolístico.

Objetivos específicos:

- Examinar o histórico da entrada dos torcedores nas torcidas organizadas formais e informais.
- Investigar o papel da imprensa rio-grandense na construção da rivalidade entre Grêmio e Internacional.
- Analisar a relação entre as motivações do ingresso dos torcedores nessas torcidas e a construção de suas identidades.
- Observar de que forma os torcedores do mesmo clube se referem aos torcedores do outro clube.
- Identificar em que momento os torcedores justificam se é ou não possível agredir fisicamente os torcedores do outro clube.

Hipótese:

- As violências no ambiente futebolístico estão relacionadas à construção social da rivalidade, que possui forte influência da imprensa local. Dessa maneira, os torcedores das torcidas acionam o -ser rivalll como principal componente identitário para justificar a existência da potencialidade de agressão ao outro.

Procedimentos e considerações metodológicas

Sabe-se que os torcedores que frequentam os estádios de futebol e se dedicam mais integralmente ao ato de ir ao estádio torcer são os jovens (REIS, 2006). Nesta dissertação considero jovem a faixa etária que vai dos 15 aos 35 anos, tendo em vista que estudos como os de Luiz Henrique Toledo (1996) e Heloisa Helena Reis (2006) demonstram que são estes os protagonistas (fora do campo ou do jogo, propriamente dito) dos espetáculos futebolísticos e também dos confrontos físicos violentos entre torcedores de futebol. Como o que interessa nesse estudo é, além do futebol como espaço lúdico, entender alguns aspectos do fenômeno das violências entre os torcedores de futebol e caracterizar a sua relação com a construção social da rivalidade, pensa-se que a trajetória de torcedores com mais de 30 anos de idade constitui um relevante instrumento de compreensão dos objetivos desta dissertação, tendo em vista que eles possuem uma vivência mais longa nas torcidas. Assim, os entrevistados possuem entre 20 e 35 anos.

A pesquisa se trata de um estudo qualitativo. Segundo Cortes (2002),

...o que particulariza os trabalhos qualitativos é que eles possibilitam descrever as qualidades de determinados fenômenos ou objetos de estudo. As fontes mais utilizadas para este tipo de análise são documentais ou resultado de entrevistas e observações. Por meio da análise do material, é possível elaborar tipologias ou categorizações e construir variáveis nominais e ordinais (CORTES, 2002, p. 237).

Desta forma, a dissertação foi realizada a partir das seguintes técnicas de coleta e análise dos dados:

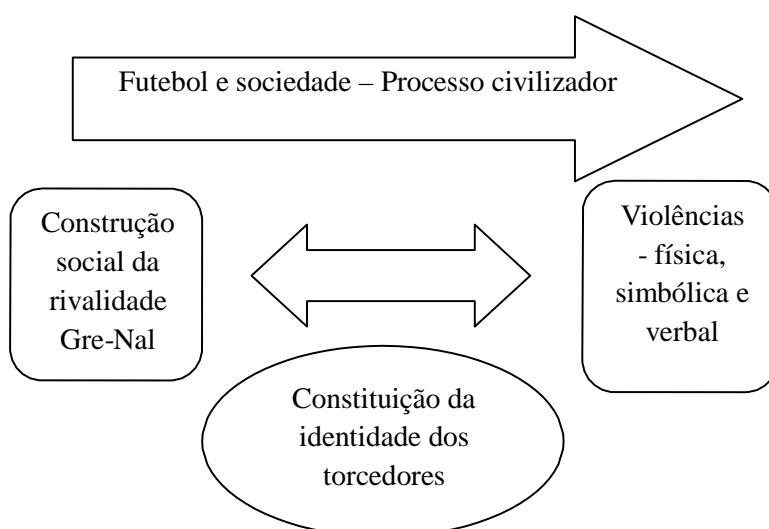
Observação durante os jogos de futebol do campeonato Brasileiro de 2010, 2011 e parte de 2012, com o intuito de perceber as relações dos torcedores, os gestos, as linguagens e as imagens.

Análise de dados secundários: notícias em jornais sobre casos de violência entre torcedores da dupla Gre-Nal e outros estudos sobre a rivalidade e a violência no futebol.

Entrevista semi-estruturada com seis torcedores, três do Grêmio e três do Internacional, objetivando compreender a constituição da identidade dos torcedores (amostra qualitativa) e a influência do elemento rivalidade. A análise dos dados se deu a partir da análise de conteúdo.

Segundo Bardin, a análise de conteúdo (AC) consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, aplicando-se a discursos extremamente diversificados veiculados através dos mais diferentes suportes. Em princípio, pode, portanto, ser aplicada a qualquer tipo de comunicação, seja ela linguística ou não (filmes, imagens ou até mesmo comportamentos) (PEREIRA, 1998). Há dois tipos de fontes de materiais de análise da AC: documentos já produzidos para outras finalidades (comunicações escritas ou orais, ou, ainda, atividades como reuniões de trabalho) e documentos especialmente criados para a investigação (entrevistas, respostas a questionários etc.) (BAUER, 2002; CORTES, 2002).

Figura 1: Diagrama de análise



Quadro 2: Esquema Teórico-conceitual

Autor-conceito	Análise empírica
Norbert Elias e Eric Dunning - Processo Civilizador/Civilização	Comportamento dos torcedores, regras e estatuto do torcedor
Stuart Hall – Identidade cultural	A importância do futebol no contexto histórico brasileiro e na cultura nacional (revisão bibliográfica)
Claude Dubar - Identidade	Cotidiano dos estádios, observação e entrevista Relação torcedor/clube e torcedor/torcedor adversário
Peter L. Berger e Thomas Luckmann – Socialização e identidade	Cotidiano dos estádios, observação e entrevista Relação torcedor/clube e torcedor/torcedor adversário
José Vicente Tavares dos Santos – Microfísica da Violência	Observação e entrevista Relação torcedor/torcedor adversário e a construção de seu vínculo
Pierre Bourdieu – Violência Simbólica	Revisão Bibliográfica, observação e entrevista Relação torcedor/torcedor adversário e a construção de seu vínculo

A revisão bibliográfica está ancorada em Francisco Xavier Freire Rodrigues com a Sociologia do Esporte (Contexto histórico dos esportes e do futebol no universo sociológico), Arlei Damo com Identidade social a partir das rivalidades entre torcedores e clubes e a noção pertencimento clubístico, Maurício Murad, Heloisa Reis, Luis Henrique Toledo e Carlos Máximo Pimenta com Sociologia do Futebol e seus estudos sobre torcidas organizadas e a violência entre torcedores de futebol.

CAPÍTULO 1 – OS ESPORTES COMO OBJETO SOCIOLÓGICO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DO FUTEBOL

Muito já se comentou até aqui sobre a enorme relevância dos trabalhos de Norbert Elias e Eric Dunning no âmbito dos estudos sociológicos sobre esporte. Esses autores são um denominador comum a todos os pesquisadores que buscam como tema de pesquisa o esporte, o futebol e também a violência. Constituem assim, uma base teórica importante para esses estudos.

Foi a partir dos considerados esportes modernos que a sociologia começou a perceber que esta modalidade do mundo social era repleta de significado e, portanto, passível de ser transformado em uma porta de entrada para a compreensão de determinadas realidades sociais. Muito são os esportes e muito longa foi a trajetória do desenvolvimento da transformação dos chamados jogos em esporte. No presente capítulo as três primeiras seções tratam de uma breve contextualização histórica da origem dos esportes modernos, da inserção do futebol como um esporte moderno, da sua chegada ao Brasil, assim como da formação dos primeiros clubes brasileiros e das associações clubísticas, contendo um item específico para a fundação do *Sport Club* Internacional e do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre. A quarta seção contempla três itens que dizem respeito a alguns aspectos históricos e sociológicos que contribuíram para a construção da rivalidade entre Grêmio e Internacional, tais como a noção da diferença entre os rio-grandenses e os outros estados brasileiros, especialmente no estilo de jogar futebol, o papel que a imprensa teve na construção desse estilo, na representação de um clássico Gre-Nal e por fim, de uma rivalidade. A última seção do capítulo divide-se em três itens, falando dos torcedores de futebol no Brasil e do surgimento das torcidas organizadas.

1.1 Esportes modernos: o caso do futebol

O intuito deste item é contextualizar e frisar o desenvolvimento do futebol como um esporte moderno, destacando os principais elementos que contribuíram para tal isso.

A maioria dos esportes que conhecemos hoje é originária da Inglaterra. A propagação desses esportes começou por volta da segunda metade do século XIX (ELIAS, 1992). O futebol é apenas uma modalidade deles, talvez hoje a mais popular. –A conjuntura social, política e econômica que corresponde ao referido período histórico influenciou decisivamente

no surgimento de um *habitus* esportivo tributário de mudanças sociais mais amplas na sociedade e, simultaneamente, diverso dos jogos praticados na antiguidade (DAMO, 1998, p. 17)

O desenvolvimento dos esportes dentro do espectro do tempo livre é uma afirmação presente durante toda obra –A busca da excitação, na qual Elias e Dunning escrevem um verdadeiro tratado sobre o tema, principalmente a partir do futebol. Entretanto, como já foi dito, ele está inserido nas atividades de lazer, que é uma das modalidades de utilização do tempo livre, ou seja, é também resultado do processo de esportivização de antigos passatempos. Desta forma, pensa-se que é importante a explicação tecida por Rodrigues (2007), na qual ele discute os conceitos de brincadeira, jogo e esporte.

Rodrigues (2007) explica que

Pode-se dizer que o esporte moderno decorre de um processo de modificação, esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, como os jogos populares, jogos com bola, e de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa. Este processo inicia-se em meados do século XVIII e se intensifica no final do século XIX e início do século XX (RODRIGUES, 2007, p. 38).

Segundo o autor, coube a atual sociologia do esporte a preocupação com a investigação e análise do fenômeno esportivo e é a partir dela que é possível encontrar a distinção entre brincadeira, jogo e esporte (RODRIGUES, 2007).

Nos Estados Unidos, a sociologia do esporte utiliza os termos *play*, *game* e *sport* para fazer a distinção entre brincadeira, jogo e esporte. Traduzindo tais termos para o português, sem que percam o significado sociológico, há a seguinte adaptação:

Quadro 3 – Adaptação de termos para o português

INGLÊS	PORTUGUÊS
Play	Brincadeira
Game	Jogo
Sport	Esporte

Fonte: Adaptado de Helal (1990, p. 19) apud RODRIGUES, 2007, p. 40.

–A brincadeira é a atividade que precede lógica e culturalmente o jogo e o esporte (RODRIGUES, 2007, p. 40). A preocupação com os resultados, as regras rígidas e a organização não são características da brincadeira. A brincadeira é

[...] qualquer atividade espontânea, voluntária, sem regras fixas, que proporciona prazer e diversão e que não tem finalidade ou sentido além ou fora de si. Ou seja, é uma atividade que se esgota em si mesma, não havendo preocupação com resultados ou com recompensas extrínsecas àquela atividade, como por exemplo, fama e dinheiro. O prazer está no fazer, e não no que se faz. Em suma: a brincadeira é a mais lúdica das atividades (HELAL, 1990, p. 24 apud RODRIGUES, 2007, p. 41).

No jogo há uma sistematização de regras estabelecidas *a priori*, ou seja, há regras estipuladas para praticá-lo. O xadrez, a amarelinha, as damas, o voleibol, entre outros, são considerados jogos (RODRIGUES, 2007). Elias (1992) explica que há normas específicas do jogo. Uma análise minuciosa sobre –normas|| demonstra basicamente dois tipos de normas: as morais (focadas no indivíduo) e as normas de jogo (centradas no grupo).

Os tipos de jogos que mais se aproximam dos esportes são os jogos competitivos. A competitividade e o cumprimento das regras distanciam estes tipos de jogos da brincadeira. No entanto, a sociologia do esporte busca deixar claro que há uma demarcação do limite entre jogo e esporte.

O esporte está situado para além do jogo, apesar dele também ser jogo. –O esporte possui uma organização burocrática ampla, além dos interesses dos jogadores. Uma pelada é sempre um jogo, mas uma partida entre o *Sport Club* Internacional de Porto Alegre e o Grêmio *Football* Porto Alegrense, válida pelo campeonato gaúcho de futebol, pertence ao âmbito do esporte|| (RODRIGUES, 2007. P. 42).

Ainda há discussões no âmbito da sociologia do esporte sobre o fato de se considerar jogos que não possuem competição física como esporte, como no caso do xadrez, corrida de cavalos e de automóveis. No entanto, Rodrigues (2007) considera que as atividades atléticas que são submetidas a um grande aparato organizacional podem ser classificadas como esporte.

Os esportes modernos foram influenciados pela modernidade. A sociedade industrializada, marcada pela racionalização e secularização, também acaba modificando os esportes. A partir da racionalização percebe-se o predomínio do cálculo nos esportes (cronômetro, por exemplo), o qual permite medir e quantificar a atividade atlética. Já a secularização indica que o raciocínio científico se torna predominante. Assim, os atletas

tornam-se cada vez mais especializados, as estratégias de jogo ficam cada vez mais rígidas e calculistas. Há o advento do chamado *record*⁵ (RODRIGUES, 2007).

No esporte moderno a especialização se caracteriza por receber forte influência da ciência, com a aplicação do conhecimento científico no esporte. As descobertas científicas na educação física, na biomédica, fisiologia fornecem conhecimentos, informações e instrumentos aplicados na formação e treinamento de atletas. A informática foi também incorporada no treinamento dos atletas (RODRIGUES, 2007, p. 44).

No caso do Brasil, Rodrigues (2007) diz que a racionalização e a secularização nos esportes encontraram maior resistência devido à formação sócio-cultural brasileira, chamando a atenção para a importância das relações pessoais na sociedade brasileira. Racionalização e secularização acabam descaracterizando o prazer lúdico dos atletas, característica sagrada dos esportes. Entretanto, a resistência a esta descaracterização acaba recriando –elementos sagrados e ainda encontra espaço para o potencial criativo dos atletas (HELAL, 1990, p. 57 apud RODRIGUES, 2007, p. 45).

Uma das preocupações mais importantes dos estudiosos da sociologia do esporte é a influência atual do processo de secularização dos esportes, que acaba gerando um sentimento de desencantamento dos torcedores devido à comercialização dos esportes. Assim, Rodrigues explica que há duas perspectivas da sociologia do esporte na forma de abordar o esporte moderno como fenômeno social: o esporte-espetáculo de alto rendimento e o esporte-lazer. A última perspectiva tem a compreensão do esporte a partir do prazer, do espírito lúdico, praticado na esfera do tempo livre como lazer. Como a presente dissertação objetiva contemplar o caso do futebol profissional, especificamente os torcedores de clubes de futebol profissional, é coerente se pensar este esporte a partir da primeira perspectiva. Nela se enquadra o futebol-espetáculo, consistindo em profissão para quem o pratica. No entanto, é necessário ressaltar que o foco dessa investigação não é o jogador de futebol, o profissional, como já explicitado, mas os torcedores dos clubes de futebol profissional. Assim sendo, é fundamental que se tenha em mente que o fato de ir ao estádio torcer é diferente de ir trabalhar, como é o caso do jogador profissional.

⁵ –O *record* é uma forma de organizar, racionalizar e estimular a busca obsessiva pela quantificação no esporte moderno (RODRIGUES, 2007, p. 43).

Rodrigues (2007) faz a distinção entre o *homos ludens* e o *homos economicus* dentro da esfera esportiva. Diz que na

[...] perspectiva do esporte-espetáculo, os atletas e organizadores são profissionais, trabalhadores remunerados como em outros setores da economia capitalista. Pode-se dizer que o *homo ludens*, quando da prática esportiva como lazer, brincadeira, prazer, despreocupados, os atletas profissionais se convertem em *homos economicus*. No futebol profissional procura-se desenvolver o potencial humano dos atletas através do aparato de treinamento com base científica, as positivities na linguagem de Michel Foucault (2001 e 1987). Os atletas de futebol profissional têm no esporte a ocupação principal. Este esporte é financiado também por uma massa de consumidores e pela mídia. **O esporte-espetáculo proporciona prazer aos torcedores.** Estes são clientes e consumidores do espetáculo (RODRIGUES, 2007, p. 46, grifo meu).

Ao se saber que o futebol profissional é um esporte moderno, cabe salientar, de maneira concisa, algumas características que são possíveis de ser percebidas como influência da racionalização e da secularização nos esportes. O princípio do rendimento e a alta competitividade também modificaram os esportes, como já comentado (RODRIGUES, 2007). Valter Bracht (1997, p. 10 apud RODRIGUES, 2007, p. 46) explicita alguns traços dos esportes modernos, tais como:

Quadro 4 – Características dos esportes modernos

ESPORTES MODERNOS - CARACTERÍSTICAS
Competição
Recorde
Racionalização
Rendimento físico-técnico
Cientifização do treinamento

Fonte: RODRIGUES, 2007, p. 47

Retoma-se que foi o ato da criação da *Football Association*, na Inglaterra, no ano de 1863, que institucionalizou e codificou o futebol com regras universais. Neste período o futebol era ainda uma marca distintiva das classes abastadas inglesas. Antes de 1863, as regras eram baseadas em tradições locais que regiam esse esporte (ELIAS, 1992).

Na Alemanha, em Hanouwer, em 1878, ocorreu a criação do primeiro clube de futebol alemão. Em 1879/80 foi a vez de a Holanda fundar o seu primeiro clube, assim como na Itália. Já as federações de futebol foram fundadas na Suíça, em 1895, na Alemanha em 1900, em Portugal em 1906 (ELIAS, 1992).

O papel das *Public Schools* inglesas é elementar no processo de difusão da prática do futebol como um esporte da aristocracia e da elite burguesa. É na *Public School* que os contornos da modernidade atingem o futebol (DAMO, 1998).

O capitalismo industrial e a globalização da economia são processos da modernidade ligados a difusão e o advento do futebol moderno (RODRIGUES, 2007). Como já citado, passou a incrementar uma série de outras características que se tornaram ainda mais visíveis a partir do processo de profissionalização do futebol.

A profissionalização do futebol se deu no continente europeu, especificamente no norte da Inglaterra, por volta do século XIX, nos locais habitados pelas classes operárias (RODRIGUES, 2007). Reis (2006) explica que –a classe ociosa (desempregada), inglesa foi a grande responsável pela profissionalização do futebol inglês (REIS, 2006, p. 7), pois existia a disponibilidade de tempo para a prática do esporte. Apesar da resistência da elite, que aceitava apenas os valores do futebol amador, o futebol ganhou novos contornos e tornou-se mais atraente devido à qualidade técnica que os praticantes iam adquirindo. Quanto mais crescia a participação das classes populares nos jogos de futebol, mais as elites inglesas manifestavam resistência, inclusive não participando mais de competições. O argumento central continuava sendo de que o futebol não deveria perder sua característica amadora, de lazer e de brincadeira. As elites não concordavam com a crescente profissionalização que o futebol estava sofrendo. É nesse período que se torna clara a existência de duas categorias antagônicas dos praticantes de futebol: a amadora e a profissional.

Enquanto as ligas amadoras preservavam intactos os valores aristocráticos do esporte, dentre eles a prática como um fim em si mesma e, por extensão, não remunerada; as ligas profissionais admitiam tanto atletas amadores quanto profissionais. Enquanto os amadores dispunham de tempo (e dinheiro) para custear seus treinamentos e viagens, os profissionais tinham de ser ressarcidos pelo tanto que deixavam de ganhar ao trocar o trabalho pelo esporte – daí o termo –profissional. Em razão dessa orientação diferenciada, antagônica se pensada em termos do valor real e simbólico atribuído ao dinheiro, as ligas amadoras acabaram limitando drasticamente o número de clubes e praticantes. Em contrapartida, a tolerância em relação ao dinheiro ampliou rapidamente o número de clubes filiados às ligas profissionais, criando uma possibilidade concreta de ascensão econômica para atletas egressos do proletariado (DAMO, 1998, p. 28).

Com a profissionalização do futebol as elites ou iam se incorporando ao gerenciamento desse esporte ou migravam para outro mais compatível com seu *ethos*.

O *Rugby*⁶ seguia uma trajetória muito parecida com a do futebol, inclusive contou com a fundação da *Rugby Football Union*, em 1871. No entanto, as divergências entre amadorismo e profissionalismo, no caso do *rugby*, constituíram um verdadeiro freio à expansão e à popularização deste esporte. Paralelo a isso, a profissionalização do futebol trouxe o aumento massivo da participação das classes trabalhadoras, assim como a dedicação ao trabalho remunerado de jogador contribuiu muito para a elevação do nível técnico dos esportes, trazendo ainda mais espectadores. Os clubes, que passam a contar com a administração das elites, começam a elaborar mais competições e campeonatos para serem disputados com regularidade (DAMO, 1998). Assim, o futebol aparece como um esporte com regras claras e concisas, que conta com uma crescente profissionalização, popularização e elevação técnica a partir da sua prática pelas classes trabalhadoras, começa a ter uma expansão muito maior que qualquer outro.

1.2 O futebol no Brasil e o estilo brasileiro de jogar, a fundação dos clubes no Brasil e o surgimento do associacionismo clubístico

No Brasil o futebol chegou como um esporte restrito às elites, sendo praticado pelos descendentes de imigrantes ingleses e proprietários de fábricas do setor têxtil (REIS, 2006). Como é de conhecimento comum, o marco do ingresso desse esporte no Brasil foi a chegada do inglês Charles Miller, em 1894. Gastaldo (2003) discorre muito bem sobre o mito de –Charles Miller e suas duas bolas (p. 2), que se pode considerar o mito fundador do futebol e a representação dominante da origem desse esporte no Brasil. Miller havia viajado à Inglaterra quando tinha nove anos de idade, retornando de lá em 1894, carregando na bagagem materiais próprios para a prática do futebol. Essa referência demonstra que a introdução oficial do futebol no Brasil aconteceu em São Paulo, como um elemento da modernidade, passando então a ser praticado pelos jovens da elite paulistana (RODRIGUES, 109).

⁶ Esporte que também surgiu na Inglaterra, muito parecido com o futebol, com intenso contato físico e que permite o uso das mãos.

É importante citar que não se pode considerar a introdução do futebol no país de maneira homogênea. A inserção desse esporte no Brasil –configura um caso atípico, no qual o futebol penetra no território nacional quase simultaneamente por vários pontos desconectados entre si (mas conectados com o exterior), como incursões independentes no movimento conjunto da difusão de um novo traço cultural¹¹ (MASCARENHAS, 2001, p. 46 apud RODRIGUES, 2007, p. 106).

Cardia (2009) relata que o futebol chegou à América do Sul principalmente nas cidades portuárias, tendo atingido a Argentina e o Uruguai, nos quais os portos de Buenos Aires e de Montevideu representaram uma significativa interação com os comerciantes ingleses e europeus. Este fato corrobora com a explanação de que a extensão geográfica do Brasil não comportaria uma única porta de entrada para o futebol.

Mascarenhas (2001) diz que

A introdução do futebol no Brasil está intrinsecamente ligada às conexões territoriais com o Império Britânico, e estas se definem pela natureza da inserção do país na divisão internacional do trabalho. São fluxos hegemônicos que se estabelecem em escala planetária e que representam uma faceta da grande expansão capitalista da segunda metade do século XIX. Entretanto, outros agentes, também componentes de redes internacionais, colaboraram na introdução do futebol em nossas terras, a despeito das omissões freqüentes na literatura especializada. Aquilatar o papel de diversos atores sociais no advento do futebol no Brasil significa superar a repetida retórica empobrecedora, um bordão segundo o qual coube apenas a ingleses e jovens bacharéis em retorno da Europa a tarefa semeadora da inovação. Cumpre ainda a infundada versão de que foram as duas metrópoles nacionais os pólos da adoção e de difusão do futebol no Brasil, interpretação que é fruto da ignorância generalizada acerca de outras realidades regionais. Revelar outras vias, lugares e agentes significa mergulhar na complexidade de um processo de difusão. Complexidade amparada na diversidade de atores, de redes em ação, e na própria complexidade da configuração territorial brasileira, em diversos pontos e de diversas maneiras aberta à influência do mundo exterior (MASCARENHAS, 2001, p. 45 apud RODRIGUES, 2007, p. 107).

A análise de Mascarenhas utilizada por Rodrigues é tão relevante que coube aqui a sua reprodução, principalmente porque ela vislumbra um olhar mais complexo acerca da difusão do futebol no território brasileiro, traçando a importância dos fatores regionais e englobando a diversidade das fronteiras pelas quais a interação com o jogo existiu. Além disso, a importância das transações comerciais com os ingleses permitiu que outros valores culturais penetrassem nas terras brasileiras (RODRIGUES, 2007).

R. Levine (1982 apud RODRIGUES, 2007) traçou a divisão de períodos da história do futebol brasileiro, representado no quadro a seguir:

Quadro 5 – Períodos do futebol brasileiro

PERÍODO DO FUTEBOL	CARACTERÍSTICA
1894 - 1904	Introdução do futebol no Brasil – clubes urbanos e ingleses
1905-1933	Fase amadora do futebol no Brasil – elitismo e o futebol como símbolo de distinção social
1933-1950	Fase do profissionalismo do futebol no Brasil – popularização e profissionalismo
1950-1970	Fase do reconhecimento internacional e da comercialização do futebol brasileiro
1970 - 2006	Fase da modernização conservadora do futebol-negócio no Brasil

Fonte: RODRIGUES, 2007, p. 108 (quadro adaptado).

É Rodrigues (2007) que desenvolve, na sua tese sobre o fim do passe no futebol brasileiro, o quinto período, que ele denomina de Fase da modernização conservadora do futebol-negócio no Brasil (1970-2006).

Ao se ter como referência o quadro acima, pode-se considerar que o tema dessa investigação se enquadra na fase do profissionalismo do futebol. É coerente dizer que formas de torcer por times e equipes são muito mais antigas; entretanto, as características do objeto aqui pesquisado é um produto das associações clubísticas, que surgem principalmente com o profissionalismo do futebol.

A introdução do futebol no Brasil não se deu de maneira homogênea, entretanto o elitismo no futebol brasileiro é tido como a marca do nascimento desse esporte no país. Os negros e os mulatos eram praticamente excluídos dessa prática esportiva. A inserção dos negros ocorre somente em outra fase. Ressalta-se que a criação dos primeiros clubes foi feita por imigrantes europeus

Rodrigues (2007) descreve que a Igreja Católica também colaborou com a difusão do futebol no Brasil, pois os colégios incentivaram a prática deste esporte. O catolicismo era um elemento muito importante a época e o simples fato de não interferir contra o futebol contou

pontos a favor dele. No entanto, os próprios jesuítas incentivavam a prática do futebol. –Deve-se salientar o fato de que numerosos padres deram impulso decisivo para a difusão do novo jogo. Uma certa notoriedade conseguiu o padre Manuel Gonzáles, que deve ter fabricado a primeira bola brasileira de couro cru [...]‖ (ROSENFELD, 1993, p. 78 apud RODRIGUES, 2007, p. 111).

A segunda fase do futebol, dado o seu período de introdução e de criação de alguns clubes, diz respeito ao contexto predominantemente amador da sua prática. Tal fato permitiu que o futebol no Brasil, assim como na Inglaterra, fosse considerado uma marca de distinção social. Era restrito às elites econômica e cultural do país, no qual predominavam os clubes de elite e os jogadores amadores. O racismo era explícito (RODRIGUES, 2007). –Este período coincide com o futebol de fábricas, no qual este esporte era utilizado/usado como mecanismo de diversão e disciplina para os trabalhadores‖ (RODRIGUES, 2007, p. 115).

Nesta fase houve o início da cobrança de ingressos no futebol. Tal processo se deu no Rio de Janeiro e em São Paulo, sendo que o dinheiro arrecadado era utilizado para cobrir os custos com o material esportivo. Só depois é que os atletas começam a ser pagos. Já surgiam os primeiros torcedores (RODRIGUES, 2007).

A vitória do Clube de Regatas Vasco da Gama, segundo Rodrigues (2007), pode ser considerada um marco para a popularização do futebol, uma vez que o clube venceu o campeonato carioca do ano de 1923 com uma equipe de negros, mulatos e brancos pobres, diferentemente da composição dos clubes da época como o Flamengo, o Fluminense e o Botafogo.

A profissionalização no futebol brasileiro ocorreu por volta de 1933 (REIS, 2006). O futebol passa do amadorismo para o profissionalismo a partir da entrada de jogadores das classes populares nos clubes, que ganhavam dinheiro para praticar esse esporte, até então praticado por lazer e diversão.

Levando-se em conta a referência do pensamento de Elias, pode-se perceber que as descrições e explicações acerca dos esportes inseridos dentro do espectro do lazer esclarecem o lugar de relevância do futebol como uma dessas atividades. No entanto, para alguns indivíduos, essas atividades são levadas também para a esfera do trabalho profissional, como no caso dos jogadores profissionais. Rodrigues (2007) esclarece que, até por volta de 1920, no Brasil, o futebol era praticado por lazer e diversão, principalmente pelas elites. As pessoas ainda não dependiam dele para viver (Rodrigues, 2007). –No entanto, com o processo de industrialização e a conseqüente popularização deste esporte, o futebol começou a ganhar

novos contornos (RODRIGUES, p. 116). O autor explica que houve diversos impasses nesse processo, envolvendo a entrada de jogadores das classes populares (principalmente negros) nos grandes clubes e muitas reivindicações por parte destes, inclusive na Confederação Brasileira de Desporto. Rodrigues (2007) ainda fala que nesse período as elites passaram mais a integrar a organização e a direção dos clubes (como ocorreu na Inglaterra). Apenas em 1964 houve a criação de regras específicas para os atletas profissionais do futebol, embora já no período entre 1956 e 1962 tivessem sido elaborados o Código Brasileiro de Futebol e o Código Brasileiro Disciplina de Futebol (Rodrigues, 2007).

O profissionalismo do futebol brasileiro permitiu a popularização desse esporte. Os jogadores passaram a ser remunerados e, portanto, com tempo, a prática do esporte arrastou muitas pessoas às partidas. Com a profissionalização do futebol há a inserção de mestiços, negros e mulatos nos grandes clubes. São os jogadores negros e mulatos os principais responsáveis pelo surgimento do hoje reconhecido estilo brasileiro de jogar futebol, o dito futebol-arte.

A forma espontânea de jogar, caracterizada pela astúcia, criatividade e improviso, segundo a narrativa que domina o imaginário social sobre o futebol, nos diferencia dos países europeus. Essa técnica futebolística (a –ginga brasileira) seria considerada um elemento importante na construção da identidade nacional. (RODRIGUES, 2007, p. 117)

Arlei Damo (1998) esclarece que a democratização funcional do futebol é de extrema relevância para a compreensão do processo de integração das classes populares a esse esporte antes restrito às elites.

Por perceberem as classes trabalhadoras – seus atletas, clubes e –torcedores– enquanto uma ameaça, não restou alternativa às elites senão transformarem a prática do amadorismo numa ideologia e se refugiarem nos clubes e ligas que lhes deram suporte. Já os que optaram, num primeiro momento, pelo profissionalismo, acabaram, cedo ou tarde, migrando para esfera administrativa das ligas e clubes. Assim, puderam se perpetuar enquanto um grupo restrito e com influência política, chamando para si a responsabilidade de planejar, expandir, reger, enfim, –pensar– os esportes modernos (DAMO, 1998, p. 31).

Damo (1998) frisa que as –massas– não absorveram o futebol de maneira passiva, mas participaram do processo de transformação do esporte, dando a ele outros contornos. A popularização do futebol andou junto com a sua profissionalização, conferindo um novo estatuto ao esporte.

Sabe-se que a popularização de um esporte é um processo que leva em conta múltiplos fatores e associações. Há muitas discussões atuais, principalmente pela mídia, que tratam da ideia de aumentar o preço dos ingressos para coibir a violência. Assim, somente quem está interessado em assistir o jogo iria ao estádio. Entretanto, os valores, os gostos e os costumes de uma população não mudam apenas pelo aumento do custo de um ingresso. Na atualidade é visível o alto custo que os brasileiros enfrentam para assistir aos jogos dos seus clubes, tanto nos estádios quanto na televisão, que restringe cada vez mais os canais abertos. Ainda assim não se pode afirmar que a violência entre os torcedores tenha diminuído.

A fase do reconhecimento internacional e da comercialização do futebol brasileiro teve início na década de 1950: Na copa do Mundo o Brasil apresentou um belo futebol e os jogadores negros e mulatos ganharam destaque. Nasceu o reconhecimento do estilo brasileiro de jogar

Damo (1998) constrói um quadro comparativo entre o futebol brasileiro e o futebol europeu:

Quadro 6– Comparação entre o futebol brasileiro e o futebol europeu

FUTEBOL BRASILEIRO	FUTEBOL EUROPEU
Artístico	Competitivo
Espetáculo	Eficiência
Dionisíaco	Apolíneo
Barroco	Clássico
Intuitivo	Racional
Natureza	Cultura
Dom	Aprendizado
Rua	Clube/escola
Jogo	Esporte
Individual	Coletivo
Agilidade	Rigidez
Habilidade	Força
Malandro	Caxias
Candomblé/umbandismo	Catolicismo/protestantismo
Futebol - arte	Futebol-força

Fonte: Quadro retirado da dissertação de mestrado de Damo (1998), p. 188.

O futebol brasileiro, reconhecido em todo mundo, o Brasil, país do futebol, dos maiores jogadores e do rei Pelé, iniciou-se na década de 1950. Roberto Damo (1998) informa que Damatta é um dos primeiros estudiosos das Ciências Sociais, especificamente da antropologia, a analisar a coesão nacional a partir do gosto e da prática do futebol. O futebol possibilitou o reconhecimento dos brasileiros em relação aos outros, os europeus, dos quais herdamos e apropriamos esse esporte. No entanto, a partir do estilo⁷ brasileiro de jogar futebol, o Brasil também se diferencia dos vizinhos de língua espanhola. Devido a extensão territorial do Brasil é possível ressaltar as especificidades geográficas e, portanto, as características regionais do futebol de cada região. Um exemplo atual é o jogo da final do Mundial Interclubes FIFA do ano de 2006 entre Internacional e Barcelona. A imprensa gaúcha abusava da ideia de que o clube rio-grandense tinha uma arma importante na partida contra o time catalão: o estilo gaúcho de jogar futebol. Evidentemente, ao mesmo tempo que este fato demarca uma regionalidade, afirma que a visão do futebol-arte, da ginga, da malandragem e da criatividade são aspectos fundantes pelos quais o Brasil é reconhecido. Ao jogar com um clube brasileiro, o Barcelona esperava encontrar um time com tais características, entretanto a regionalidade do Internacional era um fator surpresa que poderia auxiliar a equipe gaúcha. Embora o time catalão contasse com muitos jogadores brasileiros e sul-americanos, inclusive com um jogador gaúcho, a mídia rio-grandense fazia questão de frisar que o estilo gaúcho faria a diferença a favor do Internacional. A partida consagrou campeão o clube rio-grandense.

Gilberto Freyre, sociólogo pernambucano, é um estudioso da brasilidade e atribui o estilo brasileiro à formação étnico-racial do país. Freyre (1957) frisa que a miscigenação é responsável pela ginga dos jogadores brasileiros. O autor pernambucano, segundo Damo (1998), enaltece as contribuições que a malandragem carioca, a capoeiragem pernambucana e a molecagem baiana possuem na constituição do estilo brasileiro. O –esquecimento de Freyre com relação aos demais aspectos regionais (paulista, gaúcho e o mineiro, por exemplo) seria proposital, pois exigiria um estudo mais extenso sobre o assunto. O próprio autor disse que –os brasileiros do Nordeste [...] são como os primeiros paulistas, tipicamente caboclos, ou indígenas, e mais teluricamente e tradicionalmente brasileiros pelo espírito e pela conduta do que qualquer outro tipo regional (FREYRE, 1971, p. 94 apud DAMO, 1998, p. 187).

⁷Para uma discussão sobre a definição de estilo, ver Damo, 1998, p. 183-186.

Nas últimas décadas do século XX o estilo brasileiro de jogar passa por uma crise (RODRIGUES, 2007), ocasionada justamente pela influência que as características da fase de modernização e comercialização do futebol e dos jogadores brasileiros, que ganha mais espaço e difusão. A preparação física, a força e o condicionamento dos jogadores aparecem como elementos fundamentais ao esporte. Tal processo teve início na década de 1970.

A partir dos anos de 1970, fase que Rodrigues (2007) denomina de –fase da modernização conservadora e do futebol-negócio (RODRIGUES, pg. 124), o futebol passa a receber maior número de investimentos financeiros, os salários dos jogadores aumentam e as partidas são mais televisionadas. Há a criação do Clube dos Treze⁸ e uma enorme comercialização dos espetáculos de futebol começa a ocorrer (Rodrigues, 2007). Nesse contexto, os clubes de futebol ganham maior expressão, da mesma maneira que a presença do torcedor passa a ser mais marcante. Trata-se do momento em que as torcidas organizadas começam a ter maior visibilidade e a fazer parte do espetáculo futebolístico.

O Campeonato Brasileiro de Futebol foi criado em 1971, mas os campeonatos regionais ainda continuavam. Com isso, o Brasil passou a integrar nacionalmente o mercado produtor e consumidor desse esporte.

A principal característica desta nova fase é a comercialização do espetáculo futebolístico, a introdução da publicidade ao redor do gramado e nas camisas dos times. A mudança do estilo brasileiro de jogar torna-se mais evidente nesse período, especialmente quando os clubes e a seleção nacional adotam novos métodos de treinamento, dando ênfase à preparação física e à armação tática da equipe em campo. Podemos aludir aqui ao futebol-força, ou futebol científico, sendo ambos consequências da crescente comercialização do futebol (RODRIGUES, 2007, p. 124).

As mudanças referentes nas relações jogadores-clubes são uma característica importante desse período. Os clubes se tornam verdadeiras empresas, os modelos de preparação física e tática, assim como o imenso papel que as corporações da mídia passam a ter, começam a ser a marca dos espetáculos de futebol. A modernização, e até mesmo a globalização também atingem o universo futebolístico.

⁸ Fundado em julho de 1987, o clube conta com a união de Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Atlético Mineiro e Bahia, maiores torcidas á época (juntas contavam com 95% dos torcedores brasileiros). Tem o objetivo de cuidar dos interesses dos clubes brasileiros de futebol. Disponível em: <<http://clubedostreze.globo.com/pt/clube-dos-13>>. Acesso em: 09/09/2011.

Rodrigues (2007) frisa que o novo campeonato nacional pode se considerado como elemento da modernidade, entretanto a permanência dos campeonatos estaduais manteve o aspecto estrutural tradicional do futebol. As hierarquias regionais continuaram sendo respeitadas.

A Lei nº 6.354/76, instituída em 1976, prevê os direitos dos jogadores profissionais (férias, períodos de intervalos entre partidas) e deu origem a Deliberação nº 9/76, popularmente conhecida como -Lei do Passell. Ela tem por objetivo regular as transações das vendas dos jogadores e do passe livre, aplicando inclusive penalidades a eles (RODRIGUES, 2007).

As torcidas de futebol, assim como os espectadores dos espetáculos dos jogos também passam a integrar cada vez mais a dinâmica do universo futebolístico. Ao se observar as partidas atuais, percebe-se que a transmissão televisiva ganha mais poder a cada ano. No entanto, os clubes brasileiros possuem uma participação importante nesse processo, uma vez que suas torcidas vão crescendo, tanto quanto as campanhas para o aumento do número de associados. Associar-se a um clube de futebol é uma prática muito anterior ao período de modernização do futebol, entretanto a configuração atual de filiação é marca desta fase.

Damo (2002) demonstra toda sua preocupação, que se considera própria das ciências sociais, em refletir e explicar (pelo menos até certo ponto) como o futebol chegou a ser o que é hoje no Brasil. Para isso, o autor primeiramente avalia que há duas principais linhas de pensamento que pretendem explicar a importância do futebol como um símbolo da identidade nacional e a enorme presença desse esporte na vida cotidiana da população brasileira.

A primeira se refere a uma razão instrumental, que estabelece uma relação direta entre a simplicidade das regras e a facilidade de improvisação no futebol, de um lado, e as condições materiais precárias do povo brasileiro, de outro lado (DAMO, 2002). Tais premissas estão equivocadas, pois há muitas regiões de realidades macroeconômicas distintas nas quais a popularidade do futebol também acontece. Assim, a conexão entre futebol e pobreza não é verdadeira. Além do mais, o fato de que as regras do futebol são simples é uma lógica que precisa ser invertida, ou seja, o que constrói a facilidade das regras do futebol é que ele faz parte do processo de socialização dos brasileiros, especialmente dos meninos. Desta maneira, as regras se apresentam como simples e claras (DAMO, 2002).

A segunda premissa está calcada em uma razão simbólica, que estabelece uma relação entre a cultura popular e o futebol. O fato do futebol se diferenciar dos demais esportes por ser praticado com os pés se vincularia a cultura popular que valoriza o baixo corporal e as metáforas que exaltam o baixo ventre. Damo (2002) apresenta Gilberto Freyre como um dos primeiros pensadores a dar contorno acadêmico a esta explicação. No entanto, tal ideia pode explicar especificidades do jeito brasileiro de jogar, do gosto pelos dribles e pelo balanço do jogador brasileiro, que, como já foi comentado, ganhou expressão a partir da década de 1950, mas não avança na compreensão do por que se fez do futebol o esporte nacional no Brasil. O exemplo do gosto dos argentinos, dos ingleses e dos italianos pelo futebol mostra que a associação desse esporte ao baixo ventre não da conta de explicar a questão, mas sim de demonstrar as especificidades do jogo dos brasileiros.

Preocupando-se mais com o como o futebol chegou a ser no Brasil o que é hoje, Damo (2002) afirma que faz isso a partir de uma abordagem que leva em conta –contextos históricos e sociais a partir dos quais nos apropriamos de uma prática exógena e lhe atribuímos um significado próprio (DAMO, 2002, p. 32). Tal referência é relevante para a construção dessa dissertação porque ressalta a importância que o presente recorte (pensar as violências e a construção da rivalidade a partir da perspectiva de torcedores de dois clubes de futebol) possui, pois Damo (2002) explica que os brasileiros não apenas gostam de futebol, mas o fazem a partir de um referencial, os –clubes do coração (p. 32). Assim, os clubes constituem-se como categorias de entendimento.

Por toda a importância que os clubes de futebol representam (principalmente para este estudo) na atualidade e na construção específica da rivalidade regional aqui estudada é fundamental que seja feito um sintético apanhado histórico da fundação dos clubes brasileiros e o surgimento do que Damo (1998) denomina de *habitus* associacionista no Brasil, o que em parte já foi feito.

Sabe-se que durante a primeira década do futebol brasileiro ele esteve restrito, de modo geral, às elites. Levando-se em conta a maneira como Charles Miller organizou o primeiro *meeting* oficial⁹, pode-se também dizer que ele trouxe para o Brasil algo além da prática do futebol, ou seja, –um modelo de sociabilidade, de associacionismo e de pertencimentol (DAMO, 2002, p. 37).

⁹ Miller trouxe da Inglaterra os uniformes, as bolas e um livro de regras oficiais do futebol. Desta forma, o primeiro encontro que ele organizou contou com a distribuição de cavalheiros procedentes da aristocracia e da alta burguesia paulista em times, assim como as damas na *assistance* (DAMO, 1998 e RODRIGUES, 2007).

Em 1888 foi fundado, em São Paulo, o São Paulo Athletic Club, ao qual Charles Miller se filiou. No ano de 1898 foi fundada a Associação Atlética Mackenzie pelos estudantes do Colégio Mackenzie. Nesse período o futebol brasileiro era praticado pelas elites. Em 1901 foi criada a Liga Paulista de Futebol, que foi vencida pelo time de ingleses São Paulo Athletic nas suas três primeiras edições (RODRIGUES, 2007).

No Rio de Janeiro, o Payssandu Cricket Club, fundado por ingleses em 1892, é considerado um dos primeiros clubes que praticavam futebol. Já o Rio Foot Ball Club, fundado por Mr. Makintosh, surgiu na última década do século XIX.

No dia 12 de março de 1933, em Santos, no litoral do estado de São Paulo, ocorreu a primeira partida de futebol profissional. O estádio era a Vila Belmiro e a equipe do São Paulo venceu o time local por 5 a 1 (RODRIGUES, 2007).

Guazzelli (2000) explica que o Rio Grande do Sul tem o clube de futebol brasileiro mais antigo, criado em 19 de julho de 1900, na cidade de Rio Grande – o *Sport Club* Rio Grande. Esta data foi oficializada pela Confederação Brasileira de Futebol como Dia Nacional do Futebol.

1.3 Grêmio *versus* Internacional: a construção de uma rivalidade clubística

A disputa entre Grêmio e Internacional já tem mais de um século. O Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense foi fundado por imigrantes alemães de classe social mais abastada, em 1903. Não permitia a associação de negros e de pessoas advindas de classe sociais mais baixas.

O *Sport Club* Internacional foi fundado posteriormente por irmãos italianos, em 1909. Permitia o ingresso de negros e de pessoas das classes sociais mais baixas. Desde a história da fundação de ambos os clubes que a construção de antagonismos passou a ser percebida. O Grêmio torna-se o clube tido como da elite branca porto-alegrense, enquanto o Internacional adquire o status de –Clube do Povoll.

Ao longo das décadas de 1930, a diferença entre Grêmio e Internacional tornou-se mais acentuada, visto que o segundo já aceitava negros em sua equipe: embora o primeiro já não fosse mais uma associação –exclusivamente germânica – tendo inclusive contado com jogadores de pele mais escura, como o ídolo Eurico Lara - ainda mantinha sua imagem de clube de elite, sem procurar se popularizar, tal como o rival (CARDIA, 2009, p. 32).

Frisa-se que a mídia local teve grande parcela de contribuição na construção dessa rivalidade local. A intenção não é dar conta de todas as dimensões que envolveram este processo, mas destacar que a rivalidade Gre-Nal, como outras em todo Brasil, passou a ser parte dos seus associados (torcedores), extrapolando a esfera apenas do clube.

Grêmio e Internacional são adversários, portanto, rivais. A palavra rivalidade possui um conceito bem simples. Segundo o dicionário¹⁰, ela significa –a concorrência de pessoas que querem a mesma coisa. Na realidade rio-grandense, especificamente porto-alegrense, há dois clubes que concorrem. Mas concorrem exatamente a que? Quem representa esta concorrência e quais são as suas consequências? Como esta rivalidade influencia no processo de constituição das identidades dos torcedores da dupla Gre-Nal? Há relação entre estes elementos e as violências entre esses torcedores? Estas são algumas perguntas que serão respondidas ao longo deste capítulo e da própria dissertação. Para isso é necessário que se faça uma contextualização histórica dos dois clubes, parte da história do Rio Grande do Sul, com o intuito de se entender muitas das peculiaridades desta rivalidade. Ou melhor, os momentos históricos que traçaram algumas características do futebol rio-grandense, o papel da imprensa nestes processos e a invenção de um estilo gaúcho de jogar futebol, uma vez que o aspecto da rivalidade Gre-Nal é também fruto destas especificidades.

1.3.1 Os –queixumes‖ rio-grandenses

Segundo Murad, –por um ângulo sociológico, o futebol possibilita o necessário exercício entre o indivíduo e seus contextos, suas mediações e intercâmbios‖ (2007, p. 12). Guazzelli afirma que –o futebol como fato social também permite que sejam observadas aquelas disjunções e fraturas que atravessam a ideia de nacionalidade e as precárias costuras que tentam amarrar esta identidade coletiva‖ (1999, p. 22). O autor refere-se ao fato de o futebol representar de maneira extremamente significativa a postura dos rio-grandenses diante da identidade nacional e brasileira. O futebol revela uma identidade regional que sempre acaba reaparecendo, cuja marca é o sentimento de desprestígio e pouco caso sofrido pelo povo rio-grandense diante dos estados do centro do país.

¹⁰ Dicionário online de português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/rivalidade/>>. Acesso em: 11 de nov. 2011.

Essa noção de inferioridade aparece com muita frequência, tanto nas falas oficiais das autoridades rio-grandenses, independentemente de partidos ou tendências políticas, transmitindo a ideia de que o Rio Grande arca com um ônus desproporcional em relação aos demais estados, quanto nas manifestações dos setores privados, que dependem de insumos, créditos, preços mínimos, alíquotas ou energia a baixo custo, assuntos definidos no centro do País (GUAZZELLI, 1999. p. 22)

Guazzeli (1999) explica que no Rio Grande do Sul –é possível constatar a presença difusa de um discurso que se articula em torno de uma ‘_crise’, de uma ‘_identidade’ e de uma ‘_nostalgia’, elementos discursivos que não são necessariamente colocados nesta ordem, mas que [...] encontram-se imbricados (p. 22). As ‘_crises’ são provocadas por –eles. Nos momentos de –crise a –nostalgia aparece para lembrar os feitos rio-grandenses. Nestes períodos são reafirmados fatos como a Revolução Farroupilha, a Revolução de 30 ou a Campanha da Legalidade.

Cardia diz :

São correntes no Rio Grande do Sul as queixas quanto a ‘_prejuízos’ aos seus clubes de futebol, tanto nas disputas contra clubes de outros Estados como nas convocações para a Seleção Brasileira. Tanto por erros de arbitragem, como pela imagem de ‘_jogo violento’ que por vezes é atribuída aos clubes do Rio Grande do Sul, o que limitaria a presença de atletas rio-grandenses na Seleção (2009, p. 5)

Nota-se que há um sentimento de –queixum dos gaúchos frente às injustiças que percebem sofrer. Foram os rio-grandenses, antes mesmo de se tornarem gaúchos, que peleavam para garantir o território nacional, ou seja, em favor do Império do Brasil. Ademais, as –crises que impossibilitam o bem-estar da população são atribuídas a fatores externos ao Rio Grande, em geral relacionado a –eles, que administram o Estado nacional (GAZZELLI, 1999). Ainda hoje –eles e –nós são pronomes conhecidos no senso comum de quem nasce ou vive no Rio Grande do Sul. –Aqui nós não torcemos pra seleção ‘_deles’¹¹. Assim, –foi fundamental a associação de todos os rio-grandenses à imagem do ‘_gaúcho’¹², com as devidas transformações que sofreu em quase dois séculos (GUAZZELLI, 1999, p. 23).

Todo este sentimento pode ser percebido também no futebol, segundo Guazzelli (1999) e Damo (1998), tendo havido sua maior expressão em abril de 1972. O episódio da não

¹¹ Trecho de uma entrevista feita nesta dissertação.

¹² Inicialmente o termo gaúcho era utilizado como referência ao ladrão, fora-da-lei e pária social. Depois passou a designar os peões das fazendas e estâncias para só posteriormente identificar todos os rio-grandenses, fato que contou com a colaboração dos intelectuais (GUAZZELLI, 1999).

convocação de Everaldo Marques da Silva¹³ para a Taça da Independência ou Mini-Copa gerou uma –crise com alta repercussão nos meios futebolísticos, políticos e na imprensa (GUAZZELLI, 1999)). O ato da então Confederação Brasileira de Desporto (CBD) foi considerado uma ofensa, e somente uma partida entre a seleção gaúcha e a seleção brasileira poderia honrar o povo rio-grandense.

A crise gerada pela situação da Mini-Copa fez aflorar uma identidade rio-grandense configurada num futebol gaúcho, específico dos pagos sulinos, diferente e não aceito pelos brasileiros em geral. Reproduzia-se o de sempre: o não reconhecimento ao futebol ‘gaúcho’ analogamente ao não reconhecimento dos ‘gaúchos’ em outros campos e circunstâncias, pela existência de uma identidade regional que não podia confundir-se com uma nacional (Ibidem, p.23-24).

O referido autor explica que nas circunstâncias que antecederam o jogo, que ocorreu no dia 17 de junho de 1972, muitos aspectos nostálgicos foram associados à ideia da identidade gaúcha. Isso se deu principalmente pelos diversos serviços prestados, por parte dos gaúchos, à seleção brasileira. O sentimento que se expressava era de ingratidão, devido ao não reconhecimento que os estados do centro do país, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo (representados pela ação da CBD), demonstravam ao não convocar atletas do Rio Grande do Sul. Estado esse que havia lutado pela pátria nos processos de demarcação fronteiriça e que possui o primeiro clube de futebol brasileiro. Era necessário mostrar insatisfação e rebeldia diante deste descaso.

A pouca presença de jogadores gaúchos nas seleções brasileiras, principalmente até a década de 1970, era associada ao fato da distância do estado do centro do país. Esta opinião ganhava força cada vez que um jogador era transferido de um clube gaúcho para um clube do centro de país e então recebia oportunidades até então inexistentes (GUAZZELLI, 1999).

Por uma década, jogadores atuando em clubes do Rio Grande do Sul estiveram ausentes das seleções nacionais. Sílvio Pirilo, formado no *Sport Club* Internacional, só depois de se transferir pro Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro, jogou no selecionado que disputou o Campeonato Sul-Americano de 1942, em Montevideu. Apenas em 1944, após sua afirmação no famoso ‘Rolo Compressor’ do Internacional, Tesourinha seria convocado pela primeira vez, tendo, desde então, vestido por 23 vezes a camisa da seleção até 1950 [...] (GUAZZELLI, 1999, p. 24-25)

¹³ Atleta que jogava na lateral-direita do Grêmio. Foi Tricampeão mundial na Copa do Mundo de 1970.

Tesourinha não participou da Copa de 1950, no Brasil, devido a uma lesão. Três gaúchos integraram o elenco da seleção de 1950 (Nena, Adãozinho e Juvenal). Nessa Copa, a seleção brasileira foi derrotada na final, no estádio Maracanã, pela seleção do Uruguai, episódio histórico de um trauma para o futebol brasileiro. Em 1958, ano em que o Brasil foi Campeão da Copa do Mundo, a seleção contou com um representante gaúcho, o atleta Oreco, que havia jogado no Internacional, mas na ocasião da convocação defendia o *Sport Club Corinthians Paulista*. Já, em 1962, ano em que o Brasil foi Bicampeão Mundial, não constava nenhum jogador gaúcho na seleção e em 1966 houve a presença de Alcindo, que defendia o Grêmio. Nessa Copa do Mundo, que aconteceu na Inglaterra, a seleção Brasileira, comandada pelo técnico Vicente Feola, não se saiu muito bem na competição.

Soma-se aos episódios das poucas convocações de jogadores gaúchos às seleções brasileiras a ideia de que caberia ao povo rio-grandense, representado por seus atletas, lavar a honra da nação brasileira. Tal premissa é justificada pelo empate que a equipe do Internacional impôs à seleção uruguaia, a mesma que havia vencido a seleção brasileira em pleno estádio Maracanã, em 1950. A partida entre gaúchos e uruguaios ocorreu em 1951, no estádio Centenário, na cidade de Montevideu. Os gaúchos também representaram o Brasil no Campeonato Pan-Americano de 1956, realizado no México, tendo como base o time do Internacional. A seleção gaúcha empatou com a Argentina, venceu o Chile, o Peru, o México e a Costa Rica. A equipe gaúcha ainda representou o Brasil no Campeonato Pan-Americano de 1960, que ocorreu na Costa Rica, e na Taça Bernardo O'Higgins, em 1966, em Santiago do Chile contra a própria seleção chilena, na qual os gaúchos ganharam o troféu. Devido ao péssimo desempenho brasileiro na Copa de 1966, o referido troféu foi o único conquistado para os brasileiros naquele ano (GUAZZELLI, 1999).

A precoce eliminação da seleção na Copa de 1966 acabou gerando um momento de reflexão, ou mesmo de crise, no futebol brasileiro. Até mesmo os clubes de futebol passaram a repensar a maneira como o campeonato nacional estava modelado. Na verdade, neste período havia a Taça Brasil, que era disputada desde 1959, e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, desde 1950. O detalhe é que o Torneio não contava com a participação de clubes de todos os estados, mas apenas era disputado entre clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Já a primeira Taça Brasil era disputada por representantes de vários eixos do Brasil, tendo como vencedor da primeira edição o Bahia. Em 1966, o campeão foi o Cruzeiro, de Minas Gerais. Esses dois clubes foram campeões vencendo o Santos, de Pelé (CARDIA, 2009). A partir da vitória do Cruzeiro na Taça Brasil, os jogadores de Minas Gerais passaram a ter mais visibilidade, e, por

consequente, integravam a seleção brasileira. Este fato também provocou os setores futebolísticos rio-grandenses, uma vez que o futebol mineiro torna-se, com os feitos realizados, o terceiro melhor do país (GUAZZELLI, 1999).

O importante a se destacar em todos estes acontecimentos é o fato das sempre presentes manifestações rio-grandenses. Foram as reformulações advindas da péssima campanha do futebol da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1966 que deram origem a um Campeonato Nacional de maior competitividade, que passou a contar com a participação de clubes além do eixo Rio-São Paulo. O Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que também havia sido chamado de Torneio Rio-São Paulo, é ampliado e os clubes dos demais estados brasileiros passam a integrá-lo. O futebol brasileiro tem, a partir de 1967, duas competições nacionais: a Taça Brasil e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o –Robertão. O Internacional saiu com o vice-campeonato, enquanto o Grêmio ficou com a quarta colocação no Torneio. Em 1968, o Internacional consagra-se vice-campeão novamente.

Em Porto Alegre, nos anos de 1967 e 1968, foi criado o Comitê do Robertão. Como o Internacional não possuía um estádio próprio apto (o estádio Beira-Rio ainda não estava pronto) e precisava jogar no Olímpico Monumental, estádio do Grêmio, ambos os clubes uniram suas forças. O sistema era de –caixa única, no qual a renda era dividida para os dois clubes (CARDIA, 2009). A imprensa local, representada principalmente pela *Folha da Tarde Esportiva*, exaltava a união da dupla e a torcida Gre-Nal.

Para a Copa Rio Branco, disputada contra o Uruguai em junho do ano de 1967, cinco jogadores gaúchos foram convocados: Everaldo, Alcindo e Volmir do Grêmio; Scala e Sadi do Internacional. Após três empates, as duas seleções dividiram o título.

Mesmo após o Rio Grande do Sul ter seus jogadores convocados para Seleção Brasileira, e também do reconhecimento por parte do presidente da Federação Paulista, persistia a ideia de que o Rio Grande era ‘marginalizado’, e por isso deveria ‘mostrar o seu valor ao Brasil’. E que isso só seria possível com a união entre as torcidas rivais (CARDIA, 2009, p. 45).

No ano de 1968 o time do Internacional foi novamente vice-campeão do –Robertão, que passou a ser organizado pela CBD nesse mesmo ano. Entretanto, a união dos rivais gaúchos não ocorreu tal qual no ano de 1967. Entre os motivos está o fato de o Grêmio ter vencido os dois últimos estaduais.

No ano de 1969 a Taça Prata (antiga Taça Roberto Gomes Pedrosa, ainda chamada de Robertão) já não contava mais com a união dos dois clubes gaúchos e das torcidas rivais. Não

era mais utilizado o sistema de caixa único, pois o Internacional não precisava mais jogar no Olímpico Monumental.

A partir de 1969 seria ‘cada um por si’ - ainda mais após os acontecimentos verificados após o último clássico Gre-Nal realizado no Festival de inauguração do Beira-Rio, que não chegou ao final devido a uma briga generalizada entre os jogadores, que esfriou as relações entre os clubes. O discurso da ‘necessidade de afirmação do futebol gaúcho’ passaria para o âmbito da Seleção Brasileira (Idem, *Ibidem*, p. 49).

Além disso, os gremistas mostravam despeito devido a inauguração do Beira-Rio e já planejavam reforma no estádio Olímpico.

O combate do Grenal de inauguração do Beira-Rio coalhou de vez as relações já azedas entre os dois clubes. Como um casalzinho emburrado, eles passariam mais de um ano sem fazer as pazes. O Grêmio, com um pessimamente disfarçado ciúme da badalação que se fazia em torno do Beira-Rio. Os colorados enchiam a boca para dizer: ‘Gigante da Beira-Rio, o maior estádio particular do mundo’ (COIMBRA, David; NORONHA, N; SOUZA, M. e MOREIRA, C. A., 2009, p. 125).

É possível perceber que as disputas estaduais e os acontecimentos locais colocaram um final na ‘torcida gaúcha’. Após a inauguração do estádio do Internacional, a relação dos dois principais clubes de Porto Alegre encontrava-se abalada. Tal relação foi novamente estreitada após o episódio da não convocação do tricampeão Everaldo, no já comentado ano de 1972.

Toda esta trajetória de lembranças acima referidas havia sido acionada, segundo Guazzelli (1999), devido a ‘crise’ (a não convocação de Everaldo) de 1972.

Um Rio Grande do Sul, sempre esquecido, jogado a um segundo plano do futebol brasileiro, e que, no entanto, sempre cumprira sua parte quando lembrado. A afronta ao tricampeão Everaldo sobrepunha-se a avaliações mais objetivas sobre a fase que atravessava como futebolista e ganhava foros de ofensa a todos os rio-grandenses, num raro momento de união entre colorados e gremistas. Reconstituía-se uma ‘identidade’ para o Rio Grande do Sul, justamente num momento em que o governo ditatorial tratava de moldar um Brasil de fantasia, unido, próspero e feliz, usando de muita propaganda e excessivas medidas repressivas (GUAZZELLI, 1999, p. 28).

Conforme a explicação de Guazzelli é notável a presença da ‘nostalgia’ na afirmação de uma identidade gaúcha, presente inclusive na maneira de jogar futebol. Tal ‘nostalgia’ é acionada, principalmente, a partir de fatos que geram ‘crise’ no cenário rio-grandense. O futebol é mais

um aspecto de demarcação da diferença entre –nós||, gaúchos e –eles||. Um exemplo mais atual de –crise|| seria o fato do Internacional não ter conquistado o título de campeã brasileiro no ano de 2005. O –escândalo||¹⁴ da arbitragem do Campeonato Brasileiro de 2005 relembrou novamente as características rio-grandenses, como a inferioridade diante do centro do país e a dita raça gaúcha, que nunca desiste de lutar contra as adversidades que a situação de –inferioridade|| lhe impõe. Sem dúvida, a imprensa rio-grandense muito estimulou tal reação. É sobre a influência dela, principalmente na formação de uma ideia de identidade gaúcha e de um estilo gaúcho de jogar futebol que o item posterior irá tratar.

1.3.2 A imprensa gaúcha, o estilo gaúcho e o clássico Gre-Nal

Édison Gastaldo (2003 e 2006) aborda a relevância da mídia na produção e na reprodução de uma cultura. Seus estudos estão interessados em perceber a relação entre nacionalidade e futebol no Brasil e para isso ele utilizou o discurso dos textos jornalísticos.

[...] mediatização dos eventos esportivos, processo social de articulação de significados que, em nossa sociedade, produz definições da realidade acerca dos fatos esportivos, colaborando de modo ativo no estabelecimento e manutenção de significações culturais acerca destes fatos. Esse processo de articulação de significados torna o discurso midiático um importante elemento de produção e reprodução de cultura em nossa sociedade [...] (GASTALDO, 2006, p.2 e 3).

Sobre os aspectos já mencionados na presente pesquisa, tais como os esportes estarem inseridos em um contexto menos relevante da vida cotidiana, principalmente ao serem comparados com o mundo sério no qual estaria encaixado o trabalho, a política e a economia,

¹⁴ O Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), durante o Campeonato Brasileiro de 2005, anulou onze jogos apitados pelo árbitro Edilson Pereira de Carvalho. Ele confessou ter participado de um esquema de manipulação dos resultados dos jogos, com o intuito de favorecer um grupo de apostadores da internet. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) remarcou os onze jogos, mesmo não havendo comprovação de fraude em todos eles. O Corinthians, clube que disputava o título, teve dois jogos remarcados (Santos *versus* Corinthians e São Paulo *versus* Corinthians). Ele havia perdido os dois jogos e após a remarcação ganhou um e empatou outro. O Internacional teve um jogo remarcado, contra o Coritiba. A partida remarcada teve o mesmo resultado da anterior, 3 a 2 para o Internacional. Também foi emblemático o jogo Corinthians *versus* Internacional, ocorrido no dia 20 de novembro de 2005, no estádio do Pacaembu. A partida foi considerada uma –final||, apesar da fórmula do Campeonato ser de pontos corridos. O pênalti não marcado pelo árbitro Márcio Resende de Freitas em cima do jogador Tinga, do Internacional, provocou mais uma vez os –queixumes|| rio-grandenses.

Gastaldo reflete que é justamente essa característica que torna os discursos da imprensa esportiva repleto de manifestações que reproduzem inclusive preconceitos sociais.

A menor exigência de ‘objetividade’ de um jornalista esportivo faz com os discursos da imprensa esportiva sejam mais passíveis de manifestação de elementos simbólicos da cultura na qual se inserem – machismo, racismo e outros preconceitos, inclusive – permitindo pensá-los como um interessante ‘ponto de observação’ acerca da definição de imaginários simbólicos da nossa sociedade pela mídia. (GASTALDO, 2006, p.3 e 4)

A imprensa gaúcha é uma das responsáveis pela construção e pela manutenção de uma ideia de estilo gaúcho de jogar futebol, que deveria se diferenciar de um estilo brasileiro de jogar futebol. O futebol do Rio Grande deveria ter a sua própria identidade, seu próprio modo de ser.

Arlei Damo (1998) chama atenção para a invenção do estilo brasileiro e a invenção do estilo gaúcho de futebol. Explica que para a demarcação da identidade e do estilo gaúcho de se jogar algumas características foram exaltadas e outras esquecidas. Damo esclarece que o fato do povo rio-grandense ter demarcado mais os aspectos de desencaixe do Rio Grande do Sul com relação ao resto do país acaba reforçando a tão protestada marginalização que dizem sofrer por parte dos estados do centro do Brasil. As afirmações das diferenças fortaleceriam e até justificariam a posição de marginalização que o Rio Grande do Sul possui.

Guazzelli esclarece:

Já tornou-se um axioma do senso comum que o futebol no Rio Grande Sul apresenta características próprias que o diferem do futebol do resto do País: mais virilidade que habilidade, mais força que malícia, mais entrechoque que negaça. As explicações para esta especificidade são basicamente duas: a) a população rio-grandense é predominantemente branca e forjada na dureza das intempéries sulinas, reproduzindo no jogador de futebol dos centros urbanos as qualidades atribuídas ao peão campeiro, o gaúcho; b) a vizinhança com países do Prata, adotando os futebolistas de características –castelhanas – tais como denodo, vigor e bravura -, tal como ocorrera com gaúchos de antanho (GUAZZELLI, 1999, p. 28).

1.4 Torcedores de futebol: algumas formas de envolvimento com o futebol

E necessário ressaltar que esse estudo preocupa-se com uma forma específica de envolvimento com o futebol: a de torcer por um clube de futebol profissional.

Torcer por um clube no Brasil é uma regularidade social a qual se considera praticamente indiscutível. O que varia muito é a intensidade que um indivíduo torce. É sabido que há muitas pessoas que não gostam e não se envolvem com qualquer esfera do futebol, mas é inevitável o fato de que elas serão questionadas do porque de tal escolha, pergunta esta que será sucedida pela –pra que time tu torce?||

A iniciação de um torcedor começa pela escolha de um clube para torcer. Esta mobiliza os laços de sociabilidade mais próximos, chegando, em certos casos, a formar torcedores fiéis a um mesmo clube por três e até quatro gerações no âmbito de uma família. A mudança de opção é rara e, quando ocorre, é permeada por atribulações de toda ordem. Sendo assim, o clube do coração deixa de ser uma escolha *ad hoc* e, mesmo levando-se em consideração seus aspectos contingenciais e emocionais, cabe ao torcedor o ônus desta opção. Tudo isso, é claro, de acordo com a importância e o significado assumidos pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada cidadão (DAMO, 2002, p. 34 e 35).

De acordo com Reis (2006), –a paixão clubística acompanha os indivíduos desde a primeira infância. Torcer por um time é condição herdada dos pais desde o nascimento|| (REIS, 2006). Para Damo (1998) o indivíduo na sociedade brasileira possui a necessidade de optar por um time, pois o torcer é também participar da vida social. A escolha pelo clube que se torce é geralmente herdada através de redes de afinidade, principalmente familiar.

Após a opção por torcer por um clube de futebol, o então torcedor passa a se identificar com seus –irmãos|| (torcedores do mesmo clube). Essa identificação parece acontecer de forma espontânea. No entanto, segundo Pimenta (1997), ela está diretamente vinculada ao processo histórico brasileiro, especialmente o período da ditadura militar, que reforçou o individualismo em detrimento da esfera coletiva.

Ressalta-se que a partir do futebol pode-se pensar a vida social do brasileiro porque ele está presente no cotidiano dos meios de comunicações, comentado pelos considerados –especialistas no assunto|| ao mesmo tempo em que é tema para conversas informais. –Entre um extremo e outro, o futebol permite que até mesmo o mais humilde cidadão expresse sua opinião, sua subjetividade, enfim, quase todos têm algo a dizer quando o tema é futebol|| (DAMO; 1998).

O torcedor é aqui pensado como pertencedor, e assim sendo, pertence ao seu –clube do coração e é parte dele. Fatos que comprovam isso podem ser vistos no nosso cotidiano. É comum se estar caminhando (em qualquer espaço de sociabilidade) e ouvir frases como: –E aí, o que houve com a gente ontem, perdemos?». A ação é, na maioria das vezes, pensada na primeira pessoa do plural. Dessa forma pode-se notar um dado: os torcedores se identificam, tanto em relação com eles mesmos como em relação ao –outro. Pensando o *Sport Club Internacional* e o Grêmio *Foot-Ball* Porto-Alegrense, é o colorado o –outro em relação ao gremista e vice-versa.

Heloisa Helena Reis estudou, em sua obra *Futebol e Violência*, a identidade e a identificação clubística dos jovens, tendo em vista as chamadas torcidas organizadas. Para esta pesquisa, considera-se importante a identidade desses jovens, *organizados ou não*, e pensa-se justamente que essa identidade é obtida através da –paixão pelo clube do coração. Segundo ela –a participação de jovens em grupos organizados que protagonizam episódios violentos e a identificação que os jovens estabelecem com os jogadores e as instituições esportivas estão diretamente relacionadas à construção da sua identidade [...]» (REIS, 2006, p. 40).

García Ferrando e Lagardera Otero (1998), dizem que a –identidade é o que possibilita ao indivíduo saber quais são suas ideias e seus desejos de ser capaz de reconhecer a si mesmo (o –eu individual) e o seu entorno (o –nós coletivo).

Efeito dessa identificação coletiva, os atletas (jogadores do futebol) nunca estão competindo somente entre eles: os torcedores também estão competindo. Esta competição se torna muito mais densa quando a rivalidade histórica dos clubes entra em cena, como é o caso de Internacional e Grêmio. Os torcedores/pertencedores perdem quando seu clube perde e ganham quando seu time ganha. Mas, quando a rivalidade clubística ocorre como na dupla Gre-Nal, esses torcedores não apenas ganham quando seu clube ganha, mas também ganham quando o –outro perde. Mais uma vez a identidade coletiva está presente. O limite entre eles no sentido do –eu de cada um e de seu clube é ultrapassado.

1.4.1 O torcedor comum

O torcedor comum é caracterizado pelo ato de torcer por seu clube sem filiação a alguma torcida organizada. É a modalidade de torcedor que possui maior número no estádio. Ele vai ao estádio para olhar o jogo e também torcer.

Desde o início das primeiras associações clubísticas, ou tomando como referência as equipes que representavam as fábricas no período da introdução do futebol no Brasil, já poderia se falar de torcedores; entretanto, os moldes e as características que eles possuem hoje são originárias da fase da profissionalização do futebol.

O interessante é colocar a situação em que se encontram os associados clubísticos na atualidade. Ressalta-se que a associação a um clube significa torcer por ele, não se restringe apenas ao pagamento de mensalidades à instituição. Os torcedores comuns são aqueles espectadores e consumidores do futebol. Ele pode ir frequentemente ao estádio ou pagar uma rede televisiva para assistir às partidas do seu time. Sua relação com o clube do seu coração pode ser muito estreita, mas não se interessa por nenhuma filiação às torcidas organizadas de seu time (no caso da dupla Gre-Nal, formais e informais), pois seu objetivo principal é assistir ao jogo, torcer sem obrigação ou regulação contínuas advindas das organizadas. Esse é o torcedor comum.

1.4.2 O torcedor organizado

No Brasil, pode-se dizer que as torcidas organizadas tiveram sua origem na década de 40, com a Charanga do Flamengo. No entanto, ainda não havia a estrutura organizativa que acabou desenvolvendo. A estrutura organizativa é o que caracteriza uma torcida organizada, assim como a sua estrutura burocrática (PIMENTA, 1997).

As organizadas nos moldes atuais começam no fim da década de 60. É importante salientar que nesse período o Brasil vivia um momento onde crescia a busca pelo desenvolvimento econômico e São Paulo é uma das principais cidades que apresenta uma aceleração urbana desarticulada com as bases sociais. Percebe-se uma mudança no comportamento da população que frequentava as arquibancadas. Os clubes, jogadores e dirigentes eram cada vez mais cobrados por seus desempenhos. As torcidas organizadas

nascem como um mecanismo de pressão, tornando-se cada vez maiores, passando pela busca da auto-afirmação (PIMENTA, 1997).

Segundo Pimenta (1997), há diferentes tipos de torcedores organizados no mundo. Os *hooligans* surgem na Inglaterra a partir dos anos 60. Caracterizam-se pelo envolvimento político ideológico com partidos políticos de extrema-direita. Os chamados barras bravas surgem na América Latina, em especial na Argentina, Uruguai e Colômbia, a partir de meados da década de 80. Não possuem uma estrutura burocrática no estilo das torcidas organizadas brasileiras e também não possuem envolvimento político-ideológico com partidos. As torcidas organizadas surgem no Brasil, tendo sua gênese na década de 40, mas apenas no fim da década de 60 aparecem com as características atuais. Caracterizam-se pela sua estrutura burocrática. Um exemplo a ser considerado é a -Torcida Jovem do Flamengo, que faz da violência uma marca sua nas arquibancadas. Com o crescimento das organizadas, os espectadores do futebol se dividem em torcedor Comum e torcedor Organizado (PIMENTA, 1997, pg. 67).

O quadro abaixo apresenta as principais modalidades de torcedores, segundo Pimenta (1997):

Quadro 7 - Torcedores de futebol

HOOLIGANS	Surgem na Inglaterra a partir dos anos 60. Caracterizam-se pelo envolvimento político ideológico com partidos políticos de extrema-direita.
BARRAS BRAVAS	BARRAS BRAVAS: Surgem na América latina, em especial na Argentina, Uruguai e Colômbia, a partir de meados da década de 80. Lembram movimentos de guerrilha. Não possuem estrutura burocrática no estilo das torcidas organizadas e também não possuem envolvimento político-ideológico com partidos
TORCIDAS ORGANIZADAS	Surgem no Brasil, tendo sua gênese na década de 40, mas apenas no fim da década de 60 aparecem com as características atuais. Caracterizam-se pela sua estrutura burocrática. -Se constituíram em pessoa jurídica de responsabilidade privada, sem fins lucrativos (...) regidas por estatutos... (PIMENTA: 1997 p. 74).

Fonte: PIMENTA, p. 73 e 74, 1997.

As torcidas organizadas passam a surgir em todo o país. Todos os grandes clubes começam a ter pelo menos uma –organizadall. As rivalidades ficam mais acirradas. A violência nos estádios cresce.

Dunning afirma que os desportos conduzem ao surgimento da violência e da agressão física por serem competitivos (Dunning, 1992). Isso ocorre principalmente nos esportes nos quais há a representação entre dois indivíduos ou grupos, estando o futebol enquadrado nesse contexto. Mesmo se tratando muitas vezes daquilo que o autor chama de violência ritual, esse limiar pode ser ultrapassado quando o esporte é levado demasiadamente a sério:

Em resultado disso, o nível de tensão pode elevar-se até um ponto em que o equilíbrio entre rivalidade amigável e hostil se inclina a favor da última. Nestas circunstâncias, as regras e as convenções destinadas a limitar a violência e a orientá-las para caminhos socialmente aceitáveis são suspensas e, então, pode surgir a luta a sério. Deste modo, no futebol [...] pode jogar-se com o objetivo de impor danos físicos ou dor. (DUNNING, 1992, pg. 331).

Dunning fala da violência entre os jogadores que estão protagonizando o jogo, mas também articula esse pensamento aos espectadores, que na forma de torcidas organizadas também são protagonistas fora das linhas do jogo.

1.4.3 Torcedor organizado informal

Ao se fazer referência a esta categoria, pretende-se explicitar que tal modalidade é uma particularidade rio-grandense, pelo menos até o momento. Grêmio e Internacional possuem uma torcida organizada informal. No caso do Tricolor, a *Alma Castelhana*, nomenclatura não consensual no grupo e que provocou desentendimentos entre os torcedores pela relação íntima que o nome faz aos clubes portenhos. O fato é que tanto a imprensa gaúcha quanto a maioria das faixas e ornamentos dessa torcida faz adesão ao nome de *Geral do Grêmio*, ou simplesmente *Geral*. O termo Geral amenizou os desentendimentos e parece ter agradado a nação tricolor. Já o Colorado conta com a *Guarda Popular Colorada*. Segundo o site oficial do clube, esta torcida surgiu em 2004, a partir da união entre a Popular do Inter e a Guarda Colorada. No entanto, é importante falar que -A Popular||, ou -Os de Sempre||, do Inter e -A Velha Escolal||, do Grêmio, constituem uma dissidência da Guarda Popular Colorada e da Geral do Grêmio, respectivamente.

Imagem 1 – Torcida Geral do Grêmio e Torcida Guarda Popular do Internacional



Fonte: <<http://morenocarvalho.blogspot.com.br/2011/04/geral-e-popular-barradas-pela-brigada.html>>
Acesso em 29 de maio e 2011.

O Grêmio não possui informações referentes às torcidas organizadas da instituição. Desde 2006 o clube não se responsabiliza e nem possui organizadas, rompendo todos os vínculos oficiais com tais torcidas. As informações sobre o surgimento da Geral, não constam no site oficial do Grêmio e foram retiradas do site da torcida. A Geral surgiu no início do século XXI, e de acordo com os seus torcedores:

Dois alicerces primários da Geral: Grêmio e amizade. Dois sentimentos que unem milhares de torcedores. **Não existe uma data, um ano, um mês, um dia específico para definir sua fundação.** Mas, para situar o leitor na linha do tempo, ela começa no início deste século, no começo dos anos 2000. Ela nasceu no coração de cada gremista que acompanha os jogos, de pé, pulando e cantado atrás do arco da Av. Cascatinha. Era um sonho de alguns apaixonados que se esparramavam pelas sujas e encardidas arquibancadas do estádio Olímpico Monumental. Na mente de cada um deles a Geral já começava a tomar forma.

Ter uma torcida forte, que desequilibra os jogos a favor do Grêmio (SIM... torcida ganha jogo), que canta sem parar e pula até o chão tremer (e treme mesmo) era mais que uma vontade, era uma necessidade para um clube da envergadura do Grêmio. Sem precisar de uniforme, lemas, diretrizes, regras ou qualquer tipo de estatuto. Qualquer gremista, que se sinta à vontade de levar sua bandeira, sua garganta, sua disposição e seu sentimento pelo Tricolor, será bem-vindo.

As semelhanças com as torcidas platinas são evidentes, não nos envergonhamos disso, bem pelo contrário, temos orgulho de sermos fronteiriços com nossos vizinhos de pampa. Trapos com nomes de bairros, famílias, cidades e mensagens de apoio ao Grêmio compõem, juntamente com –barras|| dispostas verticalmente, na entrada do Portão 10, a –carall da

Geral. Músicas de apoio (muitas vezes baseadas em canções regionais e de compositores identificados com as cores do clube) compõem a –voz|| da Geral. Gremistas de diversos lugares do país e do mundo formam o –corpoll da Geral. O amor pelo clube, a vontade de ver o Pavilhão Tricolor sempre no lugar mais alto temperam o –sentimentoll da Geral. A amizade, a parceria e a união identificam a alma da Geral. Uma garrafa de vinho um copo de cerveja, compartilhado com os amigos, fornecem o –combustívell da Geral. A Geral é tão simples e ao mesmo tempo tão complexa como qualquer pessoa. Ela é uma entidade física do clube. Quem sabe até ela mereça um título de sócio – Nome: Geral do Grêmio, Data de filiação: 15/09/1903, Endereço: Largo dos Campeões, Tipo de Associação: Proprietário Imortal (Disponível em: <http://geraldogremio.com.br/site/?page_id=12>. Acessado em: 19/09/2011. Grifos meus).

O Internacional disponibiliza informações sobre as suas torcidas organizadas no site oficial do clube. Segundo essas informações, a Guarda Popular surgiu no início dos anos 2000 a partir de um grupo de torcedores. Com o tempo a torcida ganhou milhares de adeptos. O Internacional ressalta que a Popular não é uma torcida organizada.

Pontos semelhantes entre a Geral e a Popular: ambas se localizam atrás de uma das goleiras dos estádios; elas prometem apoio incondicional ao time; a maioria das letras de seus cânticos é original e declaram seu amor ao clube.

O intuito de destacar a existência desta categoria de torcedor é crucial para esta pesquisa, principalmente pelo fato das peculiaridades que elas apresentam em relação as outras categorias. Sabe-se que abarcar e apreender todas as diferenças existentes entre as categorias de torcedores da atualidade é um processo complexo e não constitui o principal objetivo desse estudo, mas é fundamental explicitar que as torcidas organizadas formais e informais possuem elementos que contribuem para o entendimento da construção da rivalidade entre Grêmio e Internacional, assim como da constituição das identidades dos torcedores e a influência que tal rivalidade possui. Dois aspectos são importantes neste processo: a estreita relação com o clube do coração; o amor e a paixão pelo clube; a assiduidade nos jogos; as viagens para torcer e assistir o time; associação à instituição Grêmio e Internacional; o ato de ir torcer como principal objetivo na ida ao estádio.

Durante o período de observação ocorreu um fato referente à Geral do grêmio e a Popular do Internacional: no mês de abril de 2001 a Brigada Militar impôs uma série de restrições a essas torcidas, justamente por serem elas consideradas –organizadas|| sob ponto de vista das agências formais de controle, mas não serem assim identificadas por seus membros e dirigentes de clubes. Como o Estatuto do Torcedor prevê uma série de requisitos para a manutenção da segurança nos espetáculos de futebol, tais como o cadastramento dos

integrantes das torcidas organizadas, o reconhecimento do clube, o endereço da sede da torcida, a elaboração de um estatuto, entre outras coisas, os integrantes das torcidas em questão alegaram não poder cumprir com essa determinação, uma vez que não se reconhecem como torcedores organizados, mas sim como torcedores comuns, que buscam apenas incentivar seu time incondicionalmente. O Coronel da Brigada Militar, Atamar Cabreira, em entrevista à rádio Gaúcha (Porto Alegre) no dia 26 de abril de 2011, afirmou que tais torcidas poderiam cumprir as exigências assim que quisessem, mas enquanto não fizessem isso, estaria veementemente proibida a entrada de seus instrumentos nos estádios. Fato é que essas questões são sempre muito nebulosas. Os clubes e os torcedores, na maioria das vezes, buscam mecanismos eficazes de não cumprir algumas regras do Estatuto do Torcedor.

Às torcidas organizadas informais deve-se a proposta de inovação às letras dos cânticos, buscando exaltar o amor ao time mais do que o repúdio ao rival. Seria esta uma forma de torcer que potencialmente poderia diminuir a violência física e até a violência simbólica entre os torcedores? A resposta para esta pergunta certamente não é simples, mas será contemplada na análise desta dissertação. O próximo capítulo trata fundamentalmente das violências no universo futebolístico.

CAPÍTULO 2 – O UNIVERSO FUTEBOLÍSTICO NUM MUNDO DE VIOLÊNCIAS E CONFLITUALIDADES

A violência social pode ser considerada uma –constante socialll (MURAD; 2007). Todos têm alguma opinião ou alguma coisa a dizer quanto ao tema das violências e das conflitualidades, sendo a discussão sobre elas ampla e complexa.

A palavra violência, etimologicamente, provém do latim violentia – raiz semântica vis=força – e significado opressão, imposição de alguma coisa a outra pessoa ou a outras pessoas, por intermédio do emprego da força, qualquer que seja o seu tipo, a sua substância, forma ou sentido: força dos poderes social, econômico, jurídico ou político, força das armas, força física, força simbólica ou de qualquer outra natureza que se queira (MURAD; 2007, p.77).

O que acontece quando violência e futebol dividem o mesmo espaço? Segundo Murad (2007), a violência no futebol é periférica, bastante inferior à dimensão do futebol não-violenta. O posicionamento do referido autor é relevante, mas ainda assim a violência nas arquibancadas toma parte nos espetáculos futebolísticos e pensar essa questão constitui um fator importante no contexto brasileiro. Hilário Franco Júnior cita que –mais do que violência do futebol ou no futebol existiria violência latente que se manifesta por intermédio do futebol. E que acaba por atingir a imagem social do esporte ll (FRANCO, 2007, p. 195-196).

Os esportes, inseridos nesse contexto fazem parte dos novos contornos que os fenômenos da violência estão passando. De maneira mais geral, há uma multiplicidade das formas de violência. De acordo com Tavares dos Santos (2009), é através do conceito de microfísica do poder (Foucault, 1975), que se pode compreender a fenomenologia da violência. O autor faz a distinção entre o conceito de violência e o conceito de poder. –O poder é uma forma de exercício da dominação caracterizado pela legitimidade, não importando aqui o modo de fabricação desta legitimidade, e por sua capacidade de negociar o conflito e de estabelecer o consensoll (TAVARES DOS SANTOS, 2009, p.39).

A partir do esclarecimento da definição de poder, Tavares dos Santos explica que é possível o desenvolvimento do conceito de microfísica da violência, que pode esclarecer muitas –manifestações fenomênicas, seja do estado da violência, seja dos atos de violênciall (TAVARES DOS SANTOS, p. 39). Dessa forma, o referido autor esclarece quando há violência, utilizando-se das palavras de Michaud (1989) para isso:

há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p. 11)

Ao tratar da microfísica da violência, diz que é –uma rede de exercício do poder marcada pela força, pela coerção e pelo dano, em relação ao outro (TAVARES DOS SANTOS, 2009, pg. 40). A microfísica da violência, na verdade é um dispositivo de poder-saber, existindo certa relação com o outro guiada pela força e pela coerção e que sempre causa um dano a este outro (TAVARES DOS SANTOS, 2009).

De fato existe muito mais a acrescentar na discussão acerca do fenômeno da violência e suas dimensões. O ponto de vista de Tavares dos Santos é considerado relevante nesta pesquisa. Esse autor trabalha com a noção de cidadania dilacerada, pois evoca o dilaceramento do corpo, da carne, a crescente manifestação da violência física na sociedade contemporânea, a qual ameaça as próprias possibilidades da participação social. Força, coerção e dano, em relação ao outro, enquanto um ato de excesso presente nas relações de poder - do nível macro, do Estado, ao nível micro, entre grupos sociais, - vêm a figurar a microfísica da violência difusa contemporânea (TAVARES DOS SANTOS, 2009, pg. 42).

A violência entre os torcedores de futebol é parte ou mais uma faceta dos diversos outros âmbitos nos quais os atos violentos estão presentes. Ela não é descolada das demais esferas da sociedade, mas apresenta características particulares. São essas características que são estudadas na presente dissertação, que tenta articular a relevância da influência da construção da rivalidade clubística na constituição das identidades desses torcedores e torcedoras às formas de violências vivenciadas entre eles.

2.1 As violências no futebol

Eric Dunning (1992) afirma que:

Todos os desportos são, por natureza, competitivos e conduzem, deste modo, ao aparecimento de agressão e de violência. Contudo, em alguns, por exemplo, o rãguebi, o futebol e o boxe, a violência é, sob a forma de representação de uma luta ou confronto simulado entre dois indivíduos ou grupos, um ingrediente central. Esses desportos constituem oportunidades para a expressão da violência física socialmente aceitável e ritualizada [...] (DUNNING, Eric, 1992, p. 331).

O autor explica que o nível de tensão que estes esportes podem gerar, seja por pressões sociais ou por recompensas financeiras e simbólicas, resulta, muitas vezes, num desequilíbrio entre a rivalidade amigável a hostil e inclina-se a favor da última.

A elaboração de um quadro para traçar uma tipologia da violência foi confeccionada por Dunning (1992), tendo como referência a teoria do processo civilizatório de Elias e da tipologia da ação de Max Weber. Neste quadro, o autor distingue oito formas de violência humana.

Quadro 8 – Tipologia da violência

1 Se a violência é real ou simbólica, ou seja, se apresenta agressão física direta ou atitudes verbais e/ou não verbais.
2 Se a violência apresenta a forma de um jogo ou uma simulação ou se ela é séria ou real. Distinção entre violência ritual ou não ritual.
3 Se uma arma ou armas são utilizadas
4 No caso do uso de arma ou armas, se os atacantes estabelecem contato direto;
5 Se a violência é intencional ou consequência acidental de uma sequencia de ações que inicialmente não se pretendia violenta.
6 Considerar a violência iniciada sem provocação ou como sendo uma resposta, em retaliação a um ato intencionalmente violento, ou sem a intenção de ser.
7 Se a violência é legítima, ou seja, se está de acordo com as regras, valores e normas socialmente prescritas ou se não é normativa ou ilegítima, impondo infração aos padrões sociais aceitos.
8 Se a violência toma forma racional ou afetiva.

Fonte: DUNNING, Eric, 1992, p. 330.

O quadro acima auxilia na compreensão das variadas formas de violência (e ainda há outras) e é possível encontrar muitas destas modalidades no âmbito da relação entre torcedores de clubes rivais.

Após explicitar potenciais negativos da forma de torcer ou de praticar um esporte, apresenta-se um exemplo de como se pode explorar os potenciais positivos do esporte, especificamente do futebol. Loguercio (2001) tem como objetivo principal em seu estudo –verificar se a prática regular do futebol por adolescentes de classes populares, que fazem parte de uma escolinha de futebol comunitária, pode ser considerada como um dispositivo que teríamos condições de chamar de –sócio-inclusivo-educativo [...] (LOGUERCIO, 2001, pg.

13). Apesar do seu foco de estudo não abordar a violência no futebol, o autor dedica parte de sua dissertação a essa perspectiva. Cita as explicações de Elias e Dunning sobre o processo civilizatório vivido pela humanidade, sua relação com o controle da violência e o prazer nas práticas esportivas. Diz:

Talvez soe-nos estranho falar em uma diminuição da violência física nos esporte, principalmente no que tange às torcidas, pois esse é um tema de grande discussão na atualidade. Porém, não podemos esquecer que, embora vejamos um incremento da violência no esporte nos últimos anos, se tomarmos como ponto de comparação o século passado, isto se deve tanto a um movimento social mais amplo nesse sentido, como afirma Elias, como também a um aumento de nossa sensibilidade a violência. (LOGUERCIO, 2001, pg. 31 e 32).

Mesmo que exista uma sensação de aumento da violência nos esportes, afirma Elias, e Loguercio bem explica esta ideia, a humanidade se tornou mais sensível a ela. Na história da humanidade, de acordo com o processo civilizatório, os jogos com regras e juízes, tendo a violência controlada é algo novo. Antigamente havia passatempos sem regras tão estruturadas e sem o controle da violência.

Tavares dos Santos e Machado (2010) analisam os fenômenos da violência na juventude no espaço escolar e as experiências de construção de políticas de segurança pública na sociedade contemporânea. Consideram a microfísica da violência um dispositivo de poder-saber que consiste num ato de excesso presente nas relações de poder. –Esta vida juvenil, marcada pelo –conflito social|| coloca a sociedade diante da necessidade de desenvolver práticas de negociação e de resolução de conflitos. Para empreendê-las, é preciso entender os significados ocultos nos atos de violência|| (TAVARES DOS SANTOS E MACHADO, 2009, p. 239 e 240). Ainda segundo esses autores, as –raízes sociais destes atos de violência difusa parecem localizar-se nos processos de fragmentação social: estamos diante de processos da massificação paralelos a processos de individualismo, uma 'multidão solitária' que vive em uma pluralidade de códigos de conduta. Desenvolve-se a vivência da incerteza|| (TAVARES DOS SANTOS E MACHADO, 2009, p. 240). Tal aspecto, no qual os autores referem-se a uma multidão solitária paralela a processos de individualismos, servem como referência para se pensar a realidades das torcidas dos clubes em estudo e as suas figurações atuais. Embora não retrate fundamentalmente um fenômeno de juventude, Reis (2011) retrata que os torcedores organizados de São Paulo são constituídos por jovens. Cabe esclarecer que os entrevistados aqui escolhidos ingressaram nas torcidas (quando o caso) na adolescência, ou seja, buscaram integrar essa modalidade de agrupamento durante a adolescência.

Fazer mais uma ressalva no que tange as especificidades da forma de torcer dos gaúchos é importante para se analisar os aspectos que envolvem a relação gremista/colorado. Mauro Cezar Pereira (2012), comentarista de futebol do canal ESPN é o responsável por fazer um comentário na edição brasileira do livro *La Doce*, de Gustavo Grabia. Tal comentário não despreza relatar características de torcer dos gremistas e colorados.

Outra tendência é a –argentinização, caso da Geral do Grêmio, criada em 2011, e que sucedeu o movimento Alma Castelhana. Não é exatamente uma organizada, mas um grupo inspirado nos hinchas de Argentina, Uruguai e demais países de língua espanhola da América Latina. Cantam, saltam, agitam os braços da mesma forma que os torcedores das nações vizinhas e comemoram gols com avalanches, como na Bombonera. O comportamento dos integrantes tem forte viés regionalista, com a exibição de trapos (faixas de pano) enaltecendo não só o clube, mas também sua história e seus ídolos, como a República Rio-Grandense. Barras (faixas verticais) com as cores do Estado são comuns tanto no Estádio Olímpico, como no Beira - Rio. Lá, a Guarda Popular Colorada, de 2003, fruto da fusão de dois outros grupos, adota comportamento semelhante, exceto nas festas pelos gols do Internacional – sem avalanche (GRABIA, 2012, p. 8).

No trecho acima, o comentarista narra algumas arcaas das torcidas da dupla Gre-Nal. Sim, é correto afirmar que as torcidas Geral e Guarda Popular concentram maior número de integrantes e simpatizantes e, sendo assim, influenciam os modos de torcer do estádio inteiro. Essa especificidade rio-grandense aponta alguns caminhos para o entendimento do ambiente de rivalidade que vivem os gremistas e colorados, mas também, a partir desse caso particular do histórico de uma rivalidade, é possível se encontrar regularidades que podem ser constatadas em outros contextos.

Sobre as normas comportamentais que regem determinados grupos, Tavares dos Santos e Machado dizem que:

Atendemos a uma pluralidade de normas sociais, levando-nos a ver a orientação simultânea de comportamento, muitas vezes divergentes e incompatíveis. Por exemplo, a violência legitimada como linguagem e norma de determinados grupos sociais, em contraponto às normas ditas civilizadas, marcadas pela autocontenção e institucionalizadas de controle social (TAVARES DOS SANTOS e MACHADO, 2009, p. 241).

O aspecto relevante para esse estudo é que, historicamente, as torcidas organizadas, agrupamentos sociais compostos basicamente por jovens (Reis, 2006) possuem uma característica marcante: o envolvimento em episódios de violência.

Entre os jovens é importante perceber que a constituição dos grupos sociais é um procedimento de identificação de base e de construção de um vínculo. Segundo Bion, existem funções vinculadoras que dão sentido à experiência humana: os vínculos K (conhecimento), L (amor) e H (ódio). Seguindo esta linha, Zimermam introduz um quarto vínculo à tese de Bion, o reconhecimento [...]. O vínculo passa a ser percebido como processo fundamental na construção do aparelho psíquico. Este aparelho psíquico é composto por zonas diferenciáveis: o mundo interno (intrassubjetivo), o mundo interpessoal (intersubjetivo) e o mundo sociocultural (transubjetivo); esses espaços se comunicam, se interpenetram e se determinam. No entanto o vínculo se apresenta como um elemento novo, na medida em que se dá sempre em presença de outro e é produtor de subjetividade porque o outro, aquele que se apresenta, impõem-se como presença, como alheio e excedente que precisa ser representado. Quando um vínculo se estabelece, algo de estrangeiro se apresenta e obriga os sujeitos a um trabalho psíquico de representação. (TAVARES DOS SANTOS E MACHADO, 2009, p. 243 e 244).

A procura pelas torcidas organizadas ocorre principalmente durante a adolescência demonstra justamente a procura dos jovens por um objeto de identificação, no caso o clube e a torcida. No entanto, é principalmente após o crescimento das torcidas organizadas que se passou a visualizar outra dimensão que envolve o futebol: a violenta. Sabe-se que não foi apenas no âmbito do futebol que a temática dos diferentes tipos de violência tem tido espaço.

Demonizar as torcidas organizadas é o –esportel de nove entre dez jornalistas esportivos brasileiros sempre que elas protagonizam tumultos. Não por acaso, elas são alvos dessas críticas, é claro. Mas reduzir a ação de tais grupos a brigas e confusões é um equívoco. O velho erro da generalização. As mesmas TVs e jornais que censuram os grupos também veiculam com destaque fotos e imagens dos belos espetáculos feitos pelos torcedores. Espetáculos que têm fundamental colaboração das mesmas facções que, como tudo na vida, têm seu lado bom e ruim. O problema é que essa parte, digamos, podre, em alguns casos invade o território da criminalidade, e isso repercute mais do que qualquer show nas arquibancadas. O lado ruim ofusca o bom (GRABIA, 2012, p.5)

É constatado também que –se o conflito social é o maior produtor de violência, também pode construir referências não-violentas.[...]Superar a lógica da violência seria propor a negociação como outra maneira de conseguir uma forma material ou simbólica de negociação para a resolução de conflitos|| (TAVARES DOS SANTOS e MACHADO, 2009, p.246). Sendo assim, pode-se tentar estudar aspectos da nossa conjuntura social que propiciam que esses grupos, associados para torcer, fazer festa e demonstrar amor ao seu clube do coração passem a constituir elos nos quais a falta de reconhecimento perante o outro predominem. Da mesma forma, pode perceber que há parâmetros que parecem ser verdadeiros potenciais da possibilidade de constituição de um novo elo, baseado no convívio civilizado entre os adversários. –Os esportes, incluindo o futebol, erma um dos meios empregados pelos mestres para lidar com os problemas de disciplina. Todavia, as formas de futebol das escolas privadas

eram, inicialmente, são selvagens e desregradas quanto as populares. Daí as limitações de seus efeitos pedagógicos (DUNNING, 2009, p. 19).

Elias e Dunning explicam que a emergência dos esportes modernos é resultado de um processo gradual, inserido dentro do *processo civilizador*. Frisam que é errônea a comparação pura dos esportes modernos com os jogos da Antiguidade Clássica, principalmente quando ela tenta minimizar as diferenças entre as duas formas.

A partir de um exame mais profundo, não é difícil verificar que os concursos de jogos da Antiguidade Clássica, que são representados com frequência como paradigma do desporto, possuíram numerosas características importantes e progrediram sob condições que eram muito diferentes das que distinguem os nossos próprios concursos de jogos. O *ethos* dos concorrentes, as regras das provas e os próprios desempenhos diferem nitidamente, em muitos aspectos, dos que são característicos do desporto moderno. Muitos dos escritos relevantes de hoje apresentam forte tendência para minimizar as diferenças e aumentar as similaridades. O resultado disso é um quadro distorcido de nós próprios, bem como da sociedade grega e um quadro falseado entre as duas realidades. [...] Na Antiguidade, as regras do costume para acontecimentos atléticos duros, como o pugilismo e a luta, admitiam um grau de violência bastante mais elevado do que aquele que era admitido pelas regras do tipo de provas correspondentes do desporto (ELIAS, 1992, p. 195).

O autor afirma que a monopolização e o controle da violência por parte do Estado era ainda rudimentar nas cidades-estado gregas, diferentemente do que ocorre com os Estados-Nações contemporâneos. Assim, o grau da violência física permitida nos jogos da Antiguidade Clássica não era um aspecto isolado. Suas regras eram fundadas no costume, não em um regulamento escrito, sujeito à crítica e a revisão, como no caso dos esportes modernos. A partir da perspectiva do processo de civilização, a repugnância à violência tem um papel fundamental também no desenvolvimento dos jogos esportivos. Salienta-se que o Processo civilizador não deve ser pensado de maneira moral e avaliativa. Ele é um termo técnico.

[...] desdobramento de cinco partes-processos interdependentes que interagem entre si. São eles: a) formação do Estado; b) pacificação sobre o controle do estado; c) crescente diferenciação social e extensão das cadeias de interdependência; d) crescente igualdade de oportunidades entre as classes, entre homens e mulheres e entre as gerações mais jovens e mais velhas; e) riqueza crescente (DUNNING, 2011, p. 15).

Como já referido nesse estudo, Dunning (2009) mostra que os esportes também são parte de um processo civilizador. A presença da violência entre os torcedores do futebol continua

sendo visualizada e para ele há de se refletir acerca de cada regionalidade. O autor busca elementos que explicam a violência no contexto dos *hooligans*, mas esclarece que cada local contém particularidades que devem ser levadas em conta no estudo sobre os fenômenos que envolvem o futebol (Dunning, 2011).

O fato de a desordem do espectador violento ocorrer mais frequentemente no futebol que em qualquer outro esporte seria, portanto, em parte, em função da composição social das multidões que atrai. O futebol é o esporte de equipe mais popular do mundo, a maioria de seus espectadores são homens e vêm das faixas mais baixas da escala social, isto é, de meios sociais onde as normas, quando comparadas às das classes médias e altas, tendem a legitimar uma maior incidência de agressividade, bem como de violência no cotidiano. (DUNNIG, 2011, p.21 e 22)

Para isso, no caso da presente dissertação, é necessário se levar em conta a questão da violência simbólica que também constitui a realidade cotidiana da rivalidade entre Grêmio e Internacional.

2.1.1 O futebol e a violência simbólica

Sabe-se que as dimensões da violência são muitas e extremamente complexas. A presente dissertação preocupa-se também com a sua dimensão simbólica, embora ela abarque múltiplos aspectos por si só. O conceito de violência simbólica foi pensado por Pierre Bourdieu. Primeiramente, é de imensa importância destacar que os principais conceitos tecidos por Pierre Bourdieu precisam ser pensados de forma articulada. Apenas podem ser separados por questões operacionais. Entre os principais conceitos do autor estão o de *habitus* e o de *campo* (BOURDIEU, 2010). Pode-se dizer que tais conceitos são fundamentais na sua teoria, assim como a noção de espaço social. O importante nos dois primeiros conceitos é ressaltar que ambos estão relacionados e interligados. Não há *habitus* - conhecimento adquirido e também um *campo* (BOURDIEU, 2010, p. 61) - sem um *campo* (espaço com relativa autonomia no qual se realizam as lutas dos agentes, apresentando interesses específicos e presente no mundo social). O *habitus* é adquirido pelo indivíduo no processo de socialização, em forma de disposições, inclinações e na maneira como os indivíduos tendem a agir, sendo fundamentalmente coletivo. É duradouro, mas mutável. O *campo* se forma em um espaço social maior. No entanto, é nos campos que ocorrem as relações de força e poder, a

partir da acumulação de seu capital correspondente (capital cultural, capital econômico, capital político, etc).

A noção de espaço social - conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua... (BOURDIEU, 1996, p. 18)- é diferente da de campo social, sendo que o segundo está presente no primeiro. Dessa maneira, acredita-se que é muito complicado para os cientistas sociais utilizarem um desses conceitos separadamente para explicar uma realidade, que segundo Bourdieu é relacional, sendo a relação entre as partes mais importante que o todo (BOURDIEU, 1996). A ideia de realidade relacional é colocada quando o autor discorre sobre a noção de espaço social, (na *Razões práticas*, 1996). O que se chama de distinção (frequentemente considerada natural) de maneiras, por exemplo, é de fato diferença, traço distintivo que só existe em relação a outras propriedades (BOURDIEU, 1996, p. 18). Busca demonstrar que esta naturalização é na verdade uma grande montagem, que o natural é na verdade uma relação de causa e efeito. Tem o cuidado de esclarecer que não se deve -transformar em propriedades necessárias intrínsecas de um grupo qualquer as propriedades que lhe cabem em um momento dado (BOURDIEU, 1996, p.17-18). Essa frase elucida o fato de que para ele existe cada momento em cada sociedade. Os conceitos pensados hoje para esclarecer uma dada realidade podem ser diferentes amanhã, possuindo variações de acordo com cada contexto e lugar. É a história que liberta os seres humanos de elementos não refletidos do passado e que são utilizados no presente. Os sistemas de classificação são historicamente construídos.

As breves citações e interpretações acerca dos trabalhos de Pierre Bourdieu elucidaram um pouco sobre a maneira de pensar do autor ou sua forma de conceber a ciência, especificamente a ciência social. Ele considera que a sociologia e as ciências precisam encontrar o que não está visível a todos. Há uma realidade que precisa ser desvendada. Todavia salienta-se que isso não significa que ele é favorável a ideia de essencialismo. Não há uma essência, mas um sistema de relações invisíveis entre os indivíduos que, de certa forma, garante a manutenção da reprodução da dominação.

Bourdieu, em conjunto com Passeron, explicita a concepção de violência simbólica e a reprodução do arbitrário cultural na obra *A Reprodução* (1970). Para estes autores, é preciso primeiramente entender o arbitrário cultural, ou seja, o fato das significações que definem uma determinada cultura serem arbitrárias. Isso se deve ao fato, de que -a estrutura e as funções dessa cultura não podem ser deduzidas de algum princípio universal, físico, biológico

ou espiritual, não estando unidas por alguma espécie de relação interna à ‘_natureza das coisas’ ou a uma ‘_natureza humana’.” (BOURDIEU; PASSERON, 1970, p. 28). O sistema simbólico de uma determinada sociedade é uma construção social. Este pensamento torna possível a interpretação de que uma mesma sociedade pode, no seu interior, em algum momento, se estruturar culturalmente de forma diferente.

A capacidade de imposição de um determinado conjunto de signos está associada a forma de como se fazer perceber que o mesmo conjunto de signos é legítimo, fazendo que mostre uma realidade passível de ser interpretada e relacionada. Esse sistema simbólico é um sistema simbólico da classe dominante, que o impõe aos outros grupos. Para essa imposição ter um resultado esperado, o sistema simbólico precisa ser imposto sem ser percebido por aqueles que sofrem tal imposição, e conseqüentemente por aqueles que a exercem. Em suma, a violência simbólica é uma violência que conta com certa cumplicidade tácita dos que a sofrem e dos que a exercem, por se constituir em um processo inconsciente (BOURDIEU, 2007).

A educação tem um papel importante na imposição de um sistema simbólico. A força da ação pedagógica, fundamenta-se num poder arbitrário de um arbítrio cultural, porque vem a reproduzir a cultura dominante e a instaurar as estruturas de poder. Para eles é através da educação que as estruturas perpetuam os seus sistemas simbólicos, assegurando assim a sua continuidade no poder.

A noção de violência simbólica pode assim ser entendida como as diversas formas de dominação que são consideradas legítimas por uma boa parcela dos indivíduos, através da naturalização de regras e normas, a ponto de fazer com que os dominados venham a aderir à ordem dominante. Estes fazem isso sem perceber os mecanismos e o caráter arbitrário do discurso. Ela é, então, toda imposição de enunciados sobre o real que leva o indivíduo a adotá-la como referencial exclusivo para interpretar o mundo. O indivíduo adere a uma posição de dependência, tornando-se incapaz de criar seu próprio elenco de significados, pelo menos sem levar em conta os significados dominantes.

Este tipo específico de violência acaba impondo uma coerção que se confirma por intermédio do reconhecimento que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante, na medida em que não dispõe para pensar, senão através de instrumentos de conhecimento que tem em comum com ele.

Nesse contexto pode-se inserir o exemplo da construção da rivalidade Gre-Nal e a dimensão da violência simbólica. Sabe-se que a rivalidade entre os clubes se materializa entre

os torcedores (eles são rivais). É justamente no momento em que a expressam, no ambiente futebolístico, que se consegue observar elementos da reprodução de preconceitos sociais. O racismo foi o elemento particular percebido no presente estudo. Os fundamentos para essa afirmação estão calcados na relação construída entre os torcedores dos clubes em questão, tornando-se visíveis nas canções ecoadas por eles. A letra cantada por torcedores do Grêmio (referindo-se aos colorados) serve como um exemplo: –Chora macaco imundo, nunca ganhou de ninguém. Nós somos campeões do mundo, da Libertadores também...|| Os torcedores colorados demonstram saber a referência que os torcedores do Grêmio fizeram, cantando: –Me chamam de macaco, mas não é pela minha cor... é porque sou colorado e pelo Inter tenho amor. Ei você que é gremista agora preste atenção...tua torcida é racista e a minha é do povão.|| Esses cânticos são apenas um fator que elucida um pouco da interação das torcidas com seus clubes, seu olhar para o *eu* e para o *outro*. Os cânticos das torcidas em geral marcam e declaram sua paixão e seu amor pelo clube, mas também seu repúdio pelo *outro*. Como exemplo, pode-se citar o trecho de uma música cantada no estádio Beira-Rio: –eu vou matar um putto tricolor||. Os cantos e os gestos, em geral, manifestam simbolicamente essa relação. Nas palavras de Bourdieu,

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, a dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que instrumentos de conhecimento de que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2007, p. 47).

Na –máscarall de colorado, representante simbólico de um grupo que sofre preconceito racial, os torcedores do Internacional acabaram tecendo categorias pensadas pelos dominantes, nesta relação específica, pois os torcedores do Grêmio, na –máscarall de gremista, representam o grupo social dominante. O próximo capítulo apresentará de forma mais detalhada a análise do conteúdo das letras dos cânticos dos torcedores, assim como das entrevistas realizadas e da observação durante a pesquisa.

2.1.2 O futebol e a violência física: alguns dados relevantes

Levando-se em conta as múltiplas formas de violência e que entre os torcedores de futebol elas podem se expressar como física e simbólica, é relevante apontar algumas estatísticas referentes aos confrontos entre torcedores em nível nacional. André Luis Nery estudou casos de mortes de torcedores no Brasil e na Argentina. Sobre os dados brasileiros ele afirma:

Apesar de o Brasil não contar com estatísticas oficiais sobre o número de mortes relacionadas ao futebol, o total de vítimas tem aumentado a cada ano, transformando o país no recordista de mortes vinculadas a este esporte, superando a Argentina e muito a frente de países da Europa como Inglaterra, Espanha e Itália, que organizam os principais campeonatos nacionais do planeta e são redutos de torcedores considerados violentos (NERY, 2012, p. 106).

Tendo como base de coleta de dados muitos jornais brasileiros, incluindo o jornal Zero Hora, de Porto Alegre, Nery constatou que houve 133 mortes de torcedores, entre 1992 e 2012. Murad (2012) também mostra dados que corroboram com a pesquisa de Nery, explicitando que entre 1999 e 2008 o Brasil foi campeão nas mortes de torcedores, contabilizando 42 mortes, uma média de 4,2 por ano. Nos últimos cinco anos o número aumentou para 5,6 e nos últimos dois anos para 7 (MURAD, 2012). A maioria das vítimas é jovem do sexo masculino (123 ou 96,1%). A média de idade das vítimas é de 23,05 anos. Mais da metade das mortes foi ocasionada por armas de fogo, cerca de 59,4%. A segunda causa das mortes são as agressões e espancamentos (15,8%). Cinco mortes foram ocasionadas por arma branca e quatro torcedores morreram em virtude de ferimentos provocados pela explosão de bombas caseiras ou rojões (NERY, 2012). Outro dado relevante da pesquisa de Nery é que a maioria das mortes ocorre nas imediações dos estádios (46,6%) e 26 casos no interior do estádio. Ressalta-se que nesta conta entram casos de incidentes que não envolvem apenas enfrentamentos entre torcedores. Interessante colocar que apenas duas mortes ocorreram em uma liga amadora.

As estatísticas acima apresentadas tornam visíveis os torcedores que estão –morrendo pelo seu timell. São eles homens jovens. Murad (2012) ainda diz que 71 % dos torcedores considerados violentos estão desempregados ou desempenhando algum trabalho informal. São provenientes de todas as faixas de renda e de escolaridade, mas especialmente das classes de renda mais baixas e com escolaridade que vai da 5ª série do ensino fundamental até à 2ª do ensino médio. Assim, a partir deste panorama geral, pode-se pensar quais mecanismos operam

nestes indivíduos com estes perfis e que produzem este comportamento. O próximo capítulo buscará a compreensão deste fenômeno.

CAPÍTULO 3 – O PROCESSO CIVILIZATÓRIO, O CONTROLE DAS EMOÇÕES E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA E EMPÍRICA

A importância das contribuições de Norbert Elias à Sociologia do Esporte é praticamente consensual. Tal pesquisador aliou a sua teoria sobre o processo civilizatório e o controle das emoções ao desenvolvimento dos esportes. Na sua obra intitulada, *A busca pela excitação* (1992), ele e Eric Dunning elaboram uma verdadeira enciclopédia científica acerca dos estudos sobre os esportes, a violência nos esportes, especialmente no futebol, e ao processo civilizatório. Nas palavras de Dunning, em entrevista (feita e traduzida por Gastaldo) concedida à Revista Horizontes Antropológicos da UFRGS

As formas modernas de futebol – futebol *association, rugby, etc.* – surgiram no século XIX como parte do que Norbert Elias chamou de "processo civilizatório". Do modo como Elias os compreendeu, processos civilizatórios não são simples, lineares e "progressivos", mas formações complexas, que são como ondas, com múltiplos níveis e que ocorrem no nível dos indivíduos tanto quanto no das sociedades. Ele também escreveu sobre "processos de-civilizatórios", que podem ocorrer de modo mais ou menos rápido, em maior ou menor escala, por exemplo, a "falência da civilização" que ocorreu na Alemanha, sua terra natal, e que permitiu aos nazistas chegar ao poder. É necessário e relevante discutir tudo isso no contexto presente, porque há um crescente volume de evidências que sugerem que, desde os anos 1960, sociedades de todo o Ocidente têm enfrentado processos de-civilizatórios substanciais ao longo dos quais a violência aumentou. A onda mundial de hooliganismo no futebol contemporâneo pode ser vista como parte desta tendência mundial (GASTALDO, 2008).

Embora a preocupação europeia, no que diz respeito aos espetáculos de futebol e as violências entre os torcedores dos clubes, esteja fundamentalmente calcada no hooliganismo, muitos elementos dos estudos realizados tendo como perspectiva a realidade de lá auxiliam a pensar e interpretar os fenômenos sociais da violência entre torcedores de futebol daqui.

Eric Dunning, Patrick Murphy e John Williams, em uma pesquisa realizada no início dos anos noventa e que versa sobre o padrão do confronto entre grupos rivais que passou a ser associado ao futebol, tanto na Inglaterra quanto em muitos outros. Para isso, tecem alguns parâmetros principais do hooliganismo do futebol enquanto fenômeno social. Esclarecem que ele

[...] enquanto forma de comportamento, constituem algo de complexo e de multifacetado. Segundo a utilização popular, o rótulo abrange, por exemplo, o proferir de palavrões e o comportamento que noutros contextos seria desculpado como simples entusiasmo ou brincadeiras grosseiras. De facto,

muitos dos fãs que são presos no contexto do futebol apenas se envolveram nesses delitos relativamente menores. Contudo, em manifestações mais graves, a designação refere-se a grandes invasões que parecem ser engendradas de maneira deliberada, de forma a interromper o desafio, e, talvez o mais grave de tudo, às desordens de fãs adversários que são, com frequência, violentas e destrutivas (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992, p. 356).

Os autores afirmam que os torcedores que se envolvem com mais frequência em confrontos violentos consideram o comportamento agressivo como parte integrante de ir ao jogo de futebol. Tais torcedores são habilidosos no que se refere à fuga da detenção e da prisão e geralmente não aparecem nas estatísticas policiais.

Com relação às explicações do hooliganismo, os autores diferem dois tipos distintos:

- 1) Explicações correntes
- 2) Explicações acadêmicas

As primeiras explicitam duas explicações principais: uma de que ele é causado pela bebida e outra pela violência no campo de jogo. Para os autores, as duas possuem limitações. A questão da bebida não representa uma causa significativa, uma vez que muitos indivíduos que se envolvem em confrontos violentos não fazem uso dela e muitos que a consomem não se envolvem em confrontos. Estes fãs tendem a ser agressivos mesmo sem consumir bebida alcoólica (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992). No que tange a violência dentro do campo, ou seja, entre os jogadores, não é regular afirmar que depois de um incidente violento em campo ocorra confronto entre *holligans*. Entretanto

Afirmar isso não é negar que a bebida e a violência no relvado se encontrem implicadas, por vezes de forma causal, na sequencia de fatos que se verificam, de modo geral, nos confrontos *hooligans* de futebol. Para se compreender esta situação, há que pensar em termos de hierarquia, e nesse sentido pode afirmar-se que a violência no campo e a bebida podem estar, a nível superficial, implicadas de forma causal na origem do hooliganismo do futebol. [...] o consumo do álcool é uma das principais condições que facilitam a violência do hooliganismo do futebol, o que se explica pelo fato de o álcool ser um agente que diminui as inibições. No caso dos fãs *hooligans*, ajuda a criar um sentimento de intensa camaradagem no grupo e, também, constitui um apoio na superação do medo, por outro lado, de se ferirem nos confrontos e, por outro, de serem presos pela polícia (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992, p. 362).

Assim sendo, nota-se que os pesquisadores não negligenciam o fator da bebida alcoólica. Apenas estabelecem uma hierarquia, na qual o consumo de bebida estaria a em nível superficial. No caso brasileiro pode-se dizer que a situação não é diferente. A situação da Copa do Mundo propicia uma esfera de avaliação, uma vez que apenas neste contexto a venda de bebidas alcoólicas foi permitida nos estádios de futebol brasileiros. Em que pese todo o poder da FIFA e de seus patrocinadores, um dos argumentos utilizados foi o de que os torcedores que frequentam os jogos dos clubes possuem características diferentes dos que frequentam os jogos das seleções, mesmo que, por vezes, o público dos estádios seja composto pelos mesmos indivíduos. Tal premissa reforça o aspecto de que o comportamento agressivo de alguns torcedores de clubes é uma tendência com ou sem bebida alcoólica e que o espectador dos jogos das seleções tende a ter um comportamento diferente por não seguir um *ethos* dos grupos dos torcedores organizados.

Sobre o segundo ponto referente às explicações correntes, leia-se a intensidade da violência no campo, a conclusão dos autores é similar: de fato ela influencia nos atos agressivos por parte dos hooligans, mas há outras contingências que também contribuem para este cenário. Alguns exemplos são –um policiamento intenso ou pouco sensato, o desejo de vingar uma derrota imposta no decurso de uma luta realizada num jogo anterior e a ambição de um dos grupos de fãs derrubar outro do pedestal sobre o qual os meios de comunicação o colocaram (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992, p. 363). Aqui é importante falar que os autores estão explicando que os grupos de torcedores disputam o reconhecimento, vindo e disseminado pelos meios de comunicação, de quem é o mais destrutivo e violento.

Ambas as explicações denominadas correntes, de acordo com o estudo de E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS (1992), fracassam no aprofundamento do problema da hierarquia das causas do fenômeno. Aliás, mesmo as explicações acadêmicas não dariam conta de esclarecer

sobre a forma como se produzem, entre fãs *hooligans*, o prazer de lutar e a ênfase na capacidade de olhar por si próprio, sobre as normas e os padrões que orientam o seu comportamento, ou sobre as razões por que o futebol passou a constituir um dos pontos de encontro mais insistentes para o exprimir (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992, p. 364).

O parágrafo acima citado constitui a principal preocupação dos autores. Eles refutam parte dos argumentos de alguns autores (Ian Taylor, John Clarke e Stuart Hall) no que diz respeito às explicações sobre o fenômeno da violência entre torcedores de futebol. Ian Taylor

argumentava que os hooligans constituíam uma forma de resistência da classe trabalhadora diante das mudanças que os grupos da classe média impunham a ela. John Clarke trazia uma análise semelhante, atribuindo o hooliganismo à conjuntura dos anos de 1960, período da profissionalização e espetacularização do jogo, aliadas as mudanças da situação social da classe trabalhadora jovem. Stuart Hall averiguou o –pânico moral com relação ao hooliganismo, criado a partir da imprensa, que sugeria que este havia aumentado de forma correlativa à deterioração da economia britânica (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992). Não negando totalmente as explicações destes estudiosos, DUNNING, MURPHY e WILLIAMS (1992) indicam que elas parecem

Serem mais adequadas enquanto explicações da forma como a ansiedade pública foi produzida e orquestrada no que diz respeito ao hooliganismo do futebol do que o são como esclarecimento do próprio fenômeno. Afirmamos isto, por um lado, porque Hall, Taylor e Clarke parecem acreditar erradamente que o hooliganismo do futebol, entendido como um fenômeno social, data somente dos primeiros anos da década de 1960 e, por outro, devido à sua incapacidade de dominarem de forma adequada o que é, a partir da perspectiva de Marx que partilham, um dos aspectos mais complexos do hooliganismo do futebol enquanto fenômeno social, nomeadamente o facto de envolver uma forma de conflito explícita *entre grupos das classes trabalhadoras* e de os principais participantes se confrontarem com a autoridade e os membros das classes mais favorecidas, como um passo na tentativa *para lutarem entre si* (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992, p. 366).

Outra abordagem refutada pelos autores é a de Marsh, Rosser e Harré, que diz que os meios de comunicação transmitem uma realidade exagerada da violência dos/entre os torcedores e que está é, em verdade, apenas um –ritual agressivo no qual raramente há ferimentos com gravidade. Ao afirmarem isto e tratando acreditando que ritual e violência são categorias que se excluem, não dão conta de notar que rituais podem ser violentos. Os cânticos, coreografias e a postura agressiva diante dos torcedores rivais constituem elementos de violência simbólica, mas é necessário não subestimar os confrontos violentos físicos entre os torcedores e também aqueles nos quais são arremessados objetos perigosos. Exemplo claro disso é o episódio que resultou na morte de um torcedor boliviano durante um jogo da Copa Libertadores da América do corrente ano.

Explicitadas as posições dos autores (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992), é necessário relacionar o que eles compreendem como explicações sociológicas possíveis para o fenômeno. O interesse deles é na seguinte questão: quais as raízes sociais que propiciaram a criação de um conjunto de regras hooligans? Para eles, é necessário conhecer as

origens sociais e as circunstâncias que constituem o processo de criação das regras do hooliganismo do futebol. Tais regras não foram criadas voluntariamente por indivíduos socialmente desinteressados (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992). É neste momento que os autores se prendem a uma visão: a de que uma explicação sociológica para o fenômeno da violência dos *hooligans* está estreitamente vinculada a uma configuração específica da classe trabalhadora de nível mais baixo. Seria no interior desta classe que adolescentes e jovens adultos do sexo masculino desenvolveriam –normas de masculinidade que acentuam a dureza e a capacidade para lutar como sinais que constituem os principais atributos masculinos (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992, p. 368).

Na medida em que suas estruturas correspondem à ‘segmentação ordenada’, as comunidades das classes trabalhadoras de nível mais baixo revelam a inclinação para criar padrões que, em relação aos dos grupos mais elevados na hierarquia social, são mais tolerantes a um elevado nível de agressividade manifesta nas relações sociais. Muitos aspectos da estrutura de tais comunidades atuam nesse sentido (E, DUNNING; P, MURPHY e J, WILLIAMS, 1992, p. 373).

Os autores compreendem que nas comunidades trabalhadoras de nível mais baixo haveria tolerância de um número maior de situações nas quais a expressão manifesta de agressão e violência é suportada e até sancionada de modo positivo, enquanto que nas classes de trabalhadores de nível mais elevado as situações de violência são, em geral, mais condenadas. Há, nestas classes, uma tendência a ocultar as violências e quando elas ocorrem, são sucedidas de um sentimento de culpa.

Traçando uma trajetória do hooliganismo, os referidos autores elencam algumas hipóteses de porque a intensidade das desordens entre fãs de futebol seguiram uma direção curvilínea. A partir de registros da Federação de Futebol inglesa e dos jornais, desde 1880, eles percebem que três décadas antes da Primeira Guerra Mundial o grau dos confrontos era elevado. Entre as duas guerras ele caiu. No fim da Segunda Guerra Mundial até finais dos anos de 1950 continuou baixo, mas começou a aumentar a partir da metade da década de 1960. As hipóteses seguem o pensamento de que antes da Primeira Guerra a sociedade britânica se encontrava em um estágio do processo civilizatório inferior aos de hoje. As relações sociais eram caracterizadas por um nível de violência manifesta e isso se refletia também no comportamento das multidões do futebol (DUNNING; E; MURPHY, P e WILLIAMS, J. 1992). Ressalta-se que as equipes profissionais eram basicamente constituídas por membros das classes trabalhadoras.

[...] desde o final da Primeira Guerra Mundial, a classe trabalhadora tornou-se, progressivamente, mais integrada na corrente principal da sociedade e mais em harmonia com os direitos de cidadania [...]. Durante este processo, verificou-se uma difusão de padrões mais civilizados entre as camadas de nível mais baixo da escala social, processo que se refletiu no comportamento mais ordeiro das multidões de futebol e que foi apoiado, parece aceitável a hipótese, por fenômenos sociais fundamentais, como o aumento da riqueza e o crescente poder dos sindicatos e da mulher (DUNNING; E; MURPHY, P e WILLIAMS, J. 1992, p. 381).

Tendo como referência a pesquisa dos autores acima citados, percebe-se que seus esforços concentram-se em explicar o fenômeno do hooliganismo a partir dos jovens do sexo masculino da classe trabalhadora baixa, uma vez que eles constaram que foi ela a responsável pela profissionalização do futebol inglês e pelo gosto de assistir aos jogos, em que pese guardar as especificidades de cada período histórico.

Ao tratar das modificações históricas da classe trabalhadora inglesa e das paralelas mudanças nas formas de torcer e do comportamento dos fãs de futebol, Dunning, Murphy e Williams abordam outro aspecto relevante para esta pesquisa: a socialização. Ao dar uma importância significativa à construção do masculino, pois a maioria dos torcedores violentos é composta por indivíduos deste sexo, os estudiosos explicam que a partir da década de 1960 os adolescentes e jovens passam a ser atraídos progressivamente para assistirem aos jogos de futebol. Isto seria o resultado de um distanciamento dentro da classe trabalhadora, pois enquanto uma parcela desta classe passava por um processo de integração e crescente -civilização, em termos de Elias, outra parcela continuava atingida pela pobreza. Uma parcela ia se tornando mais sensível aos atos violentos. Nela,

[...] o controle dos pais quanto à socialização inicial das crianças terá aumentado, levando a que esta se realizasse cada vez menos no contexto da rua e sob a única ou principal influência dos companheiros da mesma idade. O prolongamento do processo educativo e a formação de vários tipos de organizações da juventude terão atuado no mesmo sentido (DUNNING; E; MURPHY, P e WILLIAMS, J. 1992, p. 382).

O aspecto da socialização aparece como fundamental tanto para a construção e manutenção de um comportamento mais pacífico quanto para legitimar um conjunto de regramentos nos quais a violência pode ser aceita. Sobre tal ponto, a parte seguinte do capítulo trará mais apontamentos.

3.1 Socialização e identidade

De acordo com Murad (2012), o maior objetivo da socialização, fundamental para formar cidadãos, é –fazer uma pessoa aprender e incorporar a ética e o respeito a regras, leis, instituições e outras pessoas. Incorporar valores de tolerância, aceitação das diferenças, obediência às leis, liberdade de escolha e expressão (MURAD, 2012, p. 161). As principais instituições sociais responsáveis pela socialização são a família e a escola. Murad (2012) constata em sua pesquisa que muitos torcedores afirmam que a torcida é sua família. A presente dissertação indica esta mesma constatação. Alguns entrevistados dizem que a torcida é sua verdadeira família e tal afirmação foi possível de ser percebida durante a observação. O apego ao grupo se torna fundamental. A torcida lhes entrega uma identidade, um sentido. Para melhor esclarecer esta constatação, algumas reflexões teóricas são importantes. No entanto, é relevante enfatizar que Murad acredita que a socialização possui uma função e que família e escola são as principais instituições responsáveis por ela. O atual estudo não adota esta visão, mas se considerou relevante explicitá-la porque houve demonstrado um ponto em comum, que é o fato de muitos torcedores organizados e que se envolvem em episódios de agressões considerarem a torcida sua família. Para elucidar a abordagem da pesquisa no que se refere ao conceito de socialização será apresentado o pensamento de Dubar (2005), no qual ela não possui uma função específica.

Dubar (2005) esclarece que as abordagens culturais e funcionais da socialização padecem de um mesmo pressuposto, visto que encaram o processo de socialização de uma maneira essencialista e com um caráter unificador. A socialização seria a –incorporação de maneiras de ser (de sentir, de pensar e de agir) de um grupo, de sua visão de mundo e de sua relação com o futuro, de suas posturas corporais e de suas crenças íntimas (DUBAR, 2005, p. 97). A socialização seria reduzida –a uma ou outra forma de integração social ou cultural unificada assentada amplamente em um condicionamento inconsciente (DUBAR, 2005, p. 97).

O autor explica que a socialização não deve ser reduzida a uma única dimensão, na qual ou os indivíduos se conformam à cultura do seu grupo ou buscam mecanismos que o façam ser reconhecidos e integrados a outro grupo que possam desejar pertencer. Para Dubar (2005), a socialização não pode ser contemplada por este ângulo. É necessário levar em conta que ela é um processo relacional, no qual estas duas dimensões devem ser administradas. O indivíduo deve ser confrontado –com essa dupla exigência e deve aprender ao mesmo tempo a

se fazer reconhecer pelos outros e a obter o melhor desempenho possível (DUBAR, 2005, p. 98). Portanto, a socialização é uma dualidade, que não pode ser reduzida em uma única dimensão.

A trajetória do pensamento e da origem desta dualidade do social pode ser encontrada tanto na filosofia quanto na sociologia. Habermas (apud Dubar, 2005, p. 98) afirma ter encontrado em um texto de Hegel a origem do –fundamento do processo de formação do espírito humano. Nesta perspectiva, Hegel teria deixado um importante legado para as ciências sociais ao problematizar o processo de socialização a partir de três mundos: o subjetivo, o objetivo e o social. A socialização poderia ser então definida –ao mesmo tempo como individualização do recém-nascido e movimento de construção do mundo social (DUBAR, 2005, p. 99). É ainda no pensamento do jovem Hegel que se encontra a noção de identidade do eu como o –produto de um processo conflituoso implicando práticas sociais, relações objetivas e representações subjetivas (ibidem, p. 100), no qual ela é ao mesmo tempo a identidade do universal e do singular. O reconhecimento recíproco é uma possibilidade que pode ser alcançada no processo de socialização, e não um ponto de partida obrigatório desta. Para Habermas (apud Dubar, 2005, p. 101) é este pensamento hegeliano uma importante contribuição a problemática da socialização, uma vez que percebe a constituição do eu a partir de processos que pressupõe a interação, e não apenas uma reflexão solitária sobre si mesmo. Para isso, a dialética da reapresentação –caracteriza o meio no qual se realiza a apropriação subjetiva do objeto pelo sujeito (DUBAR, 2005, p. 101). A linguagem constitui o primeiro elemento que possibilita a interação, engajando através da comunicação toda uma sociedade. Deste modo ela é condição primeira para a concepção do espírito (nota de rodapé) como *logos* de um mundo não pensado unicamente como interior, mas algo que não está nem dentro nem fora (Dubar, 2005).

Para Habermas, a linguagem só adquire sentido –no cerne dos dois sistemas de atividades que ele considera os mais estruturantes da identidade: a atividade instrumental ...e a atividade comunicativa (DUBAR, 2005, p. 102). A primeira refere-se basicamente a atividade econômica e aos processos de trabalho e a segunda estrutura a interação dos indivíduos a partir das práticas linguísticas, tendo assim influência direta na construção da identidade. É importante frisar que para ele há três mediações (basicamente entre o sujeito e o objeto) no processo de socialização: a dialética do trabalho, a dialética da representação e a dialética da interação. Contudo, a dialética do trabalho e da produção, juntamente com a dialética da interação e do poder ganham maior ênfase na perspectiva de Habermas (Dubar, 2005).

Dubar explica que Habermas possui uma concepção diferente da de Piaget no que se refere a socialização. Para Piaget a socialização da criança ocorre na relação do organismo e seu meio e para Habermas ela se dá através do trabalho e sua interação, ou seja, na dinâmica entre as atividades instrumentais e as atividades comunicativas (Dubar, 2005). Na esfera do trabalho e da troca está a origem da identidade e do conhecimento recíproco.

O fato de Marx reduzir a atividade comunicativa à atividade instrumental também está presente na reflexão acerca da socialização trazida por Habermas. Dubar (2005) afirma que Habermas critica esta ideia de Marx, na qual ele reduz um desses dois momentos (trabalho/forças produtivas e interação/relações de poder) ao outro. Segundo Dubar, para Habermas a ação instrumental estrutura

[...]os processos de dominação da natureza (trabalho) e a ação comunicativa ou relacional ...estrutura os processos de comunicação social (interação). A atividade instrumental corresponde à dialética do trabalho e ao universo das regras técnicas, e a atividade comunicativa à dialética da interação e ao universo das normas jurídicas radicalmente distinto da técnica (DUBAR, 2005, p.105)

Deste modo, pode-se afirmar que para Habermas não se pode reduzir um destes processos ao outro, ou como no caso de Marx, reduzir a ação comunicativa à ação instrumental. A questão da socialização está justamente intervindo nesta relação entre trabalho e interação, no qual as identidades sociais não podem ser deduzidas dos sistemas de trabalho ou de produção (Dubar, 2005). A visão funcionalista do sistema econômico e social formando uma totalidade integrada no qual o processo de socialização é concebido como uma forma de integrar os indivíduos a esse sistema, adaptando-o a ele e assim autorregulando esta totalidade, não se encaixa no pensamento de Habermas.

Certamente Max Weber também pode ser considerado um pensador filiado a uma posição de não percepção da sociedade como uma totalidade unificada. Para Weber, apenas as ações humanas são dotadas de significados e sentidos. Assim, as estruturas não deixam de ser os resultados destas ações (Dubar, 2005). O comportamento individual é sempre orientado na relação com o outro. Para contemplar as formas de orientação do comportamento de um indivíduo em relação ao outro, Weber teceu duas formas gerais de ação: a comunitária (socialização comunitária) e a societária (socialização societária). A principal diferença está no fato da segunda estar firmada em regras racionais consideradas –expressões de interesses comuns mas limitados (DUBAR, 2005, p. 108) e a primeira pressupor uma coletividade de pertencimento, costumes e valores partilhados.

É interessante ressaltar que a distinção acima relatada diz respeito ao pensamento weberiano, portanto imbricado na sua visão e seu método sociológico. A socialização comunitária e a socialização societária são tipos ideais. Desta maneira, as duas formas de socialização coexistem na maioria das relações sociais. Aderir a um tipo ou ao outro de relação está relacionado a imposição da estrutura da situação em questão aos seus participantes.

Nessa breve contextualização acerca do conceito de socialização não se pode deixar de falar de Georg Herbert Mead, estudioso que influenciou Peter Berger e Thomas Luckmann nas suas análises sobre socialização. Mead é autor do livro *Mind, Self and Society* (Espírito, si-mesmo e sociedade), traduzido para língua espanhola com o título de *Espíritu, persona y sociedad*. Segundo Dubar (2005), Mead foi o primeiro autor a descrever o processo de socialização como responsável pela construção de uma identidade social na e pela interação com os outros. A ação comunicativa fica assim no centro do processo de socialização, o qual depende –das formas institucionais da construção do Si-mesmo e, sobretudo, das relações comunitárias (não somente societárias) que se instauram entre socializadores e socializados|| (DUBAR, 2005, p. 115). O ato social é de fundamental importância, uma vez que ele implica na interação e na adaptação recíproca. O gesto aparece como ato elementar, pois ele traduz os condicionamentos da ação com relação aos outros. Mead esclarece que há dois tipos de gestos: os reflexos (abrir um guarda-chuva quando chove) e os simbólicos (significativos). Tal reação significativa e simbólica constitui a linguagem.

Essa reação significativa e simbólica – que 'tem o mesmo significado para todos os indivíduos de uma dada sociedade ou de um grupo social' e que causa a mesma atitude em quem as executa e em quem reage a ela – constitui para Mead, a origem da consciência ou do que ele denomina espírito (*Mind*) e define como 'o fato de adotar a atitude do outro em relação a si mesmo ou em relação a sua própria conduta (DUBAR, 2005, p. 116)

É a partir de toda a significação colocada nos gestos e que constitui a própria linguagem que está dada a comunicação. Assim, Mead (apud Dubar, 2005) analisa a socialização como –construção progressiva do Si-mesmo como membro de uma comunidade, participando ativamente de sua existência e, portanto, de sua transformação|| (DUBAR, 2005, p. 116). A assunção de papéis é a primeira etapa do processo de socialização. Dá-se através da recriação que as crianças fazem de papéis socialmente reconhecidos (pai, mãe, etc).

Para atual pesquisa o importante é perceber que a construção da rivalidade clubística, no caso entre Grêmio e Internacional, tem uma relação direta com a constituição da identidade

dos torcedores de futebol aqui estudados. A identificação com a torcida, o envolvimento passional e a necessidade de defender o grupo ou o clube (e saber que também é defendido) cria uma identificação que estes torcedores não encontram em outra esfera.

3.1.1 A identidade nacional: o papel do futebol

Até o momento muitas coisas já foram ditas em relação ao futebol e ao gosto do povo brasileiro por esta modalidade de esporte. Nesse item pretende-se falar um pouco mais sobre o papel do futebol como um símbolo da identidade nacional no Brasil.

Damatta diz que torcer por um clube de futebol possibilita –redefinir a identidade social num nível mais amplo. Um nível que é a um só tempo nacional e cívico, pois fica além da casa e da família. Um nível que tem a ver com um universo de indivíduos e de normas universais e que se realiza concretamente na ‘rua’ – no estádio, em pleno domínio público (DA MATTA, 1994, p. 16 apud Damo, 2002, p. 36). No Brasil, o futebol possui o peso de ser –a paixão nacional. Reconhecido mundialmente como o país do futebol, o Brasil pode ser pensado a partir dele em diversos aspectos.

No Brasil (e em alguns outros países também), o futebol é uma verdadeira paixão coletiva e mexe com quase todas as pessoas, de diferentes grupos e classes sociais, de variados padrões de renda e escolaridade, culturas e regiões. É um símbolo muito forte de valores culturais e representa a sociedade, o nosso modo de ser. Sem dúvida, é uma das identidades coletivas brasileiras mais prementes. Sendo assim, o futebol, além de esporte, é um caminho para se entender o próprio país, no que ele tem de bom e de ruim (MURAD, 2012, p. 18 e 19)

Marca constitutiva da formação da identidade brasileira, os fenômenos que cercam o mundo futebolístico são relevantes para se entender a realidade do país e apresentam um recorte para compreensão do mundo social.

3.2 A constituição das identidades dos torcedores: o aspecto da rivalidade

As letras dos cânticos representam um importante instrumento de análise das formas como se relacionam as torcidas de Grêmio e Internacional. Embora se tenha observado que as músicas mais entoadas nos jogos desses dois clubes refiram-se à declaração de amor e paixão pelo time, sabe-se que as letras que ofendem o adversário ainda permanecem. Se for verdade que elas podem constituir um aspecto importante do que se chama de um –espírito|| lúdico que envolve os esportes é também relevante perceber que elas possuem um potencial de agressividade, uma vez que se tratam diretamente da utilização de categorias discriminatórias.

Podendo ser expressada de diversas maneiras, as violências entre os torcedores também são percebidas através de insultos e ofensas verbais. –O mais comum é o racismo, mas outras formas de preconceito (étnico e religioso, por exemplo), principalmente na Europa, onde os clubes locais contratam jogadores oriundos de várias nações, também afloram|| (NERY, 2012, p. 130). O objetivo principal é rebaixar e desqualificar o outro. Isso ocorre tanto entre os torcedores quanto entre os jogadores. Um exemplo envolveu o ex-jogador do Grêmio, o argentino Max López, em um jogo pelas semifinais da Copa Libertadores de 2009 contra o Cruzeiro, no estádio Mineirão. Elicarlos, jogador do Cruzeiro, acusou o então gremista de tê-lo chamado de macaco. O fato, que parou na delegacia, foi negado pelo jogador argentino. O interessante de se pensar é que esta situação teve um desdobramento no jogo –de volta|| entre os dois clubes na competição. Da torcida gremista foram emitidos sons de macacos quando o jogador Elicarlos entrou em campo, já durante o transcorrer da partida. Houve relatos de jornalistas que falaram do desgosto que o ato gerou, inclusive em jogadores gremistas. Outros casos dentro de campo poderiam ser explicitados, mas o principal objetivo a ver como esta relação ocorre entre os torcedores entre gremistas e colorados. Uma forma de analisar é a partir das letras das músicas cantadas entre eles. A seguir se apresenta um quadro com as mais cantadas nos estádios.

Quadro 9 – Cantos das torcidas

Músicas	Times	
	GRÊMIO	INTERNACIONAL
1)	<p>Atirei o pau no Inter E mandei tomar no cu Macacada filha da puta Chupa rola e dá o cu Hei! Inter vai tomar no cu! Olé Grêmio, olé Grêmio Até morrer Olé Grêmio, olé Grêmio Até morrer</p>	<p>Me chamam de macaco, mas não é pela minha cor. É porque sou colorado e pelo inter tenho amor!Ei você que é gremista agora preste atenção, tua torcida é racista e a minha é do povão E eu como sou do inter agora vou cantar e pular como um macaco com a guarda popular! Posso ser macaco mais e daí?! Nunca caí pra segunda e nunca paguei pra subir!</p>
2)	<p>Somos campeões do mundo Da Libertadores também Chora macaco imundo Que nunca ganhou de ninguém</p> <p>Somos a banda mais louca A banda louca da Geral A banda que corre Os macacos do Internacional</p>	<p>Vamos cantar, vamos cantar Pro Colorado, Não te abandono eu vou contigo até o final, Vamos beber, vamos beber O nosso trago, Essa paixão se chama Internacional! Mas não vamos se esquecer, Que essa terra tem patrão, Não é o puto tricolor, É o Colorado campeão, Vamos cantar, vamos cantar pro Colorado...</p>
3)	<p>Macaco vai pra puta que pariu Correram da Geral no beira rio Macaco pra sempre tu vai lembrar Que Grêmio já ganhou o Mundial Vamos campeão Vamo a ganhar</p>	<p>Lá no bairro da Azenha Há uma banda puta Que faz avalanche Se enconxam o tempo inteiro E vive correndo até dos xavantes Cuidado ô Gremio Nós vamos derrubar o chiqueiro</p>

	Que o chiqueiro eu vou queimar Onde eu estiver, sempre estará A Banda loca da Geral	
--	--	--

A leitura do conteúdo das letras das músicas cantadas por gremistas e colorados considerada nesse estudo aponta à constatação de que a relação entre esses torcedores e a rivalidade histórica construída entre eles pode expressar, a partir da noção de violência simbólica, preconceitos e discriminações presentes na sociedade, tais como racismo. No entanto, notou-se que preconceito contra homossexuais também está presente nessa dinâmica.

Ao longo do estudo foi possível verificar, que o preconceito racial e homossexual estão naturalizados entre os torcedores. No momento em que esses indivíduos –deixam de ser unicamente cidadãos comuns e assumem o papel de torcedores, tais preconceitos ficam visíveis. Dessa forma, esses preconceitos que estão muito arraigados e ao mesmo tempo são velados na sociedade vem a tona e passam a compor o cenário dos jogos. Cada uma das letras das músicas aqui estudadas adota um tipo de linguagem e postura que denota preconceito. A torcida gremista refere-se ao oponente através de um discurso racista, ao passo que a torcida colorada se vale do preconceito homossexual para tratar os gremistas. É interessante notar que os colorados parecem ser esforçar para positivar o fato de serem historicamente chamados de macaco pelos torcedores gremistas. A associação, que desde o seu surgimento é racista, uma vez que associa o negro ao macado, passou a ser encarada como uma estratégia. O mesmo não ocorre com relação ao homossexual, que assume uma atitude discriminatória ao tentar rebaixar o outro, demarcar que o espaço de torcer é –coisa para macho. Por fim, a violência simbólica que ocorre entre os torcedores de futebol reproduz preconceitos da sociedade em questão.

3.2.1 Reportagens

As reportagens abaixo foram colhidas do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. A partir delas, buscou-se analisar o discurso da imprensa sobre a relação entre torcidas, torcidas organizadas e violência. O foco reporta-se na questão dos conflitos e da construção da identidade das torcidas pelo discurso da referida mídia.

Quadro 10– Reportagem: Medo de violência afasta torcida do Gre-Nal, dizem dirigentes

14/09/2007 | 13h12

Medo de violência afasta torcida do Gre-Nal, dizem dirigentes

Procura por ingressos para o clássico de domingo é pequena para as duas torcidas

Imagem 2 – Confronto no Gre-Nal de juniores



Fonte: Gre-Nal de juniores foi marcado pro briga dentro e fora de campo <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2007/09/medo-de-violencia-afasta-torcida-do-gre-nal-dizem-dirigentes-1618595.html>> Acesso em 10 de janeiro de 2012.

Os dirigentes da dupla Gre-Nal não têm dúvida: a baixa procura por ingressos para o Gre-Nal deste domingo, no Olímpico, é devido ao medo da violência entre as torcidas. Até o final da manhã desta sexta, pouco mais de 6 mil bilhetes haviam sido vendidos.

– Eu acho que a baixa procura é em função dos problemas ocorridos em outros Gre-Nais, como o de juniores, quando a violência campeou entre as torcidas. Isso está afugentando um pouco o público – disse o diretor de administração do Grêmio, Luiz Moreira.

O dirigente gremista afirmou que a procura é muito baixa, dada a proporção e a importância do clássico deste domingo. Na tentativa de motivar o público a comparecer ao Olímpico, Moreira afirmou que todas as medidas necessárias para garantir a segurança do torcedor estão sendo tomadas.

– Gostaria de passar tranquilidade a nossa torcida e a torcida do Internacional, de que todos os esforços estão sendo feitos, tanto pelo Grêmio quanto pelo Inter e principalmente pelas autoridades públicas, para coibir qualquer tipo de atitude fora dos padrões – disse Moreira.

A procura por ingressos no Inter também é fraca. Dos cerca de 2,8 mil disponibilizados para a torcida colorada, apenas 1 mil já foram comercializado. Segundo o vice-presidente de administração Décio Hartmann, a procura é tão pequena que devem sobrar bilhetes até para

os torcedores, apesar de o clube ter mais de 40 mil sócios.

– Nós acreditamos que até o meio-dia de domingo ainda teremos ingressos para a torcida colorada. Hoje a procura foi muito baixa por parte do sócio colorado. A nossa expectativa é de que o torcedor que não é sócio do Inter amanhã poderá procurar os ingressos para o Gre-Nal – disse Hartmann.

A reportagem contou com as falas dos dirigentes da dupla Gre-Nal, que constataram que os atos de violência ocorridos em Grenais anteriores acabam fazendo com que os torcedores sintam medo de ir ao estádio. O discursos dos dirigentes frisam a preocupação das autoridades públicas, além da direção dos clubes, em manter a ordem dos espetáculos e –coibir qualquer tipo de atitude fora dos padrões.

Quadro 11– Reportagem: Membros de torcidas organizadas de SC incitam a violência e exibem armas na internet.

26/02/2008 | 13h02 Atualizada em 26/02/2008 | 21h22

Membros de torcidas organizadas de SC incitam a violência e exibem armas na internet. Registros fotográficos feitos dentro e fora de estádios comprovam movimento criminoso

Imagem 3 – Foto de torcedor com bomba



Fonte: Reprodução/youtube <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2008/02/membros-de-torcidas->

organizadas-de-sc-incitam-a-violencia-e-exibem-armas-na-internet-1777718.html> Acesso em 18 de dezembro de 2011.

Dois dias após a explosão de uma bomba caseira que foi arremessada contra um torcedor durante uma partida de futebol em Criciúma, no Sul de Santa Catarina, a polêmica sobre a presença das torcidas organizadas nos estádios catarinenses ressurgiu com a divulgação de vídeos com imagens de torcedores exibindo armas e granadas e incitando o confronto entre os grupos rivais no site Youtube, na internet.

Nos vídeos — montados a partir de registros fotográficos feitos dentro e fora de estádios catarinenses e creditados à torcida Mancha Azul, do Avaí — jovens aparecem armados com pistolas, revólveres, armas brancas e pedaços de pau e até com uma granada e munições de diversos calibres.

Os torcedores exibem camisas e faixas de torcidas organizadas rivais, supostamente recolhidas após confrontos nos arredores de estádios. A trilha sonora também é produzida pelo grupo que, em ritmo de rap, faz referência à violência fora de campo.

Entre os versos, destacam-se: "Se pegar tudo, espanca até matar. O terror tem nome, Mancha Azul maldade"; "Queremos violência e fazemos o arrastão"; e "Bomba caseira, tiro de oitão (revólver calibre 38), Mancha Azul é maldição".

Em partes do vídeo, membros aparecem em cima de ônibus e escalando bens públicos. Um dos vídeos teria sido gravado na sede de um dos "comandos", como são chamados as diferentes facções do grupo, da Mancha Azul — o que comprova a origem das imagens.

A promoção de atos de violência e contra a ordem pública são comprovados, ainda, com a divulgação de recortes de jornais que fazem referência ao episódio em que torcedores atearam fogo em cadeiras no estádio Orlando Scarpelli, em Florianópolis.

O presidente da torcida organizada Mancha Azul, do Avaí, Fabrício Amorim, disse que não tem conhecimento deste vídeo e que a publicação não partiu da diretoria e da torcida.

— Isso (vídeo) foge do controle da torcida. E a internet é uma terra sem lei, qualquer um pode ter colocado — disse.

Torcida repudia ação de torcedores que incitam a violência

Para o presidente da torcida Raça Azul, do Avaí, a presença de torcedores que vão ao estádio para promover a violência não é exclusividade do clube.

Segundo Moacir Pereira Filho, o Moinha, nos últimos anos a presença de grupos violentos envolvidos com crimes entre as torcidas catarinenses tem aumentado e fugiu do controle dos dirigentes dos grupos de torcedores, dos clubes e das instituições de Segurança Pública no Estado.

— A impunidade faz com que se perpetue a violência. Já tivemos tiros disparados dentro de um estádio catarinense. Ano passado uma pessoa morreu — disse Moacir, que ressalta a diferença entre as ações de prevenção e repressão a crimes em estádios em outros estados.

— É um atestado de incompetência. Como que em outras regiões em que o número de torcedores nos estádios é bem maior, como no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, as polícias conseguem impedir casos como esses? — indaga.

Para o dirigente de torcida, o problema da violência nos estádios não tem recebido a devida atenção. Ele alerta que os incidentes envolvendo o confronto de torcidas começaram já no início do campeonato, quando um torcedor do Criciúma foi ferido na cabeça — levando 20 pontos — em Itajaí.

— Cada torcida tem grupos de torcedores que seguem uma filosofia diferente da difundida pela própria equipe que fazem parte. Uns se dedicam a promover a rivalidade, a violência, por exemplo.

Moacir critica medida adotada pela Federação Catarinense de Futebol (FCF), na segunda-feira, que decidiu pela proibição da presença de torcidas organizadas em partidas disputadas na casa dos adversários.

— Não vai ter efeito. "Eles" (torcedores que incitam a violência) vão comparecer aos jogos da mesma forma e, agora, será ainda mais difícil identificar de quem partiu a agressão. A proibição dos jogos é a comprovação de que os órgãos de segurança não conseguem conter uma "gurizada" violenta, uma facção de bandidos, que acaba se infiltrando nas torcidas organizadas. E nós (integrantes de torcidas organizadas) acabamos sendo marginalizados — acredita.

Para Pereira, a solução mais acertada seria o cadastro dos torcedores — com fotos e informações pessoais — nos estádios.

Esta reportagem não trata do caso Gre-Nal, mas sim de um fato que travou mais uma vez os debates acerca da presença da torcidas organizadas nos estádios de Santa Catarina. Fala da falta de controle que os dirigentes das torcidas, dos clubes e do Estado sobre o aumento da presença de grupos violentos dentro da torcidas. A impunidade é tida como perpetuadora dos comportamentos violentos dos torcedores. O discurso do líder de uma torcida organizada catarinense coloca uma questão extremamente recorrente dos membros de torcidas organizada, que afirmam acabar sendo marginalizados pelas autoridades de segurança pública, enquanto na verdade o que existe é um número pequeno de torcedores violentos. As organizadas acabam sendo penalizadas, como no referido caso da reportagem, uma vez que a Federação Catarinense de Futebol decidiu proibir a entrada de torcidas organizadas nos jogos disputados na casa do adversário.

Quadro 12– Reportagem: Famílias enterram jovens vítimas da violência entre torcidas

Famílias enterram jovens vítimas da violência entre torcidas

29/06/2008 | 11h32

Jeferson Alves Ferreira, 21 anos, e Gabriel Eloi de Oliveira, 23 anos, foram sepultados nesta manhã

A manhã de hoje foi de despedidas e homenagens a Jeferson Alves Ferreira, 21 anos, e Gabriel Eloi de Oliveira, 23 anos, colorados mortos a tiros na madrugada de sábado, em São Leopoldo, no Vale do Sinos, por uma dupla de torcedores gremistas.

Centenas de pessoas acompanharam o velório de Oliveira, estudante de educação física de Novo Hamburgo que organizava excursões de torcedores colorados da região aos jogos do time. Ele foi enterrado por volta das 9h45min no cemitério católico do bairro Hamburgo Velho.

Velado em casa, Ferreira foi sepultado no Cemitério do Bairro São Borja às 10h30min, ao som do hino do Internacional, entoado por amigos colorados.

Imagem 4 – Enterro de torcedor colorado



Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2008/06/familias-enterram-jovens-vitimas-da-violencia-entre-torcidas-2009197.html>>. Acesso em 21 de dezembro de 2011.

Percebe-se que a reportagem apenas retrata a morte de jovens colorado e o enterro de um deles, no Vale dos Sinos. Em depoimento colhido informalmente esses jovens integravam a torcida organizada Camisa 12, do Internacional. A morte dos torcedores foi diretamente relacionada ao confronto contra gremistas.

Quadro13 – Reportagem: Polícia estuda pedir a extinção das torcidas organizadas do Grêmio

18/11/2008 | 17h39

Polícia estuda pedir a extinção das torcidas organizadas do Grêmio

Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2008/11/policia-estuda-pedir-a-extincao-das-torcidas-organizadas-do-gremio-2298600.html>> Acesso em 07 de julho de 2010.

Em vídeo na internet, torcedores comemoram agressões e fazem novas ameaças

Nesta terça-feira, uma equipe da delegacia de Homicídios ouviu uma das vítimas no hospital de Pronto Socorro. No domingo, os gremistas Marçal Lisandro Soares, de 30 anos, e Lucas Pereira Ballardin, 19, integrantes da torcida Máfia Tricolor foram baleados. Lucas foi atingido com um tiro na cabeça e Marçal no abdômen.

Além deles, a polícia ouviu parentes e integrantes das torcidas. Se o titular da delegacia de homicídios, Bolívar Llantada, confirmar a relação dos crimes diretamente com as torcidas, ele não descarta encaminhar o inquérito para o Ministério Público a fim de pedir a dissolução dos grupos organizados no Grêmio.

— Se esta conduta estiver intimamente relacionada com a ação da torcida em si, eu não terei alternativa se não enviar copia integral do inquérito para entrar com ação civil pública para acabar com as torcidas — antecipa Llantada.

— Porque o modo do crime está se baseando em elementos e fatos repugnantes: homossexuais fora da torcida, mulheres fora da torcida, preconceito e exclusão contra negros. Não podemos admitir atitudes desta natureza — completou o delegado.

Enquanto as investigações prosseguem, um grupo que denomina GAS, Geral Ataque Surpresa, postou um vídeo na internet comemorando as agressões de domingo e listando novos torcedores que podem sofrer atentados. O vídeo tem trilha sonora de uma marcha fúnebre e funk. Junto às imagens, há outro vídeo com conteúdo nazista. O texto de abertura diz o seguinte: estamos curando o câncer gremista.

A reportagem relata mais um caso em que a polícia, no caso a civil, reflete a presença das torcidas organizadas nos estádios, no caso as torcidas organizadas do Grêmio, e ameaça entrar com uma ação para terminar com as torcidas. Nota-se que o problema parece que se encerra com a proibição das torcidas. A fala do titular da delegacia de homicídios afirma que se comprovar a relação dos crimes com a ação da torcida, entrará com uma ação para extingui-las. O delegado argumenta que por detrás dos crimes referidos na reportagem há condutas preconceituosas e discriminatórias. Os torcedores gremistas entrevistados nessa pesquisa não demonstraram comodidade em falar do fato, mas aludem que a briga teria se dado devido a uma bandeira de um jogador gremista negro. Alguns membros não teriam gostado da relação entre o Grêmio e um jogador negro.

Quadro 14– Reportagem: Torcedor baleado no domingo pode deixar a UTI nesta quinta

19/11/2008 | 23h28

Torcedor baleado no domingo pode deixar a UTI nesta quinta

Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2008/11/torcedor-baleado-no-domingo-pode-deixar-a-uti-nesta-quinta-2300926.html>> Acesso em 29 de novembro de 2008.

Lucas Pereira Balardin foi atingido na cabeça durante briga de torcidas do Grêmio no domingo

Baleado na cabeça na briga entre a Geral e a Máfia Tricolor, o torcedor Lucas Pereira Balardin, 19 anos, poderá ser transferido nesta quinta-feira da UTI para uma das enfermarias do HPS, onde está internado desde domingo.

Nesta quarta, pela primeira vez desde a ocorrência, ele falou com o pai, Rafael, e a mãe, Ana Lúcia. Primeiro, reclamou do fato de permanecer com os braços enfaixados, medida adotada pelos médicos para evitar movimentos bruscos. Depois, disse sentir vontade de jogar futebol.

— Ela já abriu os olhos, mexeu as mãos e as pernas e perguntou por mim — contou, emocionada, a avó do jovem, Erocinda, de 85 anos.

Lucas recebeu a visita de alguns colegas de aula nesta quarta. Um deles chorou ao deixar o local. Rafael garante não ter pressa na remoção do filho da UTI, onde fica melhor monitorado, para a enfermaria.

— Jogos, a partir de agora, só pela televisão. Nada de estádio — avisa Rafael, 53 anos, também torcedor do Grêmio.

Envolvido com a operação de combate a grupos de traficantes, o delegado Bolívar Llantada não conseguiu, nesta quarta, ouvir os chefes das torcidas organizadas, um dos pontos mais importantes nas investigações. Ainda assim, definiu o caso como uma prioridade da Delegacia de Homicídios e Desaparecidos.

O texto da reportagem relata a recuperação de um torcedor gremista em uma briga entre membros do próprio clube. O fato já foi relatado no caso anterior, mas frisa-se a importância do depoimento dos chefes das organizadas para dar seguimento às investigações.

Quadro 15– Reportagem: Novo presidente promete cortar dinheiro das torcidas

20/11/2008 | 04h50

Novo presidente promete cortar dinheiro das torcidas

Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2008/11/novo-presidente-promete-cortar-dinheiro-das-torcidas-2301142.html>> Acesso em 30 de novembro de 2008.

Duda Kroeff cria comissão para impor regras e cortar subsídios

Luís Henrique Benfca

A futura direção do Grêmio pretende aumentar o controle sobre a atuação das torcidas organizadas. Com posse marcada para a segunda quinzena de dezembro, o presidente eleito, Duda Kroeff, nomeou uma comissão para criar conjunto de regras a serem seguidas pelos torcedores.

Por enquanto, as medidas são tratadas em sigilo nos bastidores do Olímpico. Já se sabe, porém, que uma delas será o fim dos repasses financeiros e da distribuição de ingressos às organizadas. Também haverá uma fiscalização, por parte do departamento de marketing, sobre a venda de produtos com a marca Grêmio. Só a Geral lucraria cerca de R\$ 70 mil mensais revendendo ingressos e comercializando produtos oficiais.

A partir de 2009, caberá ao próprio clube contratar as empresas de ônibus que levarão os torcedores para jogos fora de Porto Alegre. A medida começará a valer já a partir do Gaúcho, a primeira competição na temporada.

Será repetida uma prática adotada com sucesso em 2003. Naquele ano, cada ônibus levava dois seguranças, que impediam o consumo de bebidas alcoólicas e controlavam o comportamento dos torcedores nas viagens.

Em jogos fora da Capital, a cota de ingressos destinada a torcedores do Grêmio será retirada por um funcionário na secretaria do clube adversário e repassada diretamente aos bilheteiros, que serão os responsáveis por controlar o acesso.

– A torcida é maravilhosa, auxilia o time, mas precisa cumprir regras. Por trás dessa briga entre a Geral e a Máfia, está a disputa pelo poder financeiro – afirmou um integrante da comissão criada por Duda Kroeff, que pediu para não ser identificado.

O presidente eleito em 2008 para assumir o Grêmio manifestou o seu interesse em aumentar o controle sobre as organizadas e elaborar regras que devem ser cumpridas pelos torcedores. A principal medida consistia em acabar com os repasses financeiros e com a distribuição de ingressos às organizadas. O procedimento também englobaria a torcida Geral. A direção do clube passaria a ter maior controle em todas as esferas das torcidas, organizando as viagens e providenciando os ônibus. Tal atitude encontra justificativa no fator financeiro. Segundo um representante de Duda Kroeff, a disputa pelo poder financeiro seria um dos principais motivos de brigas entre os torcedores do próprio clube. Embora nos dias atuais possa-se constatar que a gestão de Duda Kroeff não foi uma das mais adorada pelos tricolores gaúchos, os depoimentos aqui colhidos frisam que consideram que as brigas entre torcedores do mesmo clube ocorrem por um único motivo: dinheiro.

Quadro 16 – Reportagem: Coronel Mendes: "Os clubes têm que ajudar"

20/11/2008 | 14h17

Coronel Mendes: "Os clubes têm que ajudar"

Comandante-geral da Brigada Militar quer que Grêmio e Inter parem de subsidiar torcidas

Imagem 5 – Ex- Comandante Geral da Brigada Militar pede extinção de torcidas organizadas no RS



Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2008/11/coronel-mendes-os-clubes-tem-que-ajudar-2301326.html>> Acesso em 20 de novembro de 2011.

Um dia após pedir ao Ministério Público a extinção das torcidas organizadas no Rio Grande do Sul, o comandante-geral da Brigada Militar, coronel Paulo Roberto Mendes, pediu a ajuda dos clubes. Em entrevista à Rádio Gaúcha, disse que não se sentia no direito de solicitar a proibição do subsídio de ingressos e viagens para os torcedores de Grêmio e Inter, mas suplicou:

— O clube é que tem que tomar a decisão. O clube é uma entidade privada, não cabe à Brigada Militar este tipo de intervenção. Não pedi, não sei se pode, mas o Ministério Público está olhando esta questão. Só que os clubes têm que ajudar. A Brigada tem feito a parte dela, com pulso firme. Não sei se estas subvenções ajudam mesmo. O clube tem que tomar esta iniciativa.

De acordo com o coronel Mendes, as restrições incluem as torcidas informais, que atualmente são as mais representativas, e as antigas uniformizadas, que continuam presentes nos estádios, apesar de terem diminuído bastante de tamanho.

— O fato de ser registrada ou não faz diferença. Nenhuma delas tem personalidade jurídica, todas têm a mesma conduta. Hoje se fala muito na Popular do Inter e na Geral do Grêmio, mas tem outras torcidas ao redor que cometem este tipo de transtorno. São todas conhecidas do público esportivo, todas fazem sua representação no estádio, não com a mesma expressão

destas duas, mas estão lá — disse o coronel.

No entanto, o comandante-geral da BM não pretende acabar com faixas e ornamentos das duas torcidas. Ele fala em "eleger alvos" dentro delas, ou seja, identificar causadores de confusões.

— O que nos levou a fazer isso foi o histórico de problemas envolvendo as torcidas organizadas. Vários confrontos com a Brigada Militar, com outros torcedores. É uma medida drástica, mas em prol dos torcedores, milhares de pessoas que lotam os estádios do Grêmio e do Inter. Estas famílias não podem ficar reféns de meia dúzia de baderneiros. Tomamos uma atitude, juntamos todas as informações que tínhamos e agora vamos para a segunda parte, que é apertar um torniquete nessas torcidas. Vamos entrar nelas com nossas áreas de inteligência e retirar aqueles que nós pudermos de circulação.

Sobre a polêmica dos foguetórios, o coronel Mendes abraçou a causa. Disse que também é tarefa da BM combater a barulheira e fez uma promessa para a véspera de 3 de dezembro, quando o Inter decide a Copa Sul-Americana contra Argentinos Juniors ou Estudiantes, em Porto Alegre:

— Nós vamos dar uma resposta sobre isso, podem aguardar.

O comandante-geral da Brigada Militar no ano de 2008, Coronel Mendes, entrou com um pedido ao Ministério Público de extinção de torcidas organizadas no Rio Grande do Sul. Segundo ele, Internacional e Grêmio precisariam auxiliar mais, cortando auxílios financeiros a essas torcidas. A medida se estenderia à Geral do Grêmio e à Popular do Inter, que embora não sejam organizadas formais, possuem um número muito grande de adeptos. Mais uma vez percebe-se a referência a terminar com as torcidas organizadas como medida fundamental ao combate a violência nos estádios.

Quadro 17– Reportagem: Crimes e violência alertam contra as torcidas organizadas

22/11/2008 | 17h16

Crimes e violência alertam contra as torcidas organizadas

Tiroteio do último domingo faz com que clubes e sociedade questionem ação de torcedores

Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2008/11/crimes-e-violencia-alertam-contras-torcidas-organizadas-2304503.html>> Acesso em 21 de novembro de 2011.

Carlos Guilherme Ferreira e Diogo Olivier

Os tiros disparados por torcedores da Geral do Grêmio contra os gremistas Lucas Pereira Ballardin, 16 anos, e Marçal dos Santos, 30, tornaram inadiável o debate de uma questão que não pertence mais só ao âmbito do futebol, mas é tema de segurança pública: como devolver as organizadas dos grandes clubes à civilização?

Desde o banguê-banguê do último domingo, emergem revelações para ajudar no diagnóstico. É consenso que dar ingressos para os líderes venderem em jogos fora de casa é um erro. O lucro da venda de entradas e produtos, somado ao apoio logístico nos estádios e eventuais alianças políticas (a maioria dos integrantes são sócios e votam nas eleições), cria o monstro. Os métodos violentos importados dos barra-bravas argentinos, que estão na gênese deste novo estilo de torcer, surte efeitos explosivos. E incontroláveis — como quebrar o braço do técnico Wanderley Luxemburgo, do Palmeiras, em pleno aeroporto de Congonhas.

Para conter a violência, todo o rigor é pouco. Em Minas Gerais, torcedores não entram nos estádios com bandeiras inocentes há oito anos, desde quando os mastros viravam armas em brigas.

A partir deste fim de semana, em caráter experimental, a polícia mineira voltará a admiti-las. Mas o torcedor terá de fornecer nome completo, endereço, telefone, identidade, CPF, nomes do pai, da mãe e ainda se apresentar três horas antes no estádio para vistoria.

— Estas torcidas não são associações naturais. Elas têm algum interesse (além do clube). No momento que tu tiras o interesse, acaba a associação — exemplifica o promotor Ricardo Herbstrith, responsável pela denúncia dos episódios do Gre-Nal dos banheiros químicos, em 2006.

Antropólogo estudou torcida em bares com pay-per-view

Outro consenso é a necessidade de punição. O problema é arrumar alguém disposto a isso. No caso dos banheiros químicos, houve denúncia do Ministério Público, mas os acusados foram absolvidos. Uma boa notícia, ao menos, é a adoção dos juizados especiais nos estádios em dias de jogos. Delitos menores são identificados e punidos ali mesmo. Mas falta desbaratar ações organizadas e premeditadas, como as que resultaram nos disparos contra Lucas e Marçal.

O antropólogo Edison Luis Gastaldo, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos, estudou o comportamento de torcedores em bares que transmitem jogos

da dupla Gre-Nal pelo pay-per-view, entre 2004 e 2007. Presenciou situações limites, mas nunca testemunhou vias de fato. Ele reconhece que o anonimato da multidão pode liberar instintos secretos, mas discorda da tese de que um pacato cidadão pode se tornar criminoso apenas pelo contato com uma horda bárbara.

— Um homem normal, mesmo sob pressão, não põe fogo em banheiro. Não punir os infratores é um precedente perigoso. É sócio? Basta o clube expulsá-lo para servir de exemplo — ensina Gastaldo, que revela preocupação com o caráter fascista de eliminação do adversário e as alegadas motivações racistas para os tiros contra os torcedores. Enfim, o debate está nas ruas. Já é um começo.

Essa reportagem demonstra mais claramente o posicionamento dos jornalistas, que discutem como se pode devolver as torcidas organizadas à civilização. Os construtores do texto elencam uma série de elementos que propiciam a violência entre torcedores do mesmo clube e entre os clubes rivais e fazem relações entre a necessidade da punição dos torcedores baderneiros. Entre novamente em jogo o bate e rebate da proibição das organizadas e de seus ornamentos de torcidas (faixas). A adoção dos juizados especiais nos estádios em dias de jogos foi tido como uma importante saída para se conseguir a identificação e efetuar a punição no ato. A reportagem também conta com um depoimento de Gastaldo, que transmite a importância da responsabilidade do clube em punir e dar o exemplo.

Quadro 18 – Reportagem: Torcidas de Inter e Corinthians fazem pacto contra a violência na final da Copa do Brasil

16/06/2009 | 17h42

Torcidas de Inter e Corinthians fazem pacto contra a violência na final da Copa do Brasil

Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2009/06/torcidas-de-inter-e-corinthians-fazem-pacto-contra-a-violencia-na-final-da-copa-do-brasil-2547373.html>> Acesso em 29 de junho de 2011.

Acerto faz com que colorados e corinthianos tenham segurança em São Paulo e Porto Alegre

A Brigada Militar intermediou um acordo na manhã desta terça-feira entre as duas principais torcidas do Inter e do Corinthians para garantir a segurança nos dois jogos da final pela Copa do Brasil. Líderes da Popular do Inter e da Gaviões da Fiel fizeram um pacto por telefone para que não ocorram brigas e ameaças.

De acordo com o comandante do policiamento de Porto Alegre, coronel Jones Calixtrato dos Santos, o acerto vai garantir a presença dos cerca de 2 mil colorados nesta quarta em São Paulo e dos outros 2 mil corinthianos para o jogo da volta no Beira-Rio, dia primeiro de julho.

— Colocamos em contato as torcidas em contato e elas se comprometeram a ter segurança para termos um espetáculo do melhor qualidade possível e não tenhamos brigas — disse Santos.

Na segunda-feira, integrantes da Brigada Militar participaram em São Paulo do planejamento do esquema de segurança para o jogo no Pacaembu. A torcida colorada já vai ser escoltada na saída de Porto Alegre e antes de chegar na capital paulista, ainda na rodovia, cerca de 16 ônibus vão ser acompanhados pela Polícia Militar de São Paulo. O comandante do segundo Batalhão de Choque da polícia paulista, tenente coronel Almir Ribeiro, disse que será usado efetivo total para o jogo desta quarta.

— O Segundo Batalhão se preparou com todo o recurso natural e humano para este jogo. Estamos indo com força máxima para o Pacaembu — antecipou Ribeiro.

Os colorados serão conduzidos sempre em itinerários onde a segurança é máxima e vão entrar em portão privativo, sem contato algum com corinthianos. Só vão sair após o estádio estiver vazio e serão escoltados até a rodovia que liga ao Sul. Para o jogo de volta, a parceria continua. PMs paulistas vão participar do planejamento da segurança no Beira-Rio.

Uma medida direcionada pelo Internacional e pelo Corinthians, que diz respeito a utilizar as lideranças das principais torcidas de ambos os clubes, mostra a preocupação com a manutenção da segurança nos dias de jogos entre os dois clubes (em ocasião da final da Copa do Brasil de 2009, na qual o Corinthians sagrou-se campeão). As polícias militares do rio Grande do Sul e de São Paulo se integraram na organização dos dois eventos esportivos: no jogo de ida em São Paulo e no jogo de volta em Porto Alegre. Tal procedimento comprova a importância das lideranças nas suas torcidas, assim como o conhecimento que elas possuem acerca de seus membros.

Quadro 19 – Reportagem: Lula sanciona lei que aumenta rigidez com violência nos estádios

27/07/2010 | 16h09

Lula sanciona lei que aumenta rigidez com violência nos estádios
Pena para briga nas proximidades de sede de jogo chega a dois anos de prisão

Imagem 6 – Ex-presidente Lula e Ex- presidente da CBF, Ricardo Teixeira



Fonte: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2010/07/lula-sanciona-lei-que-aumenta-rigidez-com-violencia-nos-estadios-2985196.html>> Acesso em 21 de janeiro de 2012.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou nesta terça a lei que altera o Estatuto do Torcedor, tornando o regulamento mais severo. Agora, quem for flagrado brigando nas proximidades dos estádios pode levar multa, ser banido do local ou pegar dois anos de prisão. A solenidade foi realizada em cerimônia no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), sede provisória do governo federal.

A punição atinge o torcedor que praticar atos de violência e vandalismo a uma distância de até cinco quilômetros dos estádios. Também sofrerá punição quem entoar cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos.

– Na nossa visão, não é razoável que o torcedor de futebol vá a um estádio de futebol para entoar cânticos agressivos insinuando que vai atacar, matar, agredir a polícia. Estádio não é para esse tipo de conduta – disse o ministro do Esporte, Orlando Silva.

A torcida organizada que incitar a violência, provocar tumulto e invadir locais restritos a competidores, árbitros e dirigentes pode ficar impedida de ir aos jogos pelo prazo de até três anos. As torcidas terão de cadastrar os associados ou membros e repassar os dados aos

clubes, com fotografia, endereço e número dos documentos de identidade e CPF de cada torcedor.

A torcida organizada ainda passa a responder civilmente pelos danos causados por seus associados ou membros no local do evento esportivo, nas imediações ou no trajeto de ida e volta ao evento. Durante as discussões do projeto de lei no Congresso Nacional, as torcidas organizadas conseguiram que esse ponto fosse excluído do texto, mas o Senado acabou restabelecendo o texto original.

No que diz respeito aos cambistas, até então a atividade não era criminalizada e não havia sanção prevista para quem vendesse ingressos com sobrepreço. Com a lei, está prevista multa e reclusão de um a dois anos para quem vender ingressos de evento esportivo por preço superior ao estampado no bilhete. Quem facilitar aos cambistas a aquisição dos ingressos nas bilheterias também pode ser punido.

Para o árbitro que solicitar ou aceitar vantagem ou promessa de vantagem para manipular resultados de jogos a lei prevê multa ou reclusão de dois a seis anos.

Pela lei, os estádios com capacidade a partir de 10 mil lugares deverão instalar câmeras para monitorar o público e as catracas de acesso aos estádios.

Ao ser perguntado sobre como será feita a fiscalização, o ministro Orlando Silva afirmou que o monitoramento do comportamento dos torcedores acontece principalmente por imagem.

– A própria lei determina que os estádios tenham o monitoramento por imagem e isso permite controlar o comportamento do torcedor de qualquer ponto do estádio. Existe recurso para identificar o rosto da pessoa que estimula determinada prática – afirmou o ministro.

Orlando Silva disse ainda que, paralelamente à previsão de penas para o torcedor, é preciso vencer o desafio de capacitar a polícia para atuar nos estádios.

– A polícia tem que passar a utilizar nos estádios armas não letais, ter policiais mais preparados para lidar com a multidão. Não é que vá ser batalhão só para estádios, mas batalhões com pessoas treinadas para lidar com a multidão, porque essa não é uma questão simples de resolver – concluiu o ministro.

A lei sancionada hoje pelo presidente Lula foi elaborada em consenso pelos ministérios do Esporte e da Justiça, Ministério Público, CBF e aprovada pelo Congresso Nacional. A mudança no Estatuto do Torcedor integra o pacote de medidas do Ministério do Esporte conhecido como Torcida Legal, lançado em março de 2009.

A reportagem descreve a lei que altera o Estatuto do Torcedor, sancionada em 2010. O intuito dessa lei é abranger as violências física e simbólica. Entra no estatuto também a punição aos cânticos discriminatórios. A questão da invisibilidade dos torcedores no que tange a responsabilidade de suas ações é também contemplada, pois o monitoramento pro câmera

prevê justamente identificar os infratores. Nota-se que há um desenvolvimento legal sobre a problemática da violência entre os torcedores de futebol dentro do território brasileiro. O objetivo é adquirir maior controle sobre os torcedores, principalmente os organizados.

Quadro 20 – Reportagem: Inter anuncia exclusão das torcidas Guarda e Popular

08/12/2011 | 18h14

Dura punição

Inter anuncia exclusão das torcidas Guarda e Popular

Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/inter/noticia/2011/12/inter-anuncia-exclusao-das-torcidas-guarda-e-popular-3590161.html>> Acesso em 04 de janeiro de 2012.

Decisão ocorreu por conta de uma briga após o jogo festivo de despedida do ex-jogador Fabiano

Juliano Schüller

O Inter tomou uma medida enérgica em relação às disputas entre as torcidas organizadas Guarda Popular e a Popular. No fim da tarde desta quinta, o diretor geral de torcidas organizadas, Luis Fernando Martins Oliveira, anunciou a extinção de ambas:

— A partir de hoje as duas estão excluídas do cadastro do clube e não são mais reconhecidas como organizadas. Elas terão até a próxima semana para retirarem os objetos aqui do estádio.

Tanto a Guarda, como a Popular, gozavam de privilégios como ter salas no complexo Beira-Rio para guardar equipamentos e instrumentos e podiam ingressar no estádio em dias de jogos antes da abertura dos portões, por exemplo. A desocupação terá de ser feita até as 18h da próxima segunda.

Durante uma reunião ao longo da tarde, a direção considerou que a situação chegou ao limite. Na noite de ontem, após o jogo festivo de despedida do ex-jogador Fabiano Souza, uma briga entre integrantes dessas torcidas deixou um saldo de quatro feridos— sendo três à faca.

Oliveira também contou que o sistema de câmeras do Beira-Rio será utilizado na tentativa de identificar os envolvidos.

— Vamos ver as imagens das câmeras. Dependendo da participação nos atos, e sendo sócio, a exclusão será proposta à direção e ao departamento jurídico

— completou o diretor de torcidas organizadas.

Logo após a decisão, o Inter publicou uma nota em seu site oficial. Confira o texto na íntegra:

"Aos Sócios e Torcedores do Clube

Tendo em vista os lamentáveis episódios ocorridos no Estádio Beira-Rio, especialmente no último Gre-Nal do dia 04/12/2011, e no jogo festivo realizado ontem, 07/12/2011, relativos a enfrentamentos entre alguns integrantes das torcidas organizadas 'Popular' e 'Guarda

Popular', vimos pela presente comunicá-los que o Clube tomou a decisão de excluir as mesmas do cadastro de torcidas organizadas do Internacional.

Tal medida visa resguardar a segurança e tranquilidade de seus sócios e torcedores que frequentam as dependências do Clube em dias de jogos, bem como atender a inúmeros apelos recebidos dos sócios colorados.

Sport Club Internacional".

Após um briga entre torcedores do próprio clube, o Internacional decide excluir as torcidas Guarda e Popular. As duas torcidas são o resultado de uma divisão da Guarda Popular. O episódio de uma briga, que resultou em uma tentativa de homicídio dentro do estádio Beira-Rio durante um jogo festivo dedicado ao ex-jogador do clube, Fabiano, fez com que o clube não reconhecesse mais ambas as torcidas e ordenou que todos os seus materiais fossem retirados do estádio. É importante colocar que durante o período de observação, constatou-se que a direção do Inter buscou vincular as duas torcidas (um resultado de dissidentes da outra) para proporcionar um espetáculo mais bonito. Foi visível e perceptível que a união das duas torcidas contribuía com o espetáculo do jogo. Tal medida foi tomada pela direção para os jogos finais do campeonato Brasileiro de 2011, tendo referência inclusive no site oficial do Internacional. É fato assumido pela presidência do clube que essas torcidas contavam com amplo apoio da sua direção. No entanto, a briga entre lideranças dessas torcidas no jogo festivo fez com que o clube punisse ambas as torcidas e a reportagem retrata esse fato.

Quadro 21 – Reportagem: Torcidas desorganizadas

08/12/2011 | 20h24

Torcidas desorganizadas

Envolvidos na briga entre torcidas do Inter serão intimados a depor

Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/inter/noticia/2011/12/envolvidos-na-briga-entre-torcidas-do-inter-serao-intimados-a-depor-3590308.html>> Acesso em 04 de janeiro de 2012.

Confusão após jogo festivo no Beira Rio nesta quarta-feira resultou em quatro feridos. A Polícia Civil começará a intimar a partir desta sexta-feira em torno de dez pessoas por envolvimento na briga ocorrida após o jogo de despedida do ex-jogador Fabiano Souza, na noite desta quarta, no Estádio Beira Rio. Entre elas estão vítimas, agressores e testemunhas.

Segundo a delegada da 20ªDP, Sílvia Cóccaro, os depoimentos deverão ser marcados a partir da semana que vem. A polícia vai solicitar ao Inter as imagens do sistema de câmeras do estádio para identificar os torcedores que participaram da confusão.

— Quando for confirmada a participação dos torcedores, eles podem responder por lesão corporal grave, o que resulta em inquérito policial, ou lesão corporal leve, o que seria um termo circunstanciado. Não há nenhum indicativo de que houve tentativa de homicídio — explicou a delegada — No caso de lesão corporal grave, o envolvido por acabar preso — concluiu.

A delegada Sílvia também mantém contato com a Brigada Militar (BM), que já tem os nomes dos envolvidos. A briga envolveu integrantes das torcidas Guarda Popular e da sua dissidência, a Popular do Inter.

Na confusão, quatro pessoas ficaram feridas. Ao menos uma foi esfaqueada. Hierro, líder da Guarda Popular, foi registrado em duas ocorrências policiais como agressor.

Medidas enérgicas contra torcidas:

As disputas entre as torcidas organizadas Guarda Popular e Popular motivou medida drástica por parte do Inter. No fim da tarde desta quinta, o diretor-geral de torcidas organizadas, Luis Fernando Martins Oliveira, anunciou a extinção de ambas.

— A partir de hoje as duas estão excluídas do cadastro do clube e não são mais reconhecidas como organizadas. Elas terão até a próxima semana para retirarem os objetos aqui do estádio — disse Martins.

A Guarda e a Popular gozavam de privilégios, como ter salas no complexo Beira-Rio para guardar equipamentos e instrumentos. Além disso, podiam ingressar no estádio em dias de jogos antes da abertura dos portões. A desocupação terá de ser feita até as 18h da próxima segunda.

Oliveira também espera identificar os envolvidos com o sistema de câmeras.

— Vamos ver as imagens. Dependendo da participação nos atos, e sendo sócio, a exclusão será proposta à direção e ao departamento jurídico — completou o diretor de torcidas organizadas.

O episódio da reportagem acima sofreu muitos desdobramentos. O fato foi televisionado em rede nacional e as imagens das câmeras do estádio Beira-Rio serviram para identificar os 4 envolvidos na briga. Hierro, líder conhecido da Guarda Popular teve duas ocorrências registradas como agressor. O caso do Beira-Rio segue sendo utilizado como exemplo a ser seguido, no que diz respeito a identificação dos envolvidos, dos agressores e da respectiva punição.

Quadro 22 – Reportagem: Interpol irá investigar ex-líder da torcida Guarda Popular do Inter

11/01/2012 | 00h03

Dentro ou fora do país

Interpol irá investigar ex-líder da torcida Guarda Popular do Inter

Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/inter/noticia/2012/01/interpol-ira-investigar-ex-lider-da-torcida-guarda-popular-do-inter-3627475.html>> Acesso em 04 de janeiro de 2012.

Polícia gaúcha acredita que torcedor esteja na Argentina, onde teria ligações com os barrabravos do Independiente

Foragido há seis dias, o ex-líder da Guarda Popular do Inter, conhecido como Hierro Martins, 40 anos, será investigado pela Interpol. A polícia gaúcha acredita que o torcedor esteja na Argentina, onde teria ligações com os barrabravos do Independiente.

A titular da 20ª Delegacia de Polícia de Porto Alegre, a delegada Sílvia Coccaro de Souza, encaminhou nesta terça-feira à Polícia Federal o mandado de prisão de Hierro, com fotos e outras informações.

Ele teve prisão preventiva decretada pela Justiça, semana passada, por agressões a outros torcedores, em dezembro.

Após ser indiciado por tentativa de homicídio, Hierro é considerado fugitivo e procurado pela Interpol. A delegada responsável cedeu todas as informações sobre o caso.

Quadro 23 – Reportagem: Inter avalia retorno de torcidas organizadas ao estádio Beira-Rio

02/02/2012 | 11h26 Atualizada em 03/02/2012 | 18h50

Inter avalia retorno de torcidas organizadas ao estádio Beira-Rio
Integrantes da Popular e da Guarda Popular foram banidos após confusão em dezembro

Imagem 7 – Torcida Guarda Popular do Internacional



Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/inter/noticia/2012/02/inter-avalia-retorno-de-torcidas-organizadas-ao-estadio-beira-rio-3651281.html>> Acesso em 4 de maio de 2012.

O Inter abriu uma porta para que a Popular e a Guarda Popular voltem ao estádio com seus trapos, instrumentos e a configuração visual dos últimos anos. Desde a briga em que o líder da Guarda Popular, Hierro Martins, atacou com estilete integrantes da Popular, as duas torcidas foram banidas pela direção.

A confusão foi no dia 7 de dezembro, na despedida do atacante Fabiano. No jogo contra o Once Caldas, no Beira-Rio, as duas torcidas se posicionaram atrás do gol e, mesmo entusiasmadas, não contagiaram o estádio como de hábito. O que provocou uma enxurrada de telefonemas à Ouvidoria e dezenas de e-mails para a caixa do clube.

O responsável pelas torcidas organizadas, o delegado do Denarc, Luis Fernando Martins Oliveira, ouviu as manifestações da torcida e sentou para conversar com os líderes.

— Ainda está longe de elas voltarem. São conversas iniciais. Sei que as duas torcidas se reaproximaram. Mas pretendemos uma recriação da Popular, do nosso jeito — avisou Oliveira.

As duas torcidas haviam pedido para voltar contra o Once Caldas. Ouviram negativa.

Retomaram o pedido para poder marcar presença no Gre-Nal. Oliveira acredita ainda ser muito cedo.

O Inter deve avaliar o retorno das torcidas organizadas ao Beira-Rio para a próxima partida em casa, contra o Juan Aurich, pela Libertadores, no dia 09 de fevereiro.

Depois de todo tumulto e repercussão gerada pelo –caso Hierrol, como ficou popularmente conhecido entre os torcedores, o *Sport Club* Internacional resolve avaliar o retorno da Guarda Popular e da Popular do Inter. O desligamento dessas duas torcidas trouxeram outras brigas internas entre os torcedores do Inter, como no observado durante o Gre-Nal do dia 05 de fevereiro de 2012, no qual os torcedores das duas torcidas extintas do cadastro do Internacional não queriam deixar as demais torcidas organizadas entrar com suas faixas no estádio Olímpico. Com relação a matéria, constata-se que as torcidas já começam a ser ouvidas no que diz respeito ao seu retorno. O tão solicitado retorno acaba ocorrendo durante a Libertadores da América de 2012. Tal postura do clube foi criticada por muitos torcedores, que consideram esse fato uma falha no processo punitivo das torcidas.

Quadro 24 – Reportagem: Justiça concede liberdade provisória a Hierro, mas proíbe que ele frequente estádios

03/05/2012 | 19h42

Ex-líder de organizada

Justiça concede liberdade provisória a Hierro, mas proíbe que ele frequente estádios

Acusado responde pelos crimes de tentativa de homicídio, formação de quadrilha e por promover tumulto, praticar ou incitar a violência

Imagem 8 – Briga entre torcedores do Internacional



Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/inter/noticia/2012/05/justica-concede-liberdade-provisoria-a-hierro-mas-proibe-que-ele-frequente-estadios-3747058.html>> Acesso em 10 de maio de 2012.

O Juiz da 1ª Vara do Júri da Capital Felipe Keuncke de Oliveira concedeu, nesta quinta-feira, liberdade provisória ao ex-líder de torcida organizada do Inter Jorge Roberto Gomes Martins, o **Hierro**. O acusado responde pelos crimes de tentativa de homicídio, formação de quadrilha e por promover tumulto, praticar ou incitar a violência.

A soltura foi determinada mediante o cumprimento das seguintes condições: proibição de frequentar estádios de futebol, devendo permanecer a uma distância de no mínimo 100 metros, e de participar de qualquer torcida de futebolística.

Além disso, Hierro só pode sair de casa para trabalhar, das 7h às 19h, devendo permanecer em casa à noite e em dias de folga. Ainda deve comprovar à Justiça, mensalmente, que mantém residência e emprego fixos.

Na decisão na qual converteu a prisão preventiva nas medidas cautelares a serem cumpridas pelo réu, o Juiz Keuncke considerou o tempo decorrido, as razões expostas pela defesa e a situação atual dos presídios. Em caso de descumprimento, o acusado pode voltar a ser preso.

Hierro e outros dois acusados foram denunciados por envolvimento em uma briga ocorrida

entre integrantes das torcidas Popular e da Guarda Popular, após partida de despedida do atacante Fabiano, no dia 7/12 no Beira-Rio.

Entenda o caso

Conforme o inquérito policial, Hierro e outros dois jovens da torcida Guarda Popular se envolveram em uma briga com um grupo dissidente, integrantes da torcida Popular do Inter. Parte do confronto foi registrado por imagens de câmeras de segurança do Inter, que ajudaram na identificação dos envolvidos.

O confronto deixou quatro pessoas feridas, sendo três esfaqueadas. Uma das vítimas teve cortados tendões de três dedos da mão esquerda. Em consequência do episódio, o Inter excluiu as duas torcidas organizadas do seus quadros, cancelando benefícios como uso de sala no estádio e acesso facilitado às arquibancadas em dias de jogos.

Além disso, cópia do inquérito policial foi encaminhada ao departamento jurídico do clube que estuda a expulsão de Hierro do quadro social do clube — era o único dos agressores filiado ao Inter.

No início de maio de 2012, Hierro tem sua liberdade provisória concedida. A reportagem mostra a imagem do dia das agressões, na qual Hierro aparece esfaqueando membros da Popular do Inter. O contato com os torcedores da dupla Gre-Nal orientam que o –caso Hierro|| está sendo acompanhado de perto. Há a preocupação em saber se ele vai ou não cumprir as determinações judiciais. O caso se tornou emblemático, principalmente porque significa a associação com a sensação de impunidade que a população possui quando se fala em torcedores organizados. Certamente tal sensação é resultado de uma série de outros fenômenos e que não está presente somente no âmbito futebolístico, mas a representação que a punição a um torcedor ou a um grupo de torcedores é relativamente forte, uma vez que comprova que por trás de todos os atos de violência há rostos e autores individuais.

As reportagens acima se referem a fatos que envolvem torcidas e torcedores do Grêmio e do Internacional, mas também remete a um fato relacionado a torcedores do estado de Santa Catarina e da preocupação das autoridades que matem o monopólio da força física, através do Estado, em prevenir a violência nos estádios, como no caso que antecedeu o jogo da final da Copa do Brasil entre Internacional e Corinthians em 2009. A assinatura, por parte do então presidente da República e o então presidente de CBF, em 2010, também comprovam a preocupação com os atos de violência que ocorrem nos estádios de futebol e nos seus entornos.

Apesar das precauções, muitos torcedores continuam a protagonizar atitudes violentas, muito embora estudos já tenham comprovado que as violências no futebol sejam periféricas (MURAD, 2007 e REIS, 2010).

No caso da dupla Gre-Nal, o imaginário dos torcedores é composto por uma relação entre rivalidade e amor que se traduzem no ato de torcer pelo seu clube do coração. Entretanto

o ato de torcer configura-se muitas vezes de maneira a extrapolar a categoria do –outroll como concorrente, transformando esse outro em um rival que deve ser banido.

3.2.2 Os entrevistados e os seus olhares sobre a rivalidade

As entrevistas feitas nessa dissertação tiveram o intuito de perceber, a partir dos discursos dos torcedores, como se dá a relação desses com os seus respectivos clubes, como é a sua relação e qual o seu olhar acerca do rival, qual a sua percepção sobre as torcidas organizadas de seus clubes, como enxergam a seleção brasileira (no que se refere ao sentimento de torcer), o que pensam sobre o ser gaúcho e como percebem a mídia local e nacional no que diz respeito a influência nos acirramentos nos dias de clássicos.

Alguns aspectos que permearam o trabalho de campo são relevantes de serem destacados, como, por exemplo, como se deu o acesso aos torcedores. Sobre tal ponto, é interessante citar que a escolha do objeto empírico da pesquisa impôs algumas restrições no que diz respeito aos temas debatidos nas entrevistas. Em ambos os clubes a primeira aproximação se deu a partir de colegas e amigos que tinham contato direto com as lideranças das torcidas organizadas formais e informais. No caso do Grêmio houve a possibilidade de entrevistar a liderança principal da Geral, ao menos o entrevistado é assim apontado por todos os torcedores entrevistados, tanto gremistas quanto colorados, e também pelos meios de comunicação. As entrevistas foram feitas em locais públicos e em geral os torcedores demonstraram muita preocupação com o objetivo da pesquisa. Queriam se certificar de que nada que dissessem pudesse ser utilizado pelas mídias ou pela polícia. Tal ponto auxilia a explicar a tensão que a temática explora, especialmente com relação aos torcedores organizados, uma vez que os torcedores comuns demonstraram mais tranquilidade em falar sobre rivalidade e violência entre torcedores, inclusive do mesmo clube. Os organizados pareceram extremamente desconfortáveis quando se pronunciava alguns episódios de violência entre torcidas do mesmo clube. Abaixo se destacou alguns trechos das entrevistas realizadas.

E1 – torcedor colorado

Idade: 29 anos

Sexo: masculino

O primeiro entrevistado identifica-se como um torcedor comum. Começou a torcer pelo Internacional a partir da influência familiar, especificamente a do seu pai. Foi ao estádio Beira-Rio pela primeira vez aos 5 ou 6 anos de idade, com seu pai. Lembra-se de começar a frequentar assiduamente o estádio a partir dos 18 ou 19 anos. Afirma que a opção de não ter ingressado em nenhuma torcida organizada se deve ao fato de acreditar que esse tipo de agrupamento não possui medo de nada, e portanto se torna muito perigoso. Diz que embora não faça parte de nenhuma organizada, sempre busca assistir os jogos bem próximo da Guarda Popular ou da Camisa 12. Sua opção é de ir ao estádio sempre que pode. –No estádio é sempre diferente. Lá é frio, tem chuva, não tem refri ou cerveja a hora que tu quer. É sempre diferente. No entanto, o grau de envolvimento com o clube não transcende nenhum compromisso seu com familiares, amigos ou emprego. Quando não vai ao estádio, as vezes escuta as partidas, mas foi apenas uma vez a um bar assistir ao jogo. Nunca viajou para torcer ou assistir o Inter. Para ele, torcer é conjunto de emoções únicas. É depositar todas as energias naquilo que se quer que aconteça e no caso do clube é tudo muito mais intenso.

Sobre as peculiaridades rio-grandenses, diz que aqui tudo é diferente. Não torce pra seleção brasileira com nenhum entusiasmo. A imprensa local também é muito exigente e dá aos fatos uma dimensão desproporcional ao que eles realmente representam. Frisou que durante o breve período que esteve em Londres não percebeu nenhuma atenção específica aos jogos entre os clubes de Londres. –Lá é uma outra violência. Aqui a mídia interfere muito.

Referente a temática das torcidas organizadas, fala que o papel da liderança é muito importante, mas que tudo deve girar em torno do amor ao clube. –Quando o dinheiro entra em jogo tudo se perde, e é isso que acontece com essas torcidas. Cita o exemplo de Hierro, que segundo ele seria uma liderança imposta: –ele quer impor um autoritarismo e uma liderança nunca pode ser imposta, ao contrário, ela deve sempre aceitar as opiniões de todos. Hierro não teria aceitado a concorrência financeira da dissidência da Guarda Popular e por isso todas as brigas se iniciaram e permanecem no clube.

Sobre a forma como os gaúchos cantam o hino rio-grandense nos estádios, ele diz se tratar de uma forma de mostrar que aqui é diferente e que serve até para amedrontar o adversário. Com relação ao seu ponto de vista sobre o Grêmio e sobre a rivalidade Gre-Nal, afirma que mídia influenciou muito nesse processo de –maior rivalidade do país e que tal

forma de tratar o assunto acaba aflorando os ânimos. –Ficar uma semana falando do clássico Gre-Nal e uma semana depois é demais. Gre-Nal é um jogo de 90 minutos, mas a mídia transforma em um acontecimento muito maior. Tudo isso acaba deixando os torcedores mais alarmados. O gremista é só um adversário histórico, que pode ser uma pessoa legal ou não. Ser violento ou hostil como o outro ocorre com mais facilidade em agrupamentos, pois a invisibilidade parece dar mais força para que os atos violentos aconteçam: –as pessoas tem medo de ser presas, de mais nada.

E2 – torcedor colorado; Idade: 26 anos; sexo: masculino e E3 – torcedor colorado; Idade: 24 anos; sexo: masculino

Os dois entrevistados acima referidos são integrantes da torcida organizada Camisa 12, do Internacional. Como no caso do primeiro entrevistado, afirmam ter sido influenciados pela família quando questionados sobre a escolha pelo Internacional. O significado que o clube possui na vida deles é enorme, pois relatam que deixam tudo pra ir torcer pelo Inter: –A gente deixa família, deixa a mulher em casa, deixa tud. Ambos viajam para outros estados para acompanhar a torcida, ao menos sempre que podem. Possuem uma assiduidade, segundo eles, de 99% dos jogos: –É muito difícil eu não ir num jogo, e se não dá pra ir no estádio, eu vou em qualquer lugar assistir.

Quando questionados sobre a seleção brasileira, disseram que não se importam muito com ela, que mal sabe quando vai jogar. No entanto, se na seleção há jogadores do seu clube, buscam assistir o jogo.

Conferem ao gaúcho –algo diferente, que não sabem muito bem explicar. –A gente sente isso sempre, é só sair daqui que é tudo muito diferente, nos tratam diferente, ficam chamando a gente de veado. O fato dos torcedores sentirem algo diferente não se refere somente ao impacto cultural ou a interação com outra cultura, mas diz respeito ao histórico conflito entre rio-grandenses e centro do país, que o futebol possui a capacidade de sempre atualizar e reinventar esse conflito (Guazzelli, 1999 e 2010; Gastaldo 2012). O hino rio-grandense é cantado com muita força justamente para demarcar que aqui é diferente.

A relação com os gremistas é sempre complicada em dias de jogos, mesmo não sendo clássico Gre-Nal. Segundo os esses entrevistados, as rixas vão se desenvolvendo e acabam não tendo fim: –Um quer pegar o outro porque não sei quando ocorreu um fato, e assim vai. Outro detalhe importante relatado foi sobre as brigas internas, ou seja, as brigas entre torcedores do Inter. O dinheiro e o poder são considerados os responsáveis por isso. –Pega o

Hierro, que tinha um Fuca e em pouco tempo já tava com uma nave, o que que é isso? Grana que o clube e a torcida dão. Percebe-se que a explicação acerca da violência intraclube é explicada pela questão do poder financeiro, ao passo que as violências interclubes são associadas a fatores de ordem emocional.

E4 – torcedor gremista; Idade: 33 anos; sexo: masculino e E5 – torcedor gremista; Idade: 43 anos; sexo: masculino

Ambos são lideranças importantes da Geral do Grêmio, um a vez que são considerados fundadores dessa torcida. –Funda a gente não fundou, a Geral não tem uma fundação. A torcida foi simplesmente acontecendo. Afirmam que as lideranças possuem um papel fundamental na organização e manutenção dos comportamentos das torcidas: –Tem que tá sempre ligado, tem que ver se não tem um grupinho mais exaltado, tem que chegar ali, porque o nosso trabalho não é... a gente não é polícia, as lideranças não são polícia [...] A gente tem uma chegada diferente porque a gente não é polícia, a gente é torcedor que nem o pessoal que tá ali daí a gente consegue contornar as coisas, as vezes obviamente não, mas a grande maioria das vezes sim, a gente conduz bem.

E6 – torcedor gremista

Idade: 31 anos

Sexo: masculino

Assim como o torcedor colorado que se identifica como torcedor comum, o torcedor gremista também demonstrou muito mais tranquilidade em conversar sobre seu amor e sua paixão pelo clube. Pensa-se que isso se deve ao fato de não estarem vinculados a nenhuma torcida organizada, tanto formal quanto informal.

Considera-se gremista desde nascimento e teve seu primeiro contato com o estádio Olímpico na companhia de seu pai. Afirma que o Grêmio possui um peso fundamental na sua vida, inclusive gerando alterações de humor no seu cotidiano –Se o Grêmio ganha, tudo bem, mas se perde...aí é um problema. Sempre sabe de todos os jogos do Grêmio, mas nunca

vaijou para torcer pelo clube. Hoje procura ir sempre ao estádio e quando não pode, sempre escuta ou assiste as partidas.

Sobre torcer pela seleção, considera um fato meramente secundário, nem se importa muito, ao menos que nela esteja algum jogador do seu clube, ou ex-jogador. Considera o Rio Grande do Sul um estado diferenciado, pela sua história de lutas e por sua cultura. Crê que o temperamento do gaúcho é muito mais parecido com os dos argentinos e uruguaios. É por isso que o hino rio-grandense é cantado com muito mais força que o hino nacional.

Sua relação com os colorados é saudável, embora já tenha apanhado de colorados em duas ocasiões. –Já apanhei e já precisei correr muitol. Ele relaciona a violência entre os torcedores o fruto de uma emoção descontrolada, uma coisa inexplicável, vinculada ao extinto de exterminar o ouro, ou pelo menos ver o sangue desse outro. Pensa que a mídia possui uma influência enorme na relação dos torcedores da dupla, principalmente porque depende desse confronto para gerar as suas notícias esportivas.

3.2.3 Um panorama geral sobre os discursos dos torcedores

Todos os entrevistados alegam ter começado a frequentar assiduamente o estádio de seu clube a partir da maioridade. Constatou-se que os torcedores identificados como comuns sentiram-se muito mais à vontade para falar das torcidas organizadas e da violência no futebol, assim como sobre a rivalidade entre Grêmio e Internacional. A lideranças gremistas e os membros das torcidas organizadas do Internacional buscavam resguardar-se desse tema. Sem dúvida há um peso muito grande que associa violência e torcidas organizadas e a forma como os integrantes dessas torcidas encontram para defender-se desse estigma é também evitando ou controlando as suas expressões e palavras sobre esse assunto. Outro aspecto interessante percebido nas entrevistas foi que todos os torcedores refiram que a mídia local sempre aumenta os acontecimentos e que a Brigada Militar não está preparada para lidar com multidões em dias de jogos.

A partir das entrevistas buscou-se entender as motivações que levam os torcedores a torcer por um clube. Ou seja, escolher entre ser gremista ou ser colorado. Todos sempre fizeram referência a importância que tem em honrar o fato de ser gaúcho. Sobre isso, na observação percebeu-se que o jogo entre Grêmio e Flamengo, no dia 30 de outubro de 2011 foi emblemático. O reencontro da torcida gremista com o ex-ídolo, Ronaldinho Gaúcho, era aguardado e comentado por todos os veículos midiáticos do estado do Rio grande do Sul,

assim como por gremistas e colorados. Todos estavam curiosos para saber qual seria a reação da torcida tricolor diante de Ronaldinho. As vaís ao jogador foram ensurdecedoras. O hino do rio-grandense foi cantado de maneira extremamente intensa, transmitindo o significado de que ali, na torcida do Grêmio se encontravam os verdadeiros gaúchos.

Constatou-se também que diante do outro eu não sou apenas o torcedor do meu clube, que o ama acima de tudo. O componente identitário acionado é sempre o de rival. Em nome do amor ao clube pelo qual torce, ao qual pertence e que é uma extensão de si mesmo, as formas de violências assumem um papel constitutivo dos espetáculos futebolísticos. Se pertença ao Grêmio, sou rival do Internacional e se pertença ao Internacional, sou rival do Grêmio. Comportar-se como rival, segundo os entrevistados, possui esta característica: assumir o pertencimento ao seu clube de coração e agir de qualquer maneira para defendê-lo. Apesar dessa dissertação não ter elencado entre seus entrevistados todos os torcedores que se envolveram em conflitos violentos, pode-se afirmar que a visibilidade que as violências possui entre eles é bastante clara. A tensão entre pensar que agredir outro indivíduo é irracional e ilícita e agredir ao rival. Brigas entre torcedores do mesmo clube são ridículas e irracionais, mas brigas entre torcedores de Grêmio e Internacional há se pensar. Nas entrevistas os torcedores dizem abominar os conflitos violentos, entretanto os cânticos que ofendem os torcedores rivais parecem ser encarados com muita tranquilidade. Não chegam a ser percebidos como um dispositivo que levaria a romper a barreira entre simbólico e real. Tal resultado poderia ser diferente se o universo pesquisado englobasse torcedores comuns.

CONCLUSÕES

-Brasil, o país de futebol!! Esta frase que é parte constituinte do imaginário de todos os brasileiros é também permeada por trajetórias acadêmicas que buscam explicá-la. Em Gilberto Freire já se encontrava, ao menos em parte, a busca para o entendimento da paixão e do amor que os brasileiros tem pelo futebol, assim como explicar as características do futebol brasileiro pelos elementos que caracterizava o brasileiro. Arlei Damo (2002) muito contribui para esta explicação, buscando entender as peculiaridades que fazem o futebol ter o espaço e a importância que tem na vida de todos os brasileiros. Com relação a marcante trajetória do futebol do rio-grandense, Guazzelli (1999 e 2010) apresenta um amplo estudo sobre as variantes que proporcionam ao estado do extremo sul do Brasil ter as especificidades que tem com relação ao futebol do restante do Brasil, principalmente do eixo centro-leste. Tais características estão além da forma como joga o jogador profissional, pois se encontram nas mentalidades dos torcedores da dupla Gre-Nal. Notou-se nitidamente que os discursos dos torcedores entrevistados partilham da ideia de que o Rio Grande do Sul, em suas próprias palavras, -é outra coisa. O significado dessa -outra coisa é bastante complexo e certamente envolve, como Guazzelli já referia, o histórico das lutas travadas nas fronteiras gaúchas. Gastaldo (2006) também contextualiza a relação entre o Rio Grande do Sul e o resto do Brasil, fazendo um apanhado histórico desde o Tratado de Tordesilhas (1494), no qual as terras gaúchas (que constituem hoje tanto Brasil quanto Argentina) constituíam territórios móveis, pertencendo hora à Espanha e hora a Portugal.

As entrevistas demonstraram que para esses torcedores a mídia rio-grandense construiu um discurso no qual o Gre-Nal é a maior rivalidade do mundo. Segundo os torcedores entrevistados, ela própria tem dificuldades em lidar com isso, no que tange às atitudes violentas dos torcedores. A maior parte dos entrevistados não acredita que o clássico Gre-Nal represente a maior rivalidade do mundo, ou do Brasil. É apenas mais uma rivalidade, com suas especificidades.

Pensar os dilemas e conflitos sociais a partir do universo futebolístico tem sido cada vez mais utilizado entre os cientistas sociais e também entre outros estudiosos das humanidades. A presente pesquisa apresentou uma introdução e quatro capítulos. Na introdução buscou-se esclarecer um pouco da trajetória do desenvolvimento dos esportes modernos frisando o futebol. Depois se falou sobre o início da preocupação sociológica com os esportes e sobre os primeiros sociólogos a pesquisar os fenômenos do esporte, aliando essa

perspectiva aos estudos sobre a violência e as conflitualidades. A construção da problemática de pesquisa, os objetivos, a hipótese e os procedimentos metodológicos também foram abordados na introdução.

O primeiro capítulo foi uma descrição e contextualização histórica e sociológica do fenômeno esportivos. Para isso contou-se com a apresentação das contribuições de Elias e Dunning, principalmente. As características dos esportes modernos, a profissionalização do futebol, a fundação dos primeiros clubes brasileiros e a formação dos primeiros grupos de torcidas organizadas no mundo e no Brasil foram abordados. Por se tratar de um estudo que leva em conta a construção de uma rivalidade histórica específica – a Gre-Nal – falou-se das contribuições de pesquisadores como Damo (1998 e 2002) e Guazzelli (), que muito esforço dispensaram em frisar as peculiaridades do futebol gaúcho, traduzido num estilo gaúcho de jogar futebol em contraposição de um estilo brasileiro de jogar. O papel e a importância da imprensa e da mídia foram avaliados nesse contexto.

A temática da violência foi abordada no segundo capítulo, no qual buscou-se tratar da abordagem teórica a partir de uma sociologia das violências e das conflitualidades de José Vicente Tavares dos Santos. Mesmo frisando, principalmente a partir de estudos de Murad (2007) e Reis (2006), que a violência no futebol é periférica, abordou-se a perspectiva de que os atos de violência simbólica e física constituem um elemento regular nos espetáculos futebolísticos. No caso de Porto Alegre a Brigada Militar é sempre acionada para fazer a segurança nos estádios e arredores em dias de jogos. Em dias que antecedem o clássico Gre-Nal há reuniões que visam elaborar a logística do dia do jogo que inclui uma escolta para torcida visitante. Tal contexto pode social foi apropriado de maneira a ser estudado sociologicamente nessa dissertação, que a partir da explanação desse capítulo associou os contextos dos torcedores dos clubes de futebol às violências das quais são protagonistas.

Pensar a violência entre os torcedores de Grêmio e Internacional foi associada a forma como a construção da rivalidade desses clubes se desenvolveu. Sendo assim, os processos de socialização e de constituição da formação das identidades desses torcedores foram falados no capítulo terceiro. Os pensadores que constituíram a linha de pensamento desses conceitos foram Claude Dubar, Peter Berger e Thomas Luckmann. Eles compuseram um arcabouço teórico que permitiram analisar o ambiente familiar dos torcedores, suas motivações e o que os levaram a ingressar nas torcidas. Stuart Hall foi utilizado a partir de sua noção de identidade cultural, no intuito de afirmar o Brasil é sim concebido como –o país do futebol. Percebeu-se que o –ser rival é um fator identitário que encontrou um lugar de fala relevante

nos discursos dos torcedores, que procuraram explicar a violência entre as torcidas de Grêmio e Internacional a partir dele. Tal configuração pode ser ajustada a noção de Norbert Elias quando ele explica que as disputas violentas tendem a se tornar cada vez mais pacíficas por status e dinheiro, por exemplo, e a consciência passa a controlar as emoções e os impulsos de forma a levar os indivíduos a não concretizar, ou ao menos limitar, as ações violentas.

Na última parte do terceiro capítulo foram analisadas as entrevistas e o material coletado durante o período de observação. Essa dissertação procurou demonstrar que a construção social da rivalidade entre Grêmio e Internacional aparece como marca constitutiva de um elo social entre os torcedores de seus respectivos clubes. Embora a paixão e o amor ao clube de futebol sempre tenha sido acionada, as entrevistas realizadas nessa pesquisa revelaram que o aspecto da rivalidade possui um peso importantíssimo na forma de interação com o –outroll e que em nome dela a violência é justificada. É relevante salientar que a pesquisa entrevistou torcedores que frequentam assiduamente os estádios e os jogos de seus clubes e que sempre buscam estar inteirados do dia-dia das torcidas das quais fazem parte. Também foi levado em consideração o tempo em que eles estão envolvidos com essas torcidas. Esses aspectos são importantes nesse estudo qualitativo porque demonstraram que a procura por esses grupos sociais se estabeleceu desde a adolescência desses integrantes e por isso eles constituem um elemento representativo, no sentido qualitativo, no que tange a formação de suas identidades a partir da relação com o seu clube e com a torcida que escolheram ingressar. Aliás, a própria escolha de uma torcida dentro do clube significa a maneira como esses torcedores racionalmente querem estar envolvidos com o seu clube.

As narrativas dos torcedores sempre frisavam que o amor ao clube, praticamente uma extensão de si mesmo, é um componente muito mais forte do que o –ódio pelo rival. As disputas internas entre as torcidas também foram relatadas e algumas vezes relacionadas como uma forma de –aparecer, ou seja, ser notada. Uma torcida querer aparecer mais que a outra demonstra a preocupação com uma visibilidade. A busca por essa visibilidade pode ser um aspecto a ser mais bem tratado em outros estudos, pois ela está repleta de significado, a exemplo de outros casos de violência praticado em outras esferas do universo social como a violência no espaço escolar (TAVARES DOS SANTOS, 2009).

No sentido de uma sociologia figuracional aliada à teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias, que constituiu a linha teórica dessa pesquisa, constatou-se que muito embora o futebol, especificamente essa dissertação trata dos torcedores dos clubes de futebol, tenha se desenvolvido também alicerçado em um processo civilizador e por isso conta com a presença

de um aumento da identificação recíproca entre os indivíduos e com o aumento da rejeição aos atos de violência, a percepção do componente identitário de –ser rival|| ainda encontra um espaço determinante nos discursos de manutenção dos comportamentos violentos entre os torcedores dos clubes aqui pesquisados. Tendo em vista que Elias esclarece que ao longo do processo civilizador há vítimas e beneficiários desse processo (Dunning, 2011) e que os pesquisadores devem se preocupar com –como|| e –por que|| um fenômeno é social e psicologicamente gerado para que se possa avaliar tais acontecimentos de maneira mais efetiva das que os que fizeram isso anteriormente, tentou-se comprovar que há características específicas nos casos de violências entre torcidas. Sem dúvida tal prerrogativa se encaixa nos estudos do referido autor sobre o hooliganismo. Auxiliar na construção de políticas ou conjunto de políticas foi uma preocupação para Elias e segue sendo para Eric Dunning. A realidade comprova que o fenômeno do hooliganismo é global. Tratar das especificidades nacionais e regionais é fundamental para que os cientistas sociais e pesquisadores de todas as áreas possam contribuir cientificamente com os processos que definem as situações de violências, independentemente da preocupação com ações que visem interferir diretamente nesses casos. A rivalidade entre Grêmio e Internacional é única, mas as relações que propiciam tal relação podem ser relevantes em diversas realidades.

Apesar dos discursos midiáticos contra a violência nos estádios, o que se entende englobar a violência entre os torcedores fora dos estádios, e das reformulações legais no Estatuto do Torcedor, há uma na relação de alteridade entre alguns torcedores do Grêmio e do Internacional. É correto afirmar que são alguns, entretanto a imprensa e os meios de comunicação em geral são mais –espetacularizados||. Há uma visibilidade e até reconhecimento do tipo: tal torcida é mais violenta que a outra. É necessário se recuperar uma noção de rivalidade amistosa, na qual torcer por um clube de futebol e ingressar em uma torcida do seu –clube do coração|| possam resgatar laços sociais rompidos.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **-Eu canto, bebo e brigo...alegria do meu coração’’: currículo de masculinidades nos estádios de futebol.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70; 1977.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 189-217.

BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 31ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística.** 31ª edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Lisboa: Vega, 1970.

_____. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Razões práticas.** Campinas: Papirus, 1996.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Os processos de civilização e o controle das emoções.** Bauru, SP: edusc, 2007. Coleção Ciências Sociais.

CARDIA, Rodrigo Catto de. **-Jean Marie, o Brasil vai até o Chuí’’: Futebol e identidade “gaúcha” nas páginas da *Folha Esportiva* (1967-1972).** 2009. Monografia (conclusão de curso, departamento de História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

COIMBRA, David; NORONHA, N; SOUZA, M. e MOREIRA, C. A. **A história dos Grenais.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

CORTES, S. M. Como fazer análise qualitativa de dados. In: BÊRNI, Duílio de A. (Org). **Técnicas de pesquisa em economia: transformando curiosidade em conhecimento.** São Paulo: Saraiva, 2002. pp. 234-270.

COSTA, Marcia Regina da e PIMENTA, Carlos Alberto. **A violência: natural ou sociocultural?** São Paulo: Paulus, 2006. Coleção Questões fundamentais do ser humano.

CUNHA, Fabio Aires da. **Futebol, origem, evolução e composição das torcidas organizadas**. Site: www.cdof.com.br/futebol15.htm .Acesso em 05 de junho de 2007, às 13:14.

DA MATTA, Roberto. Esporte na sociedade: Um ensaio sobre o futebol Brasileiro. In: **Universo do Futebol: Esporte e sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Volume I. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, Norbert. e DUNNING, Eric. (org). **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

DUNNING, Eric. -Figurando o Esporte Moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v42, nº1, jan/jun 2011, p11-26.

DUNNING, E; MURPHY, P e WILLIAMS, J. A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In: ELIAS, N. e DUNNING, E (org). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses. Futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FIENGO, Sergio Villena. **Golbalización**. Siete ensayos heréticos sobre fútbol, identidad y cultura. San José: Ediciones Farben/ Grupo Editorial Norma, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre, ARTMED Editora S.A, 2007.

FREUD, Sigmund. A psicologia das Massas e a análise do Eu.

GASTALDO, Édison Luis. Futebol, mídia e sociedade. **Cadernos IHU Ideias**. Ano 1, nº10, p.1-24, 2003.

_____. Esporte, violência e criminalização: uma entrevista com Eric Dunning. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, v. 14, nº 30, julho-dezembro de 2008. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200009&script=sci_arttext#nt01>. Acesso em 16 de fevereiro de 2012.

GASTALDO, Édison Luis e LEISTNER, Rodrigo. "A Mais Gaúcha de Todas as Copas": identidades brasileiras e imprensa esportiva na Copa do Mundo. **Interin**. Curitiba, v.1, p.1-06/16, 2006. <http://www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/02/artigos/06_Gastaldo-Leistner_tematicaLivre.pdf>. Acesso em 04 de janeiro de 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GUAZZELLI, Cesar, A. B. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da -Província de Chuteiras|. **Anos 90**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, nº 11, p. 21-50, julho de 1999.

_____. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Aurora**. Revista de arte, mídia e política. PUCSP, nº 9, p. 84 – 103, 2010.

GRABIA, Gustavo. **La Doce**: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

HALL, Stuart. -Quem precisa de identidade?|| In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro:DP&A, 2006.

HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LOGUERCIO, Luciano Canto. **A prática do futebol por adolescentes de classes populares: um dispositivo “sócio-inclusivo-educativo” e prazer – estudo de caso em uma escolinha de futebol comunitária de Porto Alegre**. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LUCCAS, Alexandre Nicolau. **Futebol e torcidas: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social**. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas Redes e o Enredo do Lugar**: uma Geografia do futebol e seu advento do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Geografia Humana – USP. São Paulo: USP, 2001.

MELO, Luiz Martins de. O país do futebol e a economia do futebol. 2006 - <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/09/359564.shtml>

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012. (Coleção Para Entender).

NERY, André Luis. **Violência no futebol: mortes de torcedores na Argentina e no Brasil**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

NETTO, Carmo Gallo. **O futebol como fenômeno social**. Jornal da Unicamp. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2005/ju295pag12.html>. Acesso em 25 de abril de 2007, às 10:20.

NOGUEIRA, C. O Globo. In: Cadernos esportes. Rio de Janeiro, 26 dez, 2003.

PEREIRA, L. H. Análise de conteúdo: um approach do social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, n.9, 1998. pp. 87-114.

PIMENTA, Carlos Alberto. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação – aspectos da construção de novas relações sociais**. Taubaté: Vogal, 1997.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Editora Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

_____. Os torcedores organizados de São Paulo. **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Curitiba, 2011.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ROSENFELD, A. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1993.

SHIKIDA, Cláudio e SHIKIDA, Pery Francisco. **É o futebol o ópio do povo? Uma abordagem econômica preliminar**. 2004. Disponível em <http://www.ceae.ibmecmg.br/wp/wp19.pdf>. Acessado em 10 de outubro de 2011.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **Violências e conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo editorial, 2009.

TAVARES DOS SANTOS e MACHADO, Elizabeth Mazon. Violência e juventude e reconstrução dos laços sociais. **Revista Brasileira de Psicoterapia**.v 12, n. 2 e 3 p.238-251, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996. (Coleção educação física e esportes).

_____. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. Coleção descobrindo o Brasil.

TUBINO, Manoel. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Anexo

Roteiro da entrevista

Eixos	Temas	Questões	Script
Escolha do clube	Influências	Quando começou a ser colorado ou gremista? Qual a primeira lembrança? Quem mais influenciou? Quem você acredita que mais influencia, de maneira geral? Por que o clube? Relação com os familiares? O que o clube significa? Que peso tem na sua vida? O que é torcer? O que é amar o clube?	

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Escolha da torcida e características</p>	<p>Como escolheu</p> <p>Grau de envolvimento</p> <p>Assiduidade</p>	<p>Você acredita que escolheu o clube?</p> <p>Quando decidiu participara de uma torcida?</p> <p>O que fez você optar por essa torcida?</p> <p>Qual seu grau de envolvimento com essa torcida?</p> <p>Como você percebe as demais torcidas do clube?</p> <p>Como se dá a relação da torcida com o clube?</p> <p>Qual o grau de assiduidade no estádio?</p> <p>Acompanha o clube fora do estádio?</p> <p>Quando não vai ao estádio, assiste em outro local?</p> <p>Torcer ou assistir? Por quê?</p> <p>Qual o papel da lideranças?</p>	
---	---	--	--

<p>Relação com o clube rival e seus torcedores</p>	<p>Olhar sobre o outro</p> <p>Discurso da mídia</p>	<p>Pra você, o que significa nascer no Rio Grande do Sul?</p> <p>Como você enxerga a seleção brasileira?</p> <p>Como você enxerga torcer pra seleção brasileira? O que representa?</p> <p>O clube ou o Rio-Grande?</p> <p>Por que o hino rio-grandense é cantado com mais força?</p> <p>O que é o outro?</p> <p>Como você enxerga a rivalidade?</p>	